



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BÁSICA

CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO BÁSICA (MPEB)



BEATRIZ CRISTINA ELIAS DOS SANTOS

**ENTRE LONGAS, CURTAS E ANIMAÇÕES: os multiletramentos audiovisuais e suas linguagens – uma experiência de “telas” e telas no ambiente escolar na educação da Rede Municipal do Recife**

Recife

2024

BEATRIZ CRISTINA ELIAS DOS SANTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Básica do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação Básica

**Orientador:** Prof. Dr. Pablo Francisco de Andrade Porfírio

Recife  
2024

## Ficha catalográfica

BEATRIZ CRISTINA ELIAS DOS SANTOS

**ENTRE LONGAS, CURTAS E ANIMAÇÕES: os multiletramentos audiovisuais e suas linguagens – uma experiência de “telas” e telas no ambiente escolar na educação da Rede Municipal do Recife**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Básica do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação Básica

Aprovada por videoconferência em: XX/XX/2024.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Pablo Francisco de Andrade Porfírio (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Raylane Andreza Dias Navarro Barreto (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Arthur Gustavo Lira do Nascimento (Examinador Externo)  
Centro Universitário Brasileiro (Unibra)

Aos meus pais João Ventura e Maria Anunciada por terem priorizado a educação em nossa família ao longo de uma vida.

Ao meu marido Carlos e meus filhos Pedro e Mariana por participarem do meu processo de estudo e dedicação a esta pesquisa.

E a todas as crianças que me rodeiam, pois elas são fontes inesgotáveis de imaginação, inteligência e alegria.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todas as políticas que mantêm e sustentam a universidade pública no Brasil. Foi por meio delas que cheguei até aqui, à graduação na Universidade de Pernambuco (UPE) e à especialização da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Dirijo também minha gratidão à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sobretudo aos docentes e funcionários do Centro de Educação, e em especial às professoras doutoras Viviane de Bona e Raylane Andreza Dias Navarro Barreto. Agradeço ainda ao Mestrado Profissional em Educação Básica (MPEB), que, através de uma parceria pioneira com a Prefeitura do Recife, atuou no cumprimento do papel da universidade e do poder público em favor da democratização do acesso à pós-graduação, ao propiciar um curso de mestrado profissional que se notabiliza por atender professores do ensino público desta cidade.

Agradeço ao meu orientador, professor doutor Pablo Francisco de Andrade Porfírio, pelas manifestações de apoio, disponibilidade, aconselhamento assertivo e contribuição neste desafio.

Aos colegas da turma do mestrado pelas risadas, trocas e contribuições constantes, em especial a representante Gisele Carvalho pela paciência e dedicação a todos.

Aos colegas e amigos de profissão da Rede Municipal do Recife, em especial da Unidade de Tecnologia Jardim Botânico e da escola atendida pela pesquisa, que me ajudaram, apoiaram, participaram e acreditaram na trajetória da minha abordagem.

De forma incondicional, agradeço ao meu marido Carlos e aos meus filhos Pedro e Mariana pelo incentivo e paciência. A Lindalva, meu anjo da guarda. A toda minha família: Santos, Souza e Ximenes. Aos amigos do Ladrão de Sono e suas crianças.

Agradeço a Deus e Nossa Senhora da Conceição por todas as oportunidades concedidas a mim e pela força e tranquilidade nos momentos de fraqueza e dificuldades.

À sétima arte, o cinema, que junto com a educação consegue abrir janelas de ideias e sonhos para tantas crianças, adultos e jovens em minha cidade e acho que no mundo também.

## **Caminhos de Mim...**

Ruas  
Trilhas  
Vielas  
Olhar à frente e acima é básico  
Que caminhos percorremos?

Na areia  
Nas águas  
Águas de Mar  
Águas de Rio  
Dançar na grama

São caminhos...

Caminhos do amor  
Amor maternal  
Amor pelos meus pequenos  
Amor pelos não tão meus assim  
Mas estão em meu caminho....

Caminhos  
Em dias que se põem  
E da minha janela escurecem-se

Caminhos de salas escuras  
De outras janelas de luz que se abrem  
e propõem luzes, câmeras e ação  
Ou será só LUZ??

“O caminho da Luz”  
Achar isso?  
Cada um tem o seu  
Entre livros, educação  
Salas,  
Computadores,  
Tecnologia  
Telas,  
Quadros brancos  
Que vão sendo preenchidos  
Ao longo de caminhos

Caminhos  
Que precisam  
Ser vistos e revistos  
Básico: É olhar para cima  
E em frente,  
Sempre  
Luz !!  
Luz !!

Beatriz C. E. Santos

## RESUMO

A pesquisa tem foco na investigação das relações entre Linguagem Audiovisual e Educação como instrumentos de aprendizagem e prática escola. Para tanto, são situados as trajetórias político-educacionais sobre o audiovisual e o cinema no Brasil e no Recife. A metodologia empregada caracteriza a abordagem como pesquisa-ação, pelo fato de a pesquisadora fazer parte do processo de assessoramento da escola envolvida como professora multiplicadora. Buscando o apoio teórico em diálogos com diversos autores, abordando tópicos como o processo político-histórico da Escola Nova (Saviani, 2021), a aprendizagem e interações sociais nos processos de imaginação e criação de Vigotski, bem como as abordagens relacionadas a cinema, educação e audiovisuais propostas por Duarte (2002) e Fresquet (2020). Além disso, foram consideradas as reflexões de Freire (1998a) sobre o fazer pedagógico. As discussões culminaram no planejamento e realização de oficinas temáticas pedagógicas e vivências externas ao ambiente escolar, com estudantes e professores nas quais os participantes experimentaram práticas audiovisuais. Foram conduzidos cinco experimentos, denominados “Trelas e Telas”. Os materiais elaborados pelos estudantes abordaram temáticas do currículo escolar explorando questões do cotidiano dentro e fora da escola. Com o resultado dessas experiências, foi desenvolvido um produto de pesquisa a “Caixa de Trelas e Telas: o audiovisual na escola”, um conjunto de recursos didáticos que propõe estudantes e professores fazerem uso de forma experimental a brincar, de criar, de “trelar” e para aqueles que enxergam nas telas um caminho de concretização do imaginário humano. Na Caixa de Trelas e Tela inclui um guia, o Guia Didático de Trelas e Telas: para experiências audiovisuais em sala de aula. Um guia ilustrado de práticas audiovisuais alinhadas ao currículo escolar, com as sessões nomeadas por TRELAS DE BRINCAR, que traz brinquedos ópticos. TRELAS DO OLHAR com experimentos do olhar e enquadramento, TRELAS DO OUVIR que exploram músicas que contam histórias TRELAS DE SENTIR Objetos afetivos que contam algo de mim TRELAS DE CRIAR HISTÓRIAS E FILMES narrativas e criação de histórias para filmes de animação.

**Palavras-chave:** Linguagem, Audiovisual, Educação.

## RESUMEN

La investigación se centra en indagar en las relaciones entre el Lenguaje Audiovisual y la Educación como instrumentos de aprendizaje y práctica escolar. Para ello, se sitúan las trayectorias político-educativas en torno al audiovisual y al cine en Brasil y Recife. La metodología utilizada caracteriza el enfoque como investigación-acción, debido a que el investigador forma parte del proceso de asesoramiento a la escuela involucrada como docente multiplicador. Buscando apoyo teórico en diálogos con diversos autores, abordando temas como el proceso político-histórico de la Escola Nova (Saviani, 2021), el aprendizaje y las interacciones sociales en los procesos de imaginación y creación de Vygotsky, así como enfoques relacionados con el cine, la educación y audiovisuales propuestas por Duarte (2002) y Fresquet (2020). Además, se consideraron las reflexiones de Freire (1998a) sobre la práctica pedagógica.

Los debates culminaron con la planificación y realización de talleres y experiencias pedagógicas temáticas fuera del ámbito escolar, con estudiantes y profesores, en los que los participantes experimentaron con prácticas audiovisuales. Se realizaron cinco experimentos, denominados "Correas y Pantallas". Los materiales creados por los estudiantes abordaron temas del currículo escolar, explorando cuestiones cotidianas dentro y fuera de la escuela. Con el resultado de estas experiencias se desarrolló un producto de investigación, la "Caja de Correas y Pantallas: el audiovisual en la escuela", un conjunto de recursos didácticos que propone a estudiantes y docentes utilizarlo de manera experimental para jugar, crear, "correa" y para quienes ven las pantallas como un camino para hacer realidad la imaginación humana. La Caja Correa y Pantalla incluye una guía, la Guía Didáctica Correa y Pantalla: para experiencias audiovisuales en el aula. Una guía ilustrada de prácticas audiovisuales alineadas con el currículo escolar, con las sesiones denominadas TRELAS DE BRINCAR, que cuenta con juguetes ópticos. ARRENDAMIENTOS DE MIRAR con experimentos de mirar y encuadrar, ARRENDAMIENTOS DE ESCUCHAR que exploran música que cuenta historias ARRENDAMIENTOS DE SENTIR Objetos afectivos que cuentan algo sobre mí ARRENDAMIENTOS DE CREAR HISTORIAS Y PELÍCULAS narrativas y creación de historias para películas animadas.

Palabras clave: Lenguaje, Audiovisual, Educación.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Primeira lei brasileira que dispõe sobre o cinema educativo	23
Tabela 1 –	Implementação do cinema educativo no Brasil (1930-1950) .....	27
Tabela 2 –	Informações sobre o 1º Encontro Municipal de Audiovisual na Educação do Recife (2017) .....	35
Tabela 3 –	Currículo da Rede: Arte-Educação do Recife (2017) .....	36
Tabela 4 –	Cronograma de pesquisa na Escola Municipal do Barro .....	44
Tabela 5 –	Cursos, seminários e formações complementares da pesquisadora .....	47
Foto 1 –	Oficina de Stop-Motion Escrevendo e Desenhando narrativas na Biblioteca .....	49
Tabela 6 –	Plano de Ação: etapas da pesquisa .....	50
Tabela 7 –	Uso inadequado do vídeo em sala de aula .....	53
Composição 1 –	Exploração ambiente escolar usando dispositivos audiovisuais para enquadramento .....	55
Composição 2 –	Oficina: brinquedos ópticos, o taumatrópio .....	57
Composição 3 –	Fotos legendadas para contemplação dos estudantes em favor de um exercício de pertencimento .....	59
Figura 2 –	Produção do <i>storyboard</i> das estudantes R. e M. A. (8 anos), 2º Ano (filme: As meninas que gostavam de ler) .....	60
Figura 3 –	Produção do <i>storyboard</i> do estudante E. C., grupo V (filme: O passeio do cachorro paçoca) .....	61
Figura 4 –	Produção do <i>storyboard</i> dos estudantes P. (9 anos), 2º ano, e S. I. (8 anos) 2º ano (filme: A igreja abandonada) ....	61
Figura 5 –	Produção do <i>storyboard</i> do estudante E. (5 anos), grupo V (filme: Eu e minha família) .....	62
Figura 6 –	Produção do <i>storyboard</i> do estudante L. (6 anos), 1º ano (filme: O gato preto) .....	62
Figura 7 –	Produção do <i>storyboard</i> do estudante R. (6 anos), 1º ano (filme: Os amigos monstros) .....	63
Composição 4 –	Processo de manipulação e dos personagens no filme .....	63

Composição 5 – Aparência do Aplicativo Stop Motion Studio .....	64
Composição 6 – I Mostra do festival de curtas produzidos estudantes e exibidos na escola .....	65
Tabela 8 – Curtas de animação produzidos pelos estudantes .....	66
Tabela 9 – Filmes premiados na edição 2022 do Emcine .....	68
Composição 7 – Premiação do Emcine e capa do filme Tudo acontece na Igreja do Barro .....	69
Gráfico 1 – O que é cinema? .....	70
Gráfico 2 – Produções de vídeo por educadores .....	70
Transcrição 1 – Vídeo 1 – Músicas que contam histórias: estudante .....	73
Transcrição 2 – Vídeo 2 – Músicas que contam histórias: funcionária escolar .....	73
Composição 8 – Compilado do postal com imagens do público do Barro no Festival Animage .....	75
Composição 9 – Compilado: estudantes na roda de conversa e na votação do júri popular .....	76
Figura 7 – Produção de texto por estudante sobre experiência da aula-passeio ao Animage .....	76
Tabela 10 – Filmes da Mostra Animage 2023 (Categoria Infantil 1) assistidos pelos estudantes .....	77
Transcrição 3 – Vídeo Produzindo Autobiografias (Professora I. M.) .....	79

## LISTA DE SIGLAS

DGTEC	Diretoria Geral de Tecnologia na Educação e Cidadania
DTE	Departamento de Tecnologia na Educação
SEPTI	Secretaria Executiva de Projetos, Tecnologia e Inovação
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
INCE	Instituto Nacional de Cinema Educativo
LDBE	Lei de Diretrizes Brasileira de Educação
MEC	Ministério da Educação
Nepp	Núcleo de Estudos de Políticas Públicas
7CINE	Setor Cinema de Tecnologia e Educação
Nupi	Núcleo Profissionalizante de Informática
PCR	Prefeitura da Cidade do Recife
PMTE	Programa Municipal de Tecnologia na Educação
Proinfo	Programa Nacional de Tecnologia Educacional
RMER	Rede Municipal de Ensino do Recife
Seel	Secretaria de Educação, Esporte e Lazer
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
Utec	Unidade de Tecnologia na Educação e Cidadania

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>TRELA, LUZ, CÂMERA, AÇÃO E INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
1.1	EU, PROFESSORA MULTIPLICADORA E PESQUISADORA: TECENDO O PROBLEMA E OS OBJETIVOS DE TRABALHO .....	19
<b>2</b>	<b>LUZ: A TRAJETÓRIA POLÍTICA DO AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA .....</b>	<b>22</b>
2.1	O CINEMA EDUCATIVO: O INCE E SEUS OBJETIVOS NACIONALISTAS .....	24
2.2	O CINEMATÓGRAFO: RECURSOS DIDÁTICOS AUDIOVISUAIS .....	27
2.3	O PERCURSO DO AUDIOVISUAL NO RECIFE .....	30
2.4	O ENCONTRO MUNICIPAL DE AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO DO RECIFE (EMCINE) .....	34
2.5	OS MARCOS REGULATÓRIOS DO AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO: LDB, BNCC E LEI Nº 14.533/2023 .....	36
<b>3</b>	<b>QUEM SOMOS? UM PERFIL ESCOLAR E DE ATORES NA ESCOLA MUNICIPAL DO RECIFE E SUAS RELAÇÕES COM O CINEMA AUDIOVISUAL .....</b>	<b>38</b>
<b>4</b>	<b>CÂMERA: AS AUDIOVISUALIDADES, SEUS LETRAMENTOS E A LINGUAGEM NA ESCOLA .....</b>	<b>40</b>
<b>5</b>	<b>UM OLHAR: OS CAMINHOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>42</b>
5.1	AÇÃO! A PESQUISA-AÇÃO, A EXPERIÊNCIA VIVIDA E OS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS .....	42
5.2	A TRAJETÓRIA DA PESQUISA .....	46
<b>6</b>	<b>AS TRELAS E TELAS NO ESPAÇO ESCOLAR: UM CAMINHO DE EXPERIÊNCIAS COM O AUDIOVISUAL .....</b>	<b>52</b>
6.1	ETAPA 1: AS PREMISSAS DA PESQUISA COM A GESTÃO E O CORPO DOCENTE DA ESCOLA .....	52
6.2	ETAPA 2: OFICINA DE CINEMA – O QUE É CINEMA, IDEIAS E DEPOIMENTOS, COLETA IDEIAS PRÉVIAS; ENCONTROS COM ESTUDANTES EM RODAS DE CONVERSA; CINEMA, IMAGENS DE ENQUADRAMENTO E OLHAR DA FOTOGRAFIA .....	54

6.3	ETAPA 3: OFICINA DE CINEMA – BRINQUEDOS ÓPTICOS E EXPERIMENTAÇÃO COM A LUDICIDADE DOS BRINQUEDOS E DO OLHAR .....	56
6.4	ETAPAS 4 E 5: OFICINA DE STOP-MOTION – FILMES E PERSONAGENS DE FILMES E TEMÁTICAS DE PERTENCIMENTO DE INTERESSE DOS ESTUDANTES (BAIRRO, AMBIENTES) .....	58
6.5	ETAPA 6: EDIÇÃO DE FILMES, MONTAGEM DE CENÁRIOS, CONSTRUÇÃO DOS PROFESSORES ENVOLVIDOS E MONTAGEM TÉCNICA DOS FILMES .....	63
6.6	ETAPA 7: FESTIVAL DE CINEMA DO BARRO, I MOSTRA DO FESTIVAL DE CURTAS PRODUZIDOS PELOS ESTUDANTES E EXIBIDOS NA ESCOLA E CONTEMPLAÇÃO DAS IDEIAS CONCRETIZADAS NAS TELAS DE PROJEÇÃO DA ESCOLA .....	64
6.7	ETAPAS 8 E 9: INSCRIÇÕES E PREMIAÇÃO NO ENCONTRO MUNICIPAL DE AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO (EMCINE) .....	67
6.8	ETAPA 10: OFICINA DE EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL: AS TRELAS E TELAS NA ESCOLA E SEUS DISPOSITIVOS: UMA ANÁLISE DAS IDEIAS DAS PROFESSORAS SOBRE O QUE É CINEMA, HISTÓRIA DO CINEMA E MINUTO LUMIÈRE .....	69
6.9	ETAPA 11: OFICINA COM OS PROFESSORES: OFICINAS DE EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL – AS TRELAS E TELAS NA ESCOLA, DISPOSITIVOS, OBJETOS AFETIVOS E MÚSICAS QUE CONTAM HISTÓRIAS .....	71
6.10	ETAPA 12: EXPERIÊNCIAS EXTERNAS – FESTIVAL INTERNACIONAL DE ANIMAÇÃO DE PERNAMBUCO (ANIMAGE), MOSTRA INFANTIL E OFICINAS COM OS PROFESSORES E OS ESTUDANTES .....	74
6.11	ETAPA 13: OFICINA COM OS PROFESSORES – ENCONTRO 3, EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL, NOSSOS FILMES CRIANDO NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS E <i>STORYBORDS</i> .....	78
7	<b>AS ATIVIDADES COM AS PROFESSORAS: UMA ANÁLISE DA PESQUISA, UM POSSÍVEL DIÁLOGO EM RELAÇÃO ÀS PRÁTICAS AUDIOVISUAIS .....</b>	<b>80</b>

<b>8</b>	<b>O ENTRELACE ENTRE TELAS E TRELAS: CONSIDERAÇÕES</b>	
	<b>FINAIS .....</b>	<b>83</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>87</b>
	<b>ANEXO – CARTA DE ANUÊNCIA.....</b>	<b>91</b>
	<b>APÊNDICE A – FICHA STORY BORDS.....</b>	<b>93</b>
	<b>APÊNDICE B – GUIA DE TRELA E TELAS .....</b>	<b>94</b>

## **1 TRELA, LUZ, CÂMERA, AÇÃO E INTRODUÇÃO**

Proporcionar a experimentação de uma nova linguagem, aliando a educação e as audiovisualidades a professores e estudantes da minha cidade, é a luz desta dissertação, através de uma proposta de ação intervencionista que busca aproximar-se desse universo mágico das câmeras para a construção de um novo olhar, podendo contribuir na formação de professores e estudantes para o mundo da escola e para o mundo da vida.

Mediando esse encontro de estudantes e professores, o cinema e o audiovisual surgem como linguagem pedagógica com toda a potência de permitir a discentes registrar suas histórias e professores buscar olhares nos momentos de relatos, ambos por meio de oficinas pedagógicas.

A história da mídia-educação demonstra que o entendimento do cinema e suas audiovisualidades como objetos de intervenção educativa nas escolas foi consolidado há muito tempo em alguns países, mas, em outros, como o Brasil, ainda está em processo de consolidação. Em ambas as situações, essa perspectiva diz respeito ao trabalho com o cinema no sentido da visão, análise e discussão de filmes, trazendo sempre essa prática tradicional nas salas de aulas.

Nesse diálogo, faz-se necessário apontar que nos últimos anos, entre 2020 e 2021, a educação no contexto pandêmico foi colocada em frente às telas de maneira forçada, evidenciando diferentes contextos socioculturais. As situações reais, antes pautadas na presencialidade e na troca sistemática entre estudantes e professores, então passaram a figurar através das ferramentas tecnológicas e da relação digital entre os sujeitos do ato educativo. Novas formas de aprender e ensinar foram elaboradas, enquanto novas exigências por parte das mantenedoras passaram a ser direcionadas aos professores. O processo de trabalho docente até então realizado foi desestruturado com o ensino remoto, trazendo densas implicações e exigindo mudanças profundas para as quais os docentes não estavam preparados. Câmeras, vídeos e outros recursos audiovisuais foram os meios de comunicação recorrentes, de tal modo que os usos de suas linguagens e seus dispositivos foram intensificados nesse período.

A partir dessas observações, percebemos a necessidade de evidenciar um cenário e uma discussão: como os professores e estudantes andam se relacionando

com as telas, com a linguagem audiovisual contemporânea, com as influências, sejam elas televisivas, cinematográficas? Quais as práticas cotidianas na educação audiovisual podem ser aliadas do ensino-aprendizagem? Que letramentos audiovisuais são passíveis de serem aplicados nas escolas? Que marcos regulatórios brasileiros fazem parte dessa trajetória? Como é praticada a educação audiovisual na rede municipal do Recife?

Abordo na pesquisa a evolução das discussões em torno dos recursos audiovisuais voltados para a educação ao longo das décadas. Isso revela uma época em que educadores e teóricos traziam discussões pertinentes às diferentes realidades, voltadas ora para os entraves das políticas públicas na aquisição de equipamentos para as escolas, ora para a formação de educadores, o que se evidencia na trajetória histórica iniciada no Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), primeiro órgão estatal brasileiro voltado para o cinema e a educação, até as atuais políticas de implantação da Rede Municipal do Recife com seus projetos e programas ratificando a utilização das audiovisualidades.

Nesse cenário, o cinema e a educação audiovisual apresentam possibilidades concretas de dar suporte e potencializar as práticas educativas colaborativas e emancipatórias, ao incluir, no complexo sensível, semiótico e discursivo da sua linguagem, a força criadora de mundos que o professor Paulo Freire reconheceu nas palavras. O audiovisual pode contribuir para a sistematização de uma ação libertadora no processo de ensino e aprendizagem, em seu campo epistemológico de conhecimento e linguagem. “Ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais” (Duarte, 2002, p. 17).

A imaginação é uma ferramenta poderosa que nos permite expandir nossos horizontes e compreender melhor o mundo ao nosso redor. A imaginação pode ser orientada pela experiência do outro, permitindo-nos visualizar lugares e situações que nunca vimos antes. Isso pode nos ajudar a entender melhor a realidade e a ampliar nossas perspectivas. Por outro lado, a experiência também pode ser influenciada pela imaginação, permitindo-nos ver as coisas de maneiras novas e criativas. Em resumo, a imaginação e a experiência são duas ferramentas complementares que nos permitem aprender e crescer de maneiras únicas e significativas.

A produção de histórias por parte dos estudantes sempre foi uma prática escolar estimulada por professores. A escrita e as imagens ganham um mundo imaginário, personagens criam características, cenários são evidenciados em desenhos, contribuindo para currículo e o cotidiano escolar. E quando toda essa prática ganha movimentos, vidas e narrativas?

Basta lembrar de como o universo lúdico e fantasioso da animação é próprio do universo infantil. Os estudantes naturalmente criam histórias narrativas dando vida a qualquer coisa que esteja ao seu redor, seja um objeto, bichos de pelúcia, bonecos ou carrinhos. Nesse sentido, a sala de aula se torna um terreno fértil para a fabulação e a produção de vídeos. Além disso, valorizar o potencial de criação das crianças materializando as suas ideias em formato de vídeo pode transformar a relação que elas têm com a escola, de modo a percebem-na como um espaço onde elas se sentem valorizadas.

Experienciar o universo do audiovisual e seus recursos pode conduzir uma abordagem na perspectiva educacional. E o cinema como linguagem educativa pode contribuir com a formação e o letramento audiovisual de professores e estudantes.

No caso deste estudo, o local de pesquisa foi a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental do Barro, localizada no município de Recife, capital de Pernambuco. Como professora-multiplicadora, acompanho a referida escola nas atividades e projetos com o uso pedagógico das tecnologias da rede municipal. Observando seu cotidiano e demandas institucionais, pude constatar que muitas das práticas por parte dos professores em relação ao cinema e ao audiovisual estavam ligadas à exibição de filmes como agregadores de temáticas clássicas em suas aulas, por entretenimento de forma sistemática ou ao uso para ilustrar conteúdos com vídeos prontos em diferentes plataformas. Diante desse cenário, um dos meus questionamentos em relação ao uso do cinema e do audiovisual na unidade escolar era se tais recursos poderiam ali ser estudados e experimentados, de modo a valorizar a autoria, o protagonismo estudantil e práticas ativas a serem ofertadas às professoras da unidade. Desse modo, a pesquisa foi realizada tendo como foco o estímulo da criatividade e do protagonismo infantil e das potencialidades didáticas para os professores, respeitando suas subjetividades.

Os conceitos e referências que nortearam nossos estudos provêm, entre outros, das contribuições de Vigostki, baseadas nas interações sociais e conceitos de

relações entre o real e o imaginário do indivíduo; de Freire (1998a), com o estímulo à criticidade do sujeito e suas identidades; das concepções de cinema e educação segundo as visões de Duarte (2002) e Fresquet (2015, 2023); e do diálogo entre o Programa Cinema na Escola e as políticas educacionais da Rede Municipal do Recife, e do marco legal subsidiado pela LDB, BNCC e Lei Nº 14.533, de 11 de janeiro de 2023, que instituiu a Política Nacional de Educação Digital (PNED).

Adotando-se uma abordagem que parte do pressuposto de que os professores podem desenvolver melhor essas competências em diálogos com seus pares, foram utilizados os seguintes instrumentos de coleta de dados: observações, rodas de conversa e oficinas com professores e estudantes, com a mediação da pesquisadora.

Na unidade escolar em questão, foram oferecidos no ano de 2022 oficinas para estudantes e professores através de cinco encontros de experimentação. E em 2023, houve dois encontros com professores e dois encontros com estudantes, onde os dispositivos audiovisuais foram explorados por todos os envolvidos nas oficinas. Tais atividades proporcionaram a confecção de brinquedos ópticos, o manuseio de câmeras fotográficas digitais, a produção de desenhos de roteiros, a obtenção de prêmio na categoria de animação num festival municipal, a escrita de roteiros, a produção de animações, a ida a festivais internacionais e a obtenção de outros prêmios. Estudantes de Grupo V da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental participaram em ambos os turnos. Estas informações serão melhor detalhadas na seção 3 desta dissertação.

A ideia foi trabalhar outros mundos de modo a permitir vivenciar-se, com o cinema e seus dispositivos, uma proposta educativa de acordo com as realidades de ambos os tipos de sujeitos envolvidos, considerando, em especial, que é importante que o professor vivencie um processo pessoal de sensibilização e experimentação do potencial pedagógico do audiovisual, para ter mais clareza e segurança no trabalho com os estudantes. Aspectos de caráter objetivo e subjetivo podem ser interpretados a partir da maturidade visual, cultural, educacional e social, da parte ao todo e do todo à parte, sob à luz do pensamento freiriano, colocando-se em evidência o potencial libertador do audiovisual no campo educacional.

A apropriação do multiletramento visual por parte de estudantes e professores nesse processo foi abordada em benefício de uma formação cultural humana e ética dos sujeitos envolvidos. Para mediar esses encontros por meio das oficinas

pedagógicas temáticas, os conceitos foram abordados através de questões das realidades pertinentes às experiências dos estudantes e dos professores, em planejamento com o corpo docente escolar.

### 1.1 EU, PROFESSORA MULTIPLICADORA E PESQUISADORA: TECENDO O PROBLEMA E OS OBJETIVOS DE TRABALHO

Acredito que o cinema e o audiovisual podem ser recursos valiosos para a educação, pois têm a capacidade de ajudar a criar experiências pedagógicas mais concreta e autêntica para os professores e estudantes, podendo ser usados para explorar questões complexas e desafiadoras, além de ressignificar assuntos como o imaginário infantil, as realidades locais, a justiça social e a diversidade cultural, permitindo-nos exercitar a imaginação como parte de uma experiência criativa e educativa.

Vygotsky relacionou formas de vinculação entre a imaginação, a realidade e o uso das fantasias como poderosas ferramentas pedagógicas, uma vez que a fantasia constrói algo novo. E em relação ao audiovisual, chamo a atenção para não pesarmos só na forma técnica, pois é necessário ampliar nossa ação para as esferas emocional, social e política.

Partindo desses pressupostos, é fundamental questionarmos como os professores e estudantes andam se relacionando com as telas, com a linguagem audiovisual contemporânea, com as influências televisivas, cinematográficas e midiáticas. Devemos compreender quais as práticas cotidianas na educação audiovisual podem ser aliadas do ensino-aprendizagem e que letramentos audiovisuais são possíveis de serem aplicados nas escolas.

A partir dessas inquietações e questionamentos, pude observar nas etapas da pesquisa que o cinema e o audiovisual se encaixam em ações iniciadas pela escola e pela família em contato constate com telas. Nesse sentido, como podemos estimular um olhar e uma outra maneira de se pensar e consumir cinema e o audiovisual na escola?

Moran (2000, p. 23) destaca os desafios em relação à pluralidade do audiovisual na educação:

Um dos grandes desafios para o educador é ajudar a tornar a informação significativa, a escolher as informações verdadeiramente importantes entre tantas possibilidades, a compreendê-las de forma cada vez mais abrangente e profunda e a torná-las parte do nosso referencial. Aprendemos melhor quando vivenciamos, experimentamos, sentimos. Aprendemos quando relacionamos, estabelecemos vínculos, laços, entre o que estava solto, caótico, disperso, integrando-o em um novo contexto, dando-lhe significado, encontrando um novo sentido.

Busquei analisar se o cinema e o audiovisual podem ser vivenciados na escola de educação básica em uma perspectiva de produção e autoria retratando suas realidades e identidades. Procurei oferecer experiências que incentivassem a sensibilização dos estudantes e professores para uma nova forma de aprender e ensinar na escola, por considerar que, a partir desses encontros, poderiam ser construídas experiências de aprendizagem e de ensino com base na construção dos letramentos do audiovisual, por parte de discentes e docentes.

Assim, tivemos como objetivos alcançados com a pesquisa:

- A Identificação de linguagens audiovisuais e seus dispositivos, mapeando práticas e analisando suas contribuições para o ensino-aprendizagem.

Já em relação aos objetivos específicos, com este trabalho realizamos

- As experimentações de produções audiovisuais a partir da linguagem própria desse campo e de seus letramentos em oficinas com os estudantes e os professores;
- Articulamos experiências com professores e estudantes em ambientes externos à escola em festivais audiovisuais e ida a cinemas da cidade;
- Planejamos e produzimos filmes Minutos Lumière com professores e curtas de animação em *stop-motion* com os estudantes com narrativas que abordassem suas realidades;
- Realizamos a I Mostra Audiovisuais na Escola, exibindo os filmes produzidos pelos estudantes.

Ainda como proposta e pré-requisito da academia para a finalização da pesquisa, a pesquisadora elaborou um produto relacionado com a pesquisa, um guia como recurso didático: *A Caixa de trelas e telas: dispositivos audiovisuais de ensinar, brincar e aprender*, como estratégia didática para o uso do audiovisual nas escolas na Rede Municipal do Recife.

Desconstruir a ideia uniforme de que o cinema e o audiovisual estão no nosso cotidiano educacional limitado à exibição de longos filmes é uma maneira de proporcionar construções de uma nova linguagem. A prática que se faz criticamente pretendendo estabelecer uma conexão para proporcionar novos conhecimentos é uma maneira de tornar a aprendizagem significativa e o ensino inovador. Fresquet (2020, p. 20) exemplifica que tendo “[...] o cinema como parceiro, a educação se inspira, se sacode, provoca as práticas pedagógicas esquecidas da magia que significa aprender, quando o ‘faz de conta’ e a imaginação ocupam lugar privilegiado na produção sensível e intelectual do conhecimento”.

Nesse processo de imaginar, discutir cinema e suas linguagens com os estudantes e professores, cria-se um espaço unilateral de diálogos, sonhos e realidades.

Finalizando esta introdução, descrevo o corpo do trabalho. Os títulos de cada seção contêm palavras ou expressões alusivas às experiências que o audiovisual proporcionou aos participantes. Considero isso algo importante para ilustrar e tornar perceptível a minha proximidade da pesquisa. Ao mesmo tempo, declaro minha alegria e gratidão apresentando algumas contribuições.

Na seção 2, apresento uma abordagem histórica das políticas públicas relativas ao audiovisual na educação, traçando uma linha cronológica de ações no Brasil e em Recife dentro da rede municipal de ensino. Na seção 3, evidencio os perfis dos professores e estudantes pesquisados na escola, e minha relação como professora multiplicadora da unidade. Na seção 4, apresento minha abordagem metodológica. Na seção 5, descrevo como aconteceram os planejamentos, as oficinas pedagógicas e as produções audiovisuais em animações de *stop-motion*. Na seção final, concluo minhas considerações e aponto questões importantes com a proposta do produto pedagógico *Caixa de trelas e telas: dispositivos audiovisuais de ensinar, brincar e aprender*.

## 2 LUZ: A TRAJETÓRIA POLÍTICA DO AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Na década de 30, Getúlio Vargas assume o governo provisório e afirma a um grupo de intelectuais suas imposições em relação a educação do país. Em 1932 promulgam o Manifesto dos Pioneiros, tendo como principal personagem Fernando de Azevedo, entre outros, como Lourenço Filho e Anísio Teixeira.

[...] Fernando de Azevedo foi o principal divulgador e apologeta do movimento da Escola Nova no Brasil. Em *Novos caminhos e novos fins: a nova política de educação no Brasil – subsídios para uma história de quatro anos* (AZEVEDO, 1958), cuja 1ª edição é de 1931, apesar da pretensão do subtítulo, o objeto do livro incide sobre o processo da reforma da instrução pública do Distrito Federal, por ele próprio dirigida entre 1927 e 1930. Nessa obra fica explicitamente declarada a filiação à Escola Nova, tanto da reforma como de seu autor. E no capítulo IV, "A renovação e a unificação do sistema educativo", da terceira parte de A cultura brasileira, faz-se a apologia do movimento renovador, ao mesmo tempo em que se exalta a nova política educacional do Estado Novo. Para ele a ideia de uma política nacional de educação e cultura atingiu seu ponto culminante com a Constituição de 1937. (Saviani, 2021, p. 210).

A Escola Nova é o período em que novas formas de se fazer educação surgiram. No Brasil, as ideias da Escola Nova foram intensificadas sob a influência do filósofo e pedagogo John Dewey (1859-1952), buscando alinhar o diálogo com os ideais políticos educacionais da época. Segundo Aranha (1989, p. 229-230):

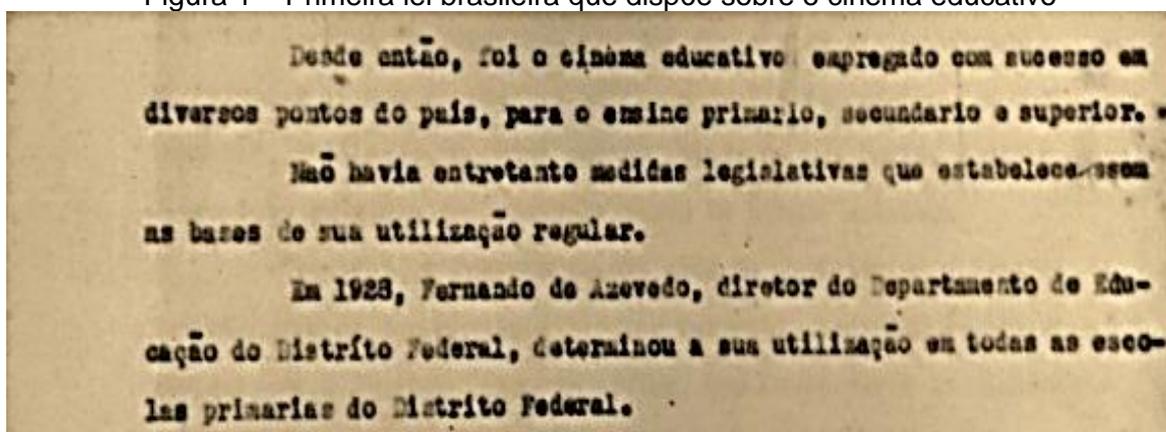
Ao contrário da educação tradicional, que valoriza a obediência, Dewey estimula o espírito de iniciativa e independência que leva à autonomia e autogoverno, virtudes de uma sociedade democrática. O pensamento de Dewey se acha marcado pelas consequências da Revolução Industrial e pelo ideal de democracia, assim ele considera necessário preparo para o desenvolvimento tecnológico e para a vida democrática sendo a escola instrumento ideal para estender tais benefícios a todos indistintamente, em outras palavras, a educação tem uma função democratizada de equalização das oportunidades.

Segundo John Dewey, a educação é uma necessidade social. Por causa dessa necessidade, as pessoas devem se aperfeiçoar de modo a poder dar prosseguimento às suas ideias e conhecimentos. A utilização de novas técnicas e tecnologias torna-se uma política pública. Um importante marco nesse sentido é a ação do governo, coordenando um projeto educativo.

A reforma educacional do Distrito Federal conduzida por Fernando de Azevedo incluiu um grande plano de construções escolares, entre as quais a dos edifícios na Rua Mariz e Barros destinados à antiga Escola Normal, depois Instituto de Educação. O Decreto nº 3281, de 23 de janeiro de 1928 previa instituição do ensino técnico profissional, do ensino primário e do ensino normal. O objetivo preconizado por Azevedo era preparar gerações para a vida social de seu tempo. Previa-se também a criação de conselhos escolares com ligação com o mundo da produção.

Meses depois, Fernando de Azevedo, ainda no Distrito Federal, emite o Decreto nº 2.940 de 22 de novembro de 1928, que nos artigos 633 a 635 preconiza o cinema educativo, configurando-se parte da Reforma do Ensino proposta por Fernando Azevedo. Determinou a utilização do cinema educativo em todas as escolas do Distrito Federal, tornando-se a primeira lei brasileira a dispor sobre o cinema educativo.

Figura 1 – Primeira lei brasileira que dispõe sobre o cinema educativo



Fonte: Arquivo Roquette-Pinto – Cinema Educativo – Instituto Nacional de Cinema Educativo – Histórico do Cinema Educativo no Brasil – localização arquivo da ABL – pasta 27-5-22.

Dessa maneira, o tema cinema educativo e sua concretização, sob a forma de um projeto nacional, transitam de forma contundente pelas políticas públicas da época. A relação entre cinema, educação e poder se estabelece na medida em que diversos intelectuais começam não apenas a reivindicar através de escritos, mas a intervir, diretamente, na elaboração de projetos políticos no país relativamente à educação.

## 2.1 O CINEMA EDUCATIVO: O INCE E SEUS OBJETIVOS NACIONALISTAS

Em discurso de 1934, considerando o tema do cinema nacional como elemento de aproximação entre os habitantes do país, Getúlio Vargas trata do papel da sétima arte enquanto fator de instrução para o Estado moderno: “influindo diretamente sobre o raciocínio e a imaginação, ele apura as qualidades de observação, aumenta os cabedais científicos e divulga o conhecimento das coisas” (Vargas, 1934, p. 187). Vargas apresenta, assim, um raciocínio sobre o cinema que se espelha em práticas europeias de regimes autoritaristas e ditatoriais que usaram o audiovisual como modelo para a propaganda governamental.

A proposta de implantar o cinema educativo como recurso audiovisual tinha a ideia de promover e orientar a utilização da sétima arte como auxiliar do ensino e servir-se dela como um instrumento voltado para a educação popular. Mas não era algo novo. Segundo Nascimento (2021, p. 99):

[...] a utilização do cinema como recurso pedagógico não era novidade da década. Desde os anos 20, por se tratar de um meio de comunicação importante, o cinema passou a ganhar atenção de educadores que passaram a defender a utilização do mesmo como método; os jornalistas Carlos Melo (Fan) e Mário Behring (Cineart) saindo em defesa do cinema educativo em suas revistas; e Joaquim Canuto Mendes de Almeida, autor do livro *Cinema Contra Cinema* (1931), que defendia a exibição de filmes no contexto escolar por educadores [...].

O Instituto Nacional de Cinema Educativo (Ince), criado em 1936 pelo Ministério da Educação e Saúde, foi o primeiro órgão estatal brasileiro voltado para a sétima arte. Idealizado e dirigido pelo professor Edgard Roquete-Pinto, o Ince caracterizou-se por exercer uma política de gestão da cinematografia no âmbito escolar, no que tange quase que especificamente à produção, como previsto no Decreto Nº 20.301 de 2 de janeiro de 1946:

Art. 1º - O Instituto Nacional de Cinema Educativo, órgão subordinado imediatamente ao Ministro da Educação e Saúde tem por finalidade promover e orientar a utilização da cinematografia especialmente como auxiliar de ensino e ainda como meio de educação em geral, competindo-lhe:

- a) – Editar filmes educativos escolares (sub-287 standard) e populares: (standard), dia filmes para serem divulgados dentro e fora do território nacional;
- b) – Editar discos para promover a documentação artística e cultural do país.
- c) – Prestar assistência científica e técnica à iniciativa particular desde que a sua produção industrial ou comercial seja cinematográfica para fins educativos.

Parágrafo único – Para cumprir a sua finalidade, em toda a extensão, o Instituto manterá uma filmoteca, divulgará filmes da sua propriedade, cedendo-os por empréstimos às instituições culturais e de ensino oficiais e particulares, nacionais e estrangeiras; e fará publicar uma revista consagrada especialmente à educação pelos processos técnicos modernos (cinema, fotografia, som, etc.) [...] (Brasil, 1946).

A partir da criação do instituto, realizaram-se vários filmes com fins educativos e também de documentação científica, técnica e artística, incluindo temas como prevenção e tratamento de doenças, costumes e plantas. Mas o mais importante não era formar estudantes, mas, sim, usar a comunicação do cinema para formar massas e instaurar a propaganda populista da Era Vargas.

A comunicação e a educação se beneficiaram e caminharam juntas nesse investimento por parte do governo no audiovisual. Segundo Simis (1996, p. 35):

[...] Em 1931, existiam 50 escolas com projetores, em 1935 esse número subia para 482 escolas, sendo que 244 destas eram públicas. Além dessas iniciativas, em 1937, sem pretender verificar a expressão das atividades desse instituto junto à população, mas mostrar que a atuação do Ince não se limitou a mero acréscimo na estrutura burocrática do Estado, dados contidos em um relatório de Roquete Pinto de 1942, atestam que o instituto chegou a realizar projeções em mais de mil escolas e entidades de cultura, organizou uma filmoteca e elaborou filmes documentais, entre outras ações[...]

As produções dos filmes educativos fomentaram discussões entre educadores que já apontavam de forma crítica problemáticas nas produções comerciais e governamentais. Em nossas pesquisas bibliográficas, destacamos Canuto Mendes de Almeida, autor do livro *Cinema contra cinema* (1931). Almeida defendia a exibição de filmes da realidade e do cotidiano escolar. Na época, o ministro Roquette Pinto, em

um pronunciamento feito em maio de 1937, por ocasião do Mês do Cinema Brasileiro, manifestou sua posição em defesa do caráter educativo das formas fílmicas não enquadradas pela forma escolarizada:

Não é raro encontrar, mesmo no conceito de pessoas esclarecidas, certa confusão entre o cinema educativo e o cinema instrutivo. É certo que os dois andam sempre juntos e muitas vezes é difícil ou impossível dizer onde acaba um e começa o outro, distinção que aliás não tem de fato grande importância na maioria das vezes. No entanto é curioso notar que o chamado cinema educativo, em geral, não passa de simples cinema de instrução. Porque o verdadeiro educativo é outro, grande cinema de espetáculo, o cinema da vida integral. Educação é, principalmente ginástica do sentimento, aquisição de hábitos e costumes de moralidade, de higiene, de sociabilidade, de trabalho e até de vadiagem...Tem que resultar do atrito diário da personalidade com a família e com o povo. A instrução dirige-se principalmente à inteligência. O indivíduo pode instruir-se sozinho, mas não se pode educar senão em sociedade. (Alvarenga, 2012 *apud* Dalpont, 2017, p. 16).

A escola tinha o papel de civilizar as comunidades, daí a insistência nas campanhas de higiene e no desenvolvimento de uma educação sanitária. Mesmo com toda a influência do movimento de renovação da educação na política educacional, promovida pelo Estado brasileiro no período do governo Getúlio Vargas, nas décadas de 1930 e de 1940, não se havia consolidado no Brasil um sistema público de ensino que abrangesse toda a população brasileira. Vê-se aí a importância do Instituto Nacional do Cinema Educativo, que, além de produzir documentários e filmes científicos e de distribuir cópias à rede de ensino, estendia a sua exibição aos espaços extraescolares.

A educação passava por mudanças, pois o Brasil estava sob regime político ditatorial, contudo o cinema educativo nacional recebia elogios do cinema educativo francês, principalmente nas produções científicas. As produções francesas eram a segunda maior parcela de filmes distribuídos no Brasil no início da década de 30. Na França, Eugène-Louis Doyen (1889) já fazia uso da cinematografia educativa para o ensino das práticas de cirurgia. A função do Ince demonstra a tentativa de desenvolver-se um modelo próprio de produção audiovisual, trazendo elementos para vincular a educação do país.

## 2.2 O CINEMATÓGRAFO: RECURSOS DIDÁTICOS AUDIOVISUAIS

Desenvolvido pelos irmãos franceses Auguste e Louis Lumière e apresentado ao público em 1895, o cinematógrafo era uma máquina à manivela que permitia captar as imagens, revelar o filme e, depois, também projetá-lo em uma tela. Era portátil (pesava menos de 5 kg) e não usava eletricidade. Essa versatilidade foi uma das características que ajudaram a defini-lo como o marco zero do cinema, mesmo em meio a tantos outros aparelhos parecidos que surgiram na época. O cinetoscópio, inventado pelo norte-americano Thomas Edison, por exemplo, permitia que apenas uma pessoa assistisse às imagens.

Os caminhos de utilização e dos diferentes modelos passaram a ser uma prática amplamente discutida em 1932. Por exemplo, houve editais publicados no Jornal do Brasil nos quais solicitava-se o número de professores nas escolas com formação em manejo de cinematógrafos, empreendendo uma busca técnica pela utilização dos equipamentos, numa sinalização de técnicos e profissionais que buscassem esse domínio tecnológico para a educação.

Paralelamente às discussões sobre ser ou não educativo, no passado político do audiovisual, constata-se que a sua inserção na educação brasileira iniciou-se de forma estrutural nas aquisições de equipamentos e na implantação de aparelhagem para exibição de filmes educativos presença do cinematógrafo nas escolas emerge com maior evidência nas décadas de 30 e 40, contudo não se apresentava uma forma para sua aquisição e execução. Na tentativa da uniformização da estatística escolar, os objetos escolares passam a figurar como um elemento de análise, sendo o cinematógrafo enquadrado como aparelhamento escolar de projeção fixa e animada.

Na pesquisa de Souza (2016), ela descreve, conforme registrado no Quadro 1 abaixo, a implementação do cinema educativo no Brasil.

Tabela 1 – Implementação do cinema educativo no Brasil (1930-1950)

<b>LEGISLAÇÃO DOS ESTADOS E FEDERAÇÃO – CINEMA EDUCATIVO</b>			
<b>LEI/DECRETO/RESOLUÇÃO</b>	<b>DATA</b>	<b>LOCAL</b>	<b>ALGUMAS DESCRIÇÕES</b>
Decreto nº 3.763	01.02.1932	Rio de Janeiro	---
Decreto nº 21.240207	04.04.1932	Brasil	Nacionalizar o serviço de censura dos filmes cinematográficos, cria a Taxa Cinematográfica para a educação popular e dá outras providências.

Decreto nº 10414	15.07.1932	Minas Gerais	---
Decreto nº 3.771	12.05.1933	Goiás	
Comunicado nº 24	08.11.1933	São Paulo <sup>208</sup>	208 O estado de São Paulo expede um Regulamento provisório do Cinema Educativo, no Diário Oficial do Estado de São Paulo, Nº 191, de 20 de agosto de 1931.
Decreto nº 4688	17.01.1934	Rio de Janeiro	
Resolução nº 326	21.03.1934	Espírito Santo	
Decreto nº 24.651209	10.07.1934	Brasil	Criou no Ministério da Justiça o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural
Lei nº 378210	13.01.1937	Brasil	Dá nova organização ao Ministério da Educação e Saúde Pública - SECÇÃO III Dos serviços relativos à educação - 2) Instituições de educação escolar – Art. 40. Fica creado o Instituto Nacional de Cinema Educativo, destinado a promover e orientar a utilização da cineamatographia, especialmente como processo auxiliar do ensino, e ainda como meio de educação popular em geral
Decreto nº 5.184211	24.01.1940	Brasil	Promulga a Convenção para facilitar a circulação dos filmes de caráter educativo, firmado em Genebra, a 11 de outubro de 1933, e a ata referente à aplicação dos arts. IV, V, VI, VII, IX, XII e XIII da mesma Convenção, firmada em Genebra, a 12 de setembro de 1938.
Decreto nº 20.301212	02.01.1946	Brasil	Aprova o regimento do Instituto Nacional de Cinema Educativo.
Decreto nº 1.435	30.12.1946	Maranhão	
Lei nº 773213	29.07.1949	Brasil	Autoriza o Ministério da Educação e Saúde a adquirir projetores cinematográficos para revenda a estabelecimentos de ensino e dá outras providências.
Portaria nº 21214	10.11.1950	Brasil	Dispõe sobre os serviços a serem prestados pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo.

Fonte: Souza (2016, p. 219).

Assim, o cinematógrafo aparece no escopo dos itens a serem averiguados pela estatística escolar do Ministério da Educação. Segundo Souza (2016, p. 200),

[...] Na cultura material escolar o dispositivo cinematógrafo, durante as três primeiras décadas do século XX, ocupou dois importantes lugares, o primeiro de auxiliar do ensino e o segundo, mais associado à epifania da modernização, da educação por via da tecnologia. Tal

situação, por vezes, direcionava ao cinematógrafo uma condição de substituto das unidades escolares.

O cinematógrafo, como auxiliar didático da pedagogia moderna, era um objeto que possibilitava, nos seus usos escolares, o que afirmou Almeida (1931, p. 191), ou seja, uma apropriação dos sentidos do mundo exterior de forma animada:

[...] O cinema e o ensino primário – O cinema é de inexcelsível valia para o ensino primário. Seus encantos naturais e irresistíveis à psicologia infantil atraem o interesse da criança para todas as coisas que a tela, habilmente, lhe mostra. Através dessa excitação de ânimo, que abre as portas do cérebro à luz dos sentidos exteriores, as coisas e factos da fita penetram o conhecimento intensa e extensamente, para arraigar de vez no espírito o gérmen de uma cultura moral e intelectual mais suave e, quiçá por isso mesmo, mais sólida. Desfilam diante do aluno o mundo físico e moral, nas combinações de quadros e figuras moveis mais fecundas à ilustração básica do homem.

As tendências tecnicistas, segundo Saviani (2021), delineavam-se mais claramente nas publicações da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos em relação ao audiovisual, a partir de um artigo de R. Gal, intitulado *Métodos Ativos e Recursos Audiovisuais*, que apresenta uma atitude dinâmica diante dos meios dos audiovisuais, além de outros artigos, como *Observações sobre o processo de comunicação*, e de instruções programadas sobre uma TV Educativa.

Entre 1930 e 1950, o esforço sistematizado nos estados e na União para implementar o cinema educativo foi gerido e se legitimou a partir da legislação que passou a fomentar a presença da cinematografia educativa nas escolas. O cinematógrafo era um recurso que foi descentralizado e convergia para o controle dos estados, tendo sido distribuído por diferentes governos a partir de decretos ao longo de décadas. A indústria cinematográfica se aproximava e empenhava-se em se fazer presente nos eventos educacionais e até mesmo em promovê-los, despertando o interesse econômico nesse tipo de atividade. Foram feitos diferentes consumos pedagógicos para cinematógrafo, imersos em uma história conectada à educação. A partir do final do século XIX, houve um percurso em diferentes regiões, comunicando diferentes intenções de educação.

A utilização desse equipamento apresentou intencionalidade política e mercadológica e foi abraçada por determinadas empresas, que passaram a produzi-

lo, mas também revelou uma característica potencial para agregar sentidos de inovação e um possível sentido de experiência humana à imagem plural. Os esforços por fazer circular e integrar o cinematógrafo ao fazer pedagógico não podem ser desvinculados de uma leitura crítica do período político e social no qual o Ince mobilizou o cinema educativo no país. A função do Ince, conforme decreto de 1946, demonstra a tentativa de desenvolver um modelo próprio de fazer audiovisual, agregando elementos para vinculá-lo à educação do país.

O cinematógrafo provocou o fascínio em esferas ideológicas e políticas de uma época, pois era um equipamento que estimulava o treino para os sentidos, servindo-se da comunicação tecnológica visual e para muitas ideias políticas. Em 1950, Assis Chateaubriand, proprietário de uma grande rede de comunicação chamada Diários Associados, fundou a TV Tupi de São Paulo e trouxe para o Brasil o primeiro sinal de televisão. A programação era em preto e branco e os canais eram bastante instáveis, mas foi com esse acontecimento que nasceu a tevê brasileira. Entre 1950 e 1960, câmeras portáteis de 8 mm e 16 mm começaram a se popularizar no mercado, principalmente nos Estados Unidos e na Europa. Desde então, cada vez mais as pessoas “comuns” produziam seus próprios vídeos caseiros e amadores para os fins que julgassem necessários.

Esses são apenas alguns dos muitos eventos que moldaram a história do audiovisual na educação brasileira. Ainda há muito a ser explorado e descoberto nesse campo fascinante.

### 2.3 O PERCURSO DO AUDIOVISUAL NO RECIFE

A presença das mídias nas escolas públicas brasileiras é influenciada por diversas políticas governamentais. O governo federal criou, na década de 1990, três iniciativas principais: a TV Escola, o DVD Escola e o Proinfo. O projeto TV Escola consistiu na criação de um canal de televisão, em que seriam exibidos programas educativos que foram comprados e enviados para as escolas: aparelhos e fitas de videocassete, televisões e antenas parabólicas. Algumas unidades de ensino não receberam o *kit* da TV Escola, mas integraram-se ao projeto DVD Escola. Esse projeto consistiu no envio de aparelhos de DVD e de uma caixa contendo discos com os principais programas da TV Escola, abrangendo diversos conteúdos e disciplinas.

Os vídeos começaram a fazer parte das escolas públicas brasileiras em meados da década de 90. Para a época, foi uma ação inovadora, tanto quanto o projeto Um Computador por Aluno (UCA). Uma pesquisa publicada pelo Núcleo de Estudos de Políticas Públicas (Nepp) da Universidade de Campinas (Unicamp) (2001), que apresentou resultados de uma avaliação comparativa sobre o Programa TV Escola entre os anos de 1997 e 1998, destacou que, em 1997, três entre quatro escolas urbanas com mais de cem alunos tinham recebido o *kit*. Além disso, apontou que em 61% das unidades escolares ocorria gravação dos filmes exibidos. Já em 1998, a cobertura do *kit* atingiu 90% das escolas, tendo crescido em 4% o número de unidades de ensino que gravavam programas. Esse crescimento foi bastante maior nas escolas do Nordeste e, entre estas, principalmente nas escolas municipais, seguidas das escolas da Região Norte (20%). A cobertura cresceu, ressalte-se, mais nas escolas que apresentaram as menores taxas de cobertura no ano anterior, indicando êxito das estratégias de implementação que trataram de melhorar a equidade do programa (Nepp/Unicamp, 2001, p. 3).

Essa foi uma das grandes contribuições para avaliação do TV Escola, servindo de base para a construção do Relatório do Tribunal de Contas da União (TCU) (Brasil 2004, p. 216), no qual podemos evidenciar o voto do relator no item 3, que destaca: a implementação de centrais de gravação dos programas como ponto favorável que contribuiu para a melhoria do Programa. Ainda nesse mesmo item, podemos destacar as letras “d) Kits tecnológicos inoperantes” e “e) falta de treinamento de professores, diante do fator inovação tecnológica empregado”. O TCU (Brasil, 2004) solicitou que o Ministério da Educação (MEC), através da Secretaria de Educação a Distância (Seed), revisse sua política de formação, visando à adequação dos espaços onde eram exibidos e gravados os vídeos nos estados e municípios, de forma que os professores pudessem ter acesso sistemático aos recursos audiovisuais. E ainda recomendou a ampliação de vagas no curso extensão TV na Escola e os Desafios de Hoje, como uma forma de capacitar mais docentes em o todo país.

Foram realizadas ações interministeriais envolvendo o Ministério da Ciência e Tecnologia e o Ministério da Educação, surgindo daí cursos de especialização em Mídias na Educação e o ProInfo Integrado, além da renovação das estruturas de Tecnologia de Informação (TI) para o acesso e uso dos vídeos nas escolas públicas brasileiras.

Em 1997, foi criado o Proinfo, que consistiu na instalação de laboratórios de informática na rede de ensino pública de todo o país, cujo objetivo principal era equipar as escolas com computadores e acesso à internet. Com o surgimento do ProInfo, foram implantados os Núcleos de Tecnologia Educacional (NTE) e realizada a formação de professores efetivos das redes estaduais e municipais. Essa formação era promovida pelo Ministério da Educação em parceria com as universidades federais. Os professores interessados passaram por seleção, em que se avaliava o currículo e o proposta de atuação nos núcleos de tecnologia. Após o Curso de Especialização em Informática na Educação ser concluído, o profissional estava apto a dar formação aos demais professores.

Esses profissionais foram chamados de professores multiplicadores, por terem a missão de “multiplicar” os conhecimentos em tecnologia na educação para os seus colegas, a fim de que todos pudessem utilizar as tecnologias (artefatos computacionais e audiovisuais) em suas práxis pedagógicas.

No Brasil, em 2008, o senador Cristovam Buarque lançou a proposta de um Projeto de Lei que obrigasse a exibição de filmes nacionais por no mínimo duas horas mensais no currículo da Educação Básica. Em seu Projeto (PLS 185/2008), encontramos a arte restituída ao cinema, como justificativa para adentrar os espaços escolares: segundo a proposta, a arte deveria ser parte fundamental do processo educacional nas escolas.

A ausência da arte na escola, além de reduzir a formação dos alunos, impede que eles, na vida adulta, sejam usuários dos bens e serviços culturais; tira deles um dos objetivos da educação que é o deslumbramento com as coisas belas. O cinema é a arte que mais facilidade apresenta para ser levada aos alunos nas escolas. O Brasil precisa de sala de cinema como meio para atender o gosto dos brasileiros pela arte e ao mesmo tempo precisa usar o cinema na escola como instrumento de formação deste gosto (Brasil, 2008).

A exibição de filmes de produção nacional obrigatória nas escolas de ensino básico foi o ponto de partida para diferentes reflexões sobre as práticas pedagógicas que acontecem nesse campo. Essa lei, idealizada com o propósito de incentivar a criação de um público para o cinema nacional no interior da escola, tem se constituído em um incentivo para que docentes, pesquisadores e cineastas encontrem, na escola, um lugar para divulgar a diversidade de produções do mercado audiovisual brasileiro.

O programa foi criado em 2014 com a intenção de atender estudantes desde o Ensino Infantil até o Fundamental II, estando ancorado nos eixos de formação, exibição, produção, socialização e acervo. Por essa razão, ele é abrangente no trato com o trabalho de cinema na escola, propondo que as ações sejam executadas através das seguintes propostas:

1. Projeto CinEduca;
2. Projeto Hora do Cinema;
3. Projeto 7 no Set;
4. Projeto Mostra REC;
5. Projeto MEDIATECA.

Por meio desses projetos, utilizou-se o cinema na escola como um recurso que contribui com o processo de ensino-aprendizagem, alinhado ao projeto político-pedagógico da escola, de modo a desenvolver o senso crítico e criativo de maneira lúdica e prazerosa.

Voltando-nos mais especificamente para nosso objeto de estudo e analisando o panorama estrutural da Rede Municipal de Ensino do Recife (RMER), vemos que, em julho de 2014, é fundado o setor de Cinema na Escola, denominado 7Cine (Coordenação Cinema e Audiovisual na Educação do Recife), vinculado à Secretária de Educação e Esporte do município, atualmente, Diretoria da Secretaria Executiva de Projetos, Tecnologia e Inovação (SEPTI), responsável pela formação, produção, exibição e divulgação dos trabalhos com cinema e audiovisual de um modo geral, objetivando potencializar o uso pedagógico do audiovisual como um todo nas escolas da RMER.

O projeto de cinema começou a se desenvolver e a ser divulgado pelos professores multiplicadores e professores de tecnologia lotados nas Unidades de Tecnologia na Educação e Cidadania (Utec). Cabe aqui um esclarecimento: no que diz respeito aos Núcleos de Tecnologia da Educação (NTM), no município do Recife eles foram denominados UTECs. Os profissionais que atuam dentro da UTEC e na modalidade itinerante nas escolas municipais têm como principais atribuições: assessorar, apoiar e divulgar ações educacionais com tecnologia, acompanhar os projetos didáticos e ministrar formações para os professores. Dessa forma, podemos

afirmar que é de grande importância a atuação desses profissionais na difusão dos conhecimentos audiovisuais em toda a RMER e junto à SEPTI.

O Projeto Hora do Cinema é fundamentado nos catálogos de filmes nacionais, filmes pernambucanos, filmes infantis e filmes da rede, que também são elaborados, revisados, curados, atualizados e disponibilizados, via *online*, pelo 7Cine para todas as escolas da RMER ou para qualquer um que tenha interesse no projeto. Apesar da lei ter sido promulgada em 2014, só em 2018 a Secretaria de Educação distribuiu *kits* de exibição do Hora Cinema para 79 escolas que já exibiam e produziam vídeos e filmes. Em cada *kit*, havia os seguintes equipamentos destinados à implantação das práticas voltadas para a exibição de filmes: dois computadores *classmate* (158); um projetor (79); um *notebook* (79); e uma *Box Claro* para acesso à internet (79).

Analisando as ações da secretaria, especialmente, dessa coordenação, vê-se que as ações foram relevantes nesses oito anos de projeto: contabiliza-se um acervo que contava em 2022 com mais de 600 filmes em mídia física, mais de 100 vídeos no YouTube, um total de 1200 produções do Setor 7Cine e das Escolas da RMER, sendo quatro catálogos reunindo filmes pernambucanos, filmes nacionais, filmes da rede e filmes infantis; um catálogo de filmes inclusivos em produção; e seis cursos de Cinema no Ambiente Unirec (material dos cursos de animação, produção cinematográfica, brinquedos óticos, Minuto Lumière, história do cinema, e roteiro e cinema na escola, todos disponíveis remotamente via Google Drive).

#### 2.4 O ENCONTRO MUNICIPAL DE AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO DO RECIFE (EMCINE)

Paralelamente à instrumentalização de recursos pela RMER, com os equipamentos de exibição que chegam às escolas e outras ações do setor de cinema, o 7Cine, ocorre em 2017 o primeiro Encontro Municipal de Audiovisual na Educação do Recife (Emcine), que foi idealizado com a intenção premente de valorizar, divulgar e expor as experiências e os trabalhos audiovisuais realizados por docentes e discentes da Rede Municipal de Ensino da capital pernambucana. O quadro abaixo descreve as ações desenvolvidas no evento em questão:

Tabela 2 – Informações sobre o 1º Encontro Municipal de Audiovisual na Educação do Recife (2017)

---

Público	Público superior a 1300 espectadores, sendo 1000 estudantes de 52 escolas da RMER, 250 membros da equipe do GOM e 50 pessoas pertencentes ao público em geral.
Produções	180 filmes de inscritos. 400 estudantes 80 professores 48 escolas da RMER produções dos estudantes
Ações no Evento	3 Palestras: - Versão brasileira Dubrasil e Produção de Curtas, com o ator e dublador Bruno Sangregório; - Universo do Rádio na Escola com Professor Doutor Marciel Consane; - O Universo dos HQs com Mike Santana. 2 oficinas: - Técnicas de utilização do <i>chroma key</i> , ministrada pelo professor Francisco Alexandrino; Criação de Animação Digital e Fotografia, ministrada pelas professoras Kassia Cylene e Mônica Oliveira.

Fonte: Livreto de Cinema (Emcine).

Vale enfatizar que já existiam ações em relação ao audiovisual, mas a divulgação e a intensificação ocorreram em 2018 devidas à ação do programa Cinema na Escola.

Esse programa supracitado dialoga com as ideias e atividades profissionais da autora desta pesquisa, por conta da sua atuação como professora multiplicadora na RMER. Entre as funções desse cargo, estão as tarefas de divulgar o audiovisual nas escolas, dar orientação a professores e estudantes, atuar na implantação de cineclubes e seleção de filmes, formular sugestões de atividades e conduzir oficinas

de produções audiovisuais que utilizem essa linguagem. Salientamos que a pesquisadora na sua prática laboral buscou trilhar o caminho de atendimento aos estudantes e professores e de estímulo ao processo de implantação dos cineclubes em duas escolas, uma dos anos iniciais e outra dos anos finais. Por meio desses projetos, utilizou-se o cinema na escola como um recurso que contribui com o processo de ensino-aprendizagem.

## 2.5 OS MARCOS REGULATÓRIOS DO AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO: LDB, BNCC E LEI Nº 14.533/2023

A Lei de Diretrizes e Bases na Educação, a Lei nº 13.006/2014 (Brasil, 2014), que determina a exibição de filmes de produções nacionais em todas as escolas de educação básica do país, foi promulgada com o propósito de incentivar a criação de um público para o cinema nacional proveniente do ambiente educacional e foi se constituindo como um incentivo para que docentes, pesquisadores e cineastas encontrassem na escola um lugar para divulgar a diversidade de produções do mercado audiovisual brasileiro, o que resultaria em uma aprendizagem plural.

Quando se trata dos referenciais norteadores da educação no nosso país, a Base Nacional Comum Curricular, ou BNCC (Brasil, 2015) determina quais os objetivos da aprendizagem que são essenciais e devem ser alcançados por meio de habilidades e competências.

No que se refere ao currículo dos anos iniciais no componente Artes, o audiovisual é inserido nas unidades temáticas: Artes Visuais e Artes integradas.

Tabela 3 – Currículo da Rede: Arte-Educação do Recife (2017)

Artes Visuais	Materialidades (EF15AR04). Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.
Artes integradas e a tecnologia:	(EF15AR26). Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografias, <i>softwares</i> etc.) nos processos de criação artística.

Fonte: Política de Ensino da Rede Municipal do Recife.

Na Educação Infantil, a BNCC traz seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento que assegurem as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, de modo que possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural. A sessão “Escuta, fala, pensamento e imaginação” cita o uso de vídeos e práticas audiovisuais com o objetivo de promover a aprendizagem e o desenvolvimento de crianças pequenas (de 4 anos a 5 anos e 11 meses): “(EI03EF04) Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens e a estrutura da história”.

A convergência tecnológica tem permitido ao Governo Federal constituir novas formas de abordagem do processo pedagógico nas escolas públicas, além de inserir os professores no contexto das discussões de mídias digitais e seus multiletramentos, deixando, assim, de se ater a discussões específicas sobre o uso de vídeos, ampliando-se as reflexões.

Um do marco regulatório mais recente, que é a Lei nº 14.533, de 11 de janeiro de 2023, instituiu a Política Nacional de Educação Digital, fomentando uma discussão por diferentes educadores do país nos segmentos de educação audiovisual em relação à apropriação de interesses mercadológicos na implantação dos diferentes programas que a lei regula. Embora a educação digital tenha grandes potencialidades, acreditamos que o cinema e seus recursos audiovisuais podem ajudar a deslocá-la de seus interesses de mercado e a enxergar a experiência dos estudantes e professores. Dessa forma, a educação e o cinema podem trabalhar juntos para emancipar esses sujeitos.

Na teoria, os documentos e seus marcos regulatórios para uma prática audiovisual abrem um leque de possibilidades para a inserção de uma variedade de olhares, buscando autoria e criticidade dos sujeitos envolvidos. Contudo, na prática, o engessamento curricular interfere na metodologia ativa das audiovisualidades, evidenciando ainda uma distância entre as linguagens audiovisuais e as ofertas para a formação de professores e estudantes.

### **3 QUEM SOMOS? UM PERFIL ESCOLAR E DE ATORES NA ESCOLA MUNICIPAL DO RECIFE E SUAS RELAÇÕES COM O CINEMA AUDIOVISUAL**

O principal objetivo da Política de Tecnologia na Educação da RMER é atender ao chamado imperativo das demandas sociais por uma formação de qualidade, tendo como princípio condicionar a tecnologia ao pedagógico, relação que deve estar a serviço de se socializar o conhecimento e o exercício da cidadania. Busca-se com isso o desenvolvimento do senso crítico, da criatividade, do trabalho colaborativo e da autoria dos estudantes.

Em 2001, foi implementado o Programa Municipal de Tecnologia na Educação (PMTE), propondo-se a contribuir para a melhoria da qualidade do ensino, fazendo uso das tecnologias da informação e da comunicação de forma ampla e integrada, para transformar o espaço educacional em um ambiente propício à investigação, à análise e à produção de conhecimento, visando à formação do cidadão atualizado, produtivo, crítico e consciente. Com a criação da Diretoria Geral de Tecnologia na Educação e Cidadania em 2005, as ações do PMTE passaram a constituir a Política de Tecnologia na Educação da Secretaria de Educação, sendo para isso materializadas por meio das Utec, fixas e móveis (Escolas Itinerantes de Informática), responsáveis pela formação continuada, oferta de cursos, acompanhamento escolar, incentivo e apoio ao desenvolvimento de projetos educacionais com o uso das Tecnologias da Comunicação e Informação (TIC).

As UTEC possuem em seu quadro professoras/es que ministram cursos e docentes multiplicadoras/es especialistas em Tecnologia na Educação que atuam junto às unidades educacionais, fomentando o desenvolvimento de Projetos Didáticos com a utilização das TIC, promovendo a pesquisa e a produção autoral de educadores e estudantes.

De 2020 a 2021, os atendimentos remotos foram aproximando o corpo docente e a professora multiplicadora. As atividades de formação e assessoramento em tecnologias foram ampliando as relações e as percepções da unidade em relação à intimidade com as mídias e artefatos tecnológicos.

Em 2022, com a volta dos atendimentos presenciais, a escola tinha demandas pontuais e genéricas. O contínuo contato e a aproximação, já com o olhar de pesquisadora, fizeram-me identificar as necessidades em relação ao cinema e ao

audiovisual na unidade. Como professora multiplicadora e agora como pesquisadora da unidade, foi possível viabilizar o diálogo com a equipe da Escola Municipal do Barro, permitindo o atendimento e o acompanhamento.

Em conversas de planejamento pedagógico, apurou-se o uso do vídeo em sala de aula com o programa do Educa Recife, que é composto por um aplicativo e integração com a plataforma YouTube. É um programa de ensino híbrido na Rede Municipal do Recife, integrando momentos presenciais e remotos, utilizando tecnologias digitais, através do repositório com aulas, citado poucas vezes pelos professores como recurso. O leque de opções de vídeos em suas aulas muito recorrentes, principalmente no período pandêmico, eram gravações produzidas por professores nas redes e sem ampla curiosidade de buscar outras alternativas, fossem elas para entretenimento ou para fins didáticos.

Em um primeiro momento, em 2022, participaram das atividades das oficinas estudantes do Grupo V ao 4º Ano, dos dois turnos, mas apenas 20 alunos foram inscritos para participarem efetivamente, vivenciando as atividades em seis encontros. A escolha do público-alvo seguiu critérios de indicação das professoras.

Em um segundo momento, em 2023, participaram das oficinas professores dos dois turnos. No total, forma 3 encontros com uma média de 13 educadores por dia, entre os quais membros da Coordenação, professores, AADEEs e 9 estudantes do turno da tarde, em dois encontros. Categorizo e apresento todas essas etapas na seção 6.

Essa unidade escolar está localizada no Recife, Pernambuco, Brasil, no bairro do Barro, na Rua Guiragibe, no número 240. A instituição de ensino contava com 183 estudantes matriculados, duas gestoras, uma coordenadora, uma professora de Biblioteca e sete professoras, sendo cinco do Ensino Fundamental e duas da Educação Infantil. O espaço físico é composto por cinco salas de aula, uma biblioteca, uma sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), uma coordenação e uma direção. A escola conta com dez turmas nos turnos da manhã e da tarde.

#### **4 CÂMERA: AS AUDIOVISUALIDADES, SEUS LETRAMENTOS E A LINGUAGEM NA ESCOLA**

O ambiente escolar é destinado a promover a aprendizagem. No entanto, segundo Alcoforado e Padilha (2010), muitas vezes os métodos utilizados na sala de aula não estão em consonância com essa afirmação e, em última instância, desencorajam os alunos que estão mais interessados em conteúdo personalizado. Ainda de acordo com os autores, a prática docente é, com certa frequência, conduzida de maneira autoritária, na qual o professor não está posicionado como um incentivador para desenvolver conhecimento, mas como um detentor de conhecimento.

Existem várias abordagens a respeito do cinema na educação escolar. As mais conservadoras defendem o uso dos filmes em sala de aula como ferramentas pedagógicas ilustrativas. Contudo, outras definem a relação entre cinema e escola como algo importante para a construção de sentidos, valores sociais, alteridade e até letramento (Duarte, 2002; Fresquet, 2015). Isso deve ser levado em conta, especialmente porque, em culturas como a brasileira, a televisão ainda é um veículo de referência na padronização do gosto e da estética audiovisual.

Nesse contexto, é importante pensar no papel da escola em um contexto social e cultural em constante mudança. A escola deve ser um espaço de diálogo e reflexão, onde os alunos possam desenvolver habilidades críticas e criativas para lidar com os desafios do mundo contemporâneo. O audiovisual pode ser uma ferramenta valiosa para alcançar esse objetivo, desde que seja utilizado de forma consciente e crítica, como uma forma de ampliar horizontes e estimular a reflexão sobre questões sociais, culturais e políticas, como dizia Freire (1998a, 1998b).

A alfabetização e o letramento são dois conceitos distintos, mas que andam juntos no pleno desenvolvimento do indivíduo. A alfabetização é o processo de aquisição de leitura, de técnicas e habilidades para a prática da leitura e da escrita, enquanto o letramento é um conjunto de práticas que revelam a capacidade de usar diferentes materiais escritos, ou seja, a habilidade de interpretar e aplicar a leitura e a escrita no cotidiano.

A relação do letramento com o audiovisual ocorre no cotidiano infanto-juvenil, no qual as crianças e jovens têm contato com diferentes tipos de mídia, como

televisão, cinema e internet, entre outros. Essa relação pode ser benéfica, pois o audiovisual é factível de ser utilizado como uma ferramenta pedagógica para o desenvolvimento do letramento, contribuindo para a formação de leitores críticos e reflexivos.

O uso dos recursos audiovisuais e seus dispositivos apresenta uma teia de possibilidades de construção e de experiências de aprendizagem coletivas com imagens e sons, uma vez que permite a qualquer pessoa, sem prévio conhecimento da técnica ou da própria linguagem audiovisual, trabalhar de forma simples e imediata. Ao ser introduzido no campo da educação, o dispositivo de criação audiovisual pode ser percebido como uma metodologia ou estratégia de mediação de aprendizagens.

Como raciona Soares (1998, p. 40): “Um indivíduo alfabetizado não é, necessariamente, um indivíduo letrado. Alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; letrado é aquele que sabe ler e escrever, e que responde adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita”. Dessa forma, segundo Rojo (2009), a alfabetização é um aprendizado sistematizado na escola, que dita regras e habilidades necessárias para o conhecimento sistemático dos códigos da língua escrita e falada dentro de parâmetros tradicionais e eruditos, valorizados no ambiente escolar

Diante desses conceitos de Soares (1998) e Rojo (2009), muito utilizados para justificar as diferenças entre esses conceitos no ambiente alfabetizador, faz-se necessário também atualmente refletir sobre a nova forma do letramento audiovisual, no sentido de que estudantes têm o contato com o audiovisual de uma maneira “alfabetizada” e não “letrada”, pois dominam códigos e tecnologias, mas não encontram uma ponte de reflexão e autonomia para experienciar conhecimentos do universo escolar.

## 5 UM OLHAR: OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

Apreciei referências contextualizadas sobre o atendimento em unidades escolares e suas necessidades básicas concernentes ao uso do audiovisual por parte de professores. Também atestei quais eram as ideias em relação ao uso do cinema e vídeos na escola. Apresento, então, minha trajetória como professora multiplicadora e pesquisadora a partir do tema escolhido para o objeto do meu trabalho. Discuto aqui como foram realizadas as atividades de pesquisa com os estudantes e professores da Escola Municipal do Barro, um caminho trilhado entre a necessidade institucional que gradativamente foi tomando um caráter essencialmente participativo e colaborativo, configurando, assim, um espaço possível para o desenvolvimento de todo o arcabouço da pesquisa.

### 5.1 AÇÃO! A PESQUISA-AÇÃO, A EXPERIÊNCIA VIVIDA E OS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

A educação audiovisual nas escolas da Rede Municipal do Recife pode ser uma ferramenta poderosa para o ensino-aprendizagem, por permitir que os estudantes se conectem às pessoas, saberes, coisas e lugares através das práticas de ver, ouvir, pesquisar, criar e articular palavras, imagens e sons. Mediar a linguagem audiovisual, favorecendo a construção de pontes entre os sujeitos que fazem parte da escola proporciona encontros entre saberes, memórias, fatos, afetos, sensibilidades e subjetividades, o que é o objetivo desta pesquisadora.

Freire (2002, p. 33-34) discute os saberes “socialmente construídos na prática comunitária”, atestando a utilidade de refletir sobre “uma necessária ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos”. Fresquet (2020, p. 49) afirma que “para que efetivamente se dê a experiência, é necessário, em primeiro lugar, o desejo de quem aprende, sua observação atenta, curiosa, interessada”. Com base nas ideias desses dois autores quando se referem aos saberes, compreendo a importância desta pesquisa na unidade escolar, por ser uma amostra do que podemos realizar em uma prática de educação audiovisual com estudantes e professores, ao trilharmos certos percursos metodológicos.

Esta é uma pesquisa qualitativa, na qual prevalecem os significados e as subjetividades nos valores, ideias, experiências, crenças e demais elementos envolvidos, entre eles atitudes e relações dos processos de interação e de abordagem. Na escola e nos espaços citados por estudantes e professores nas práticas com o audiovisual, procurei compreender o fenômeno e a relação com o objeto, prezando pela qualidade dos dados e informações. Segundo Minayo, (2007, p. 27):

[...] análise qualitativa não é uma mera classificação de opinião dos informantes, é muito mais. É a descoberta de seus códigos sociais a partir das falas, símbolos e observações. A busca da compreensão e da interpretação à luz da teoria aporta uma contribuição singular e contextualizada do pesquisador.

Quanto à natureza e utilização dos resultados, trata-se de uma pesquisa aplicada por estar dirigida à solução de problemas específicos, a ausência de explorar o audiovisual como instrumento pedagógico e metodológico na sala de aula em favor da aprendizagem. A abordagem é também classificada pelos objetivos de trabalho como pesquisa exploratória, pois tem como objetivos proporcionar maior aproximação do problema para compreender processos de uso de dispositivos audiovisuais na educação.

De acordo com os procedimentos, é configurada como pesquisa-ação. Thiollent (1986, p. 22) considera que: “a pesquisa-ação não é constituída apenas pela ação ou pela participação. Com ela, é necessário produzir conhecimentos, adquirir experiência, contribuir para discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas”.

Na pesquisa-ação, o processo de pesquisa compreende uma rotina composta por três ações principais: observar, para reunir informações e construir um cenário; pensar, para explorar, analisar e interpretar os fatos; e agir, implementando e avaliando as ações.

É importante acrescentar que eu, por ser professora multiplicadora da Escola Municipal do Barro, estive presente na unidade de ensino no processo inicial de implantação de ações que envolviam projetos e uso de tecnologias de cinema na escola. E pude constatar que esse processo ganhou um caráter muito mais institucional como também interventivo. Dessa forma, valorizamos cada parte e sua

integração ao todo. E pensamos sempre num produto que tem começo, meio e fim, e ao mesmo tempo é provisório. Falamos de uma provisoriedade que é inerente aos processos sociais e que se refletem nas construções teóricas. O ciclo de pesquisa não se fecha, pois toda pesquisa produz conhecimento e gera novas indagações. Mas a ideia do ciclo se solidifica em planos que se complementam. Essa ideia também produz delimitação do processo de trabalho científico no tempo, por meio de um cronograma que foi descrito no processo da pesquisa.

Tabela 4 – Cronograma de pesquisa na Escola Municipal do Barro

ATIVIDADES	MESES																								
	ABRIL 22	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO	JANEIRO 23	FEBREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO	JANEIRO 24	FEBREIRO	MARÇO	
Revisão bibliográfica e discussão teórica																									
Observação e exploração de campo; Oficinas Audiovisuais																									
Elaboração de roteiros, entrevista e qualificação																									
Sistematização e análise de dados																									
Oficinas Audiovisuais nas escolas																									
Elaboração de relatórios																									
Produção material didático Audiovisual de educadores e Estudantes-Caixa de Trelas e Telas																									
Redação de dissertação																									
Defesa de dissertação																									

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Com a carta de anuência aprovada para o processo de pesquisa pela Gerência de Educação dos anos iniciais, a coleta de dados passou por reuniões com a gestão

escolar, rodas de conversa respeitando a não identificação dos participantes, preenchimento de formulários, realização de oficinas práticas com estudantes e professores, participação de eventos, e produção de filmes em *stop-motion* – alguns desses momentos foram transcritos.

Enquanto pesquisadora, tentei buscar o olhar humano em cada momento encantador que as imagens e o audiovisual trouxeram para a unidade escolar. Todavia, todas as atividades desenvolvidas estavam ligadas ao objetivo principal da pesquisa: identificar linguagens audiovisuais e seus dispositivos, mapeando práticas professorais e analisando suas contribuições para o ensino-aprendizagem dos estudantes de Educação Básica. Portanto, o foco da situação pesquisada era a introdução de uma nova linguagem no cotidiano escolar, no caso a audiovisual, e não em pessoas, ou atores. Fossem eles professores ou estudantes, todos apresentavam experiências diferenciadas, mas que convergiam na experiência em produzir e experienciar essa linguagem audiovisual.

Nesse aspecto, a investigação vivida também contemplou uma situação social. Segundo Thiollent (2003 p. 16), “o objeto de investigação não só é constituído pelas pessoas, mas resulta da situação inicial e dos problemas encontrados”, considerando ainda que “o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada”.

Ao se trabalhar o coletivo, foram fortalecidas as ideias de produzir narrativas e de se formar autores, exercitando o olhar ao redor, de modo a enriquecer o repertório audiovisual e trocar experiências autobiográficas, fatores necessários para a realização de um trabalho qualitativo. A pesquisa não se limitou a ser uma forma ativista, fragmentada e isolada, pois pretendeu-se acumular o conhecimento dos pesquisados da escola e da pesquisadora.

As entrevistas em profundidade foram realizadas em momentos específicos com professores. Conforme Kvale (1996), no método de entrevistas em profundidade:

[...] os pesquisadores conduzem entrevistas abertas e flexíveis, permitindo que os participantes compartilhem suas experiências, percepções e perspectivas em detalhes. Essas entrevistas geralmente são gravadas e transcritas para uma análise posterior.

As entrevistas realizadas nesta pesquisa permitiram registrar as percepções dos entrevistados sobre o audiovisual, o cinema e as outras mídias que rodeiam seus cotidianos, que foram transcritas, preservando-se, contudo, o sigilo sobre suas identidades pessoais.

Já o emprego de questionários, enquanto instrumentos de coleta de dados, tiveram a função de evidenciar o problema inicial sobre as concepções dos professores em relação ao cinema e ao audiovisual, confirmando as impressões da pesquisadora – foram aplicados de maneira digital dois questionários para cada respondente: um antes e uma depois das oficinas. Segundo Thiollent (1986, p. 65):

Na pesquisa-ação o questionário não é suficiente em si mesmo. Ele traz informações sobre o universo considerado que serão analisadas e discutidas em reuniões e seminários com a participação de pessoas representativas. O processamento estatístico das respostas, com computadores ou não, nunca é suficiente. O processamento adequado sempre requer uma função argumentativa dando relevo e conteúdo social às interpretações.

Após a coleta de dados realizada com os instrumentos prescritos, foi realizada a transcrição das informações para análise de conteúdo. Ainda de acordo com Thiollent (1986, p. 76):

É necessário que os pesquisadores levem em conta os aspectos comunicativos na espontaneidade e no planejamento consciente de ações transformadoras. Tal comunicação não é concebida como processo unilateral de emissão-transmissão-recepção, e sim como processo multidirecionado e de ampla interação. Este processo é normativamente dirigido no sentido de fortalecer tendências criadoras e construtivas.

Os instrumentos descritos nesta seção foram bases para a estruturação da pesquisa e de todo o processo de coleta estruturante para a validação deste estudo, permitindo-me ainda adicionar minhas reflexões durante essa caminhada acadêmica, reiterando a confiabilidade durante os trajetos da pesquisa, fase importante abordada no próximo item.

## 5.2 A TRAJETÓRIA DA PESQUISA

A etapa da composição do estudo não se configurou de forma linear, apesar de se poder traçar o plano de pesquisa com um calendário escolar da rede que favorecia as ações nos anos de 2022 e 2023. O zelo, o cuidado e a busca de informações trouxeram uma relação real com os sujeitos envolvidos e com o objeto de estudo.

A primeira etapa dessa trajetória foi a busca por referências, as bibliografias e as revisões de literatura. Delineando a pesquisa bibliográfica inicial, fez-se necessário o entendimento de que essa etapa ocorre diversas vezes ao longo de um estudo, pois “a pesquisa bibliográfica não se encerra com a elaboração do projeto” (Marconi; Lakatos, 2003, p. 230).

O projeto de pesquisa, considerando que o processo não foi iniciado apenas a partir do ingresso no Mestrado Profissional de Educação Básica, pois parte dele já havia sido vivenciada por mim como professora-multiplicadora da unidade enquanto uma demanda institucional, passou a ser lapidado bibliograficamente, com outras fontes de pesquisa e cursos que se somaram à minha prática.

Após a qualificação do projeto, a reflexão em torno dos processos e objetivos foram revisados, revistos e trilhados, além de ter sido obtida a autorização da Gerência de anos iniciais através de uma carta de anuência (ver apêndice).

Considerando ser uma ação importante a descrição da trajetória pessoal da pesquisadora com o objeto de estudo, apresento o quadro abaixo, que sintetiza parte do caminho de experiências imersivas com o audiovisual obtidas em diferentes instituições, que proporcionaram a ampliação do processo de pesquisa, paralelamente às atividades de acompanhamento escolar.

Tabela 5 – Cursos, seminários e formações complementares da pesquisadora

Atividade	Instituição	Período
Cursos - Educação audiovisual no chão da escola: fundamentos e práticas	Semente – Escola Semente de Educação Audiovisual	Julho, 2022
Oficina - Cinema como ferramenta didática à educação	Cecine/UFPE	Fevereiro, 2023
Curso Educação Midiática na prática	Educa Mídia	Março, 2023
Curso - O Mundo do Audiovisual Infantojuvenil	Barco Arte, ministrado por Beth Carmona	Mai, 2023
Cinema na escola em tempos de Educação Digital	Sesc de Arte e Educação, ministrado por Adriana Fresquet	Julho, 2023
Tópicos de tecnologias educacionais – Possibilidades metodológicas de <i>Design Total</i>	EDUMATEC/UFPE, ministrado pelo	Setembro, 2023

de Pesquisa, Literatura Midiática e Autobiografias na Educação	Prof. Visitante José da Silva Ribeiro, Coordenador do Grupo de Estudos de Cinema e Narrativas Digitais do Norte de Portugal, membro da Associação de Produção e Animação Audiovisual, e colaborador em outros projetos dessa associação	
Curso <i>on-line</i> de audiovisual do Minuto Escola	Minuto Escola	Outubro, 2023
Seminário <i>on-line</i> de Cinema e Educação 2023	Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo, ministrado por Cláudia Mogadouro, Flávia Guerra, Cao Hamburger, Ana Paula Nunes, Fábio José Paz da Rosa, Ludmila Moreira Macedo de Carvalho, Francisco Tupy, Silene Lourenço, Clarisse Alvarenga, Dagmar Mello e Silva, Monica Fantin, Priscila Rangel, Felipe Leal Barquete, Beth Carmona e Karine Joulie Martins	Novembro, 2023

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

As atividades descritas no quadro anterior, unidas à prática de abordagem de conceitos e letramentos audiovisuais com estudantes e professores, tornaram o campo de estudo mais amplo com olhares muito mais sensíveis, observações e impressões das atividades que foram registradas, em alguns depoimentos que registrei anonimamente onde preservei as identificações, citando os depoentes como estudantes A, B, C e professores I, II e III. Esses registros aconteciam em variados momentos e formatos, ora por vídeos, ora por gravações de voz, com intuito de produzir a transcrição das falas dos sujeitos. Realizando a ponte entre a teoria e a prática, observar e registrar as narrativas das professoras e como elas faziam a associação das experiências e suas possíveis práticas na sala de aula confirmava um processo inovador de ensino e aprendizagem. Uma observação feita por Duarte (2002, p. 97). que confirma “ a polissemia da linguagem cinematográfica conquista cada vez mais pesquisadores que, reconhecendo filmes como fonte de investigação de problemas de grande interesse para os meios educacionais, passaram a considerar o cinema como campo de estudo”

As rodas de conversa e as oficinas eram realizadas na biblioteca da escola, espaço físico apropriado para dar asas à imaginação. Um ambiente acolhedor conduzido pela professora Regina Soares, que me recebeu para que juntas pudéssemos conduzir as oficinas com os estudantes e professores. A docente foi uma peça-chave na trilha da execução da proposta acordada pela gestão escolar no momento de reunião inicial para a pesquisa.

Foto 1 – Oficina de *Stop-Motion* Escrevendo e Desenhando narrativas na Biblioteca



Fonte: Arquivo pessoal autora.

Foram realizadas sete oficinas, com propostas de observação e aplicação do letramento audiovisual envolvendo a participação de estudantes e professores, com atividade como criação de brinquedos ópticos, exercícios de fotografia e produção de filmes de animação. Registramos as atividades com transcrições e depoimentos ao longo do processo. Toda as etapas da pesquisa e seus materiais coletados passaram por uma análise de conteúdo.

Embora já tivessem sido realizados encontros com a escola, os questionários, rodas de conversa, entrevistas e questionários atenderam ao cronograma. Foi montado um plano de ação que se mostrou dinâmico e flexível, evidenciando as etapas e ações da pesquisa e trazendo nas ações análises dos conteúdos, de modo a solidificar os objetivos da pesquisa, etapas essas que aconteceram entre agosto de 2022 e novembro de 2023.

Tabela 6 – Plano de Ação: etapas da pesquisa

	<b>AÇÃO</b>	<b>OBJETIVO (S)</b>	<b>ANÁLISE</b>
Etapa 1 16/08/22	Reunião com a Coordenação e Professora da Biblioteca	Decidir o formato e encontrar vias de funcionamento e seleção do público-alvo.	Analisar intencionalidades e preconceitos da escola em relação ao cinema na educação. Registros escritos.
Etapa 2 01/09/22	Oficina Cinema- O que é Cinema, ideias e depoimentos- Colher ideias prévias - A Fotografia	Encontrar os estudantes em roda de conversa: cinemas e imagens enquadramento e olhar	Promover e registrar escutas dos estudantes em relação às suas concepções sobre cinema e fotografia. Registros em vídeo.
Etapa 3 22/09/22	Oficina sobre cinema, brinquedos óticos, <i>flibook</i> e Taumatrópio	Explorar os brinquedos óticos – uma proposta para o lúdico de imagens. Construção do taumatrópio	Promover experimentação com a ludicidade dos brinquedos e do olhar. Registros em imagens feitas pelos estudantes.
Etapa 4 06/10/22	Oficina de <i>stop-motion</i> – filmes e personagens	Elencar filmes e personagens – temáticas de interesse dos estudantes	Analisar os depoimentos nas rodas de conversa, através de curtas de animação. Registros em áudio.
Etapa 5 20/10/22	Oficina Construção de <i>Storyboard</i>	Construir de <i>storyboard</i> (desenhos em histórias) – cenários personagens e temáticas produções dos estudantes	Identificar na oralidade e nos desenhos as identidades e pertencimento. Registros em vídeo.
Etapas 6 03 e 04/11/22	Edição de filmes Montagem de cenários	Construção	Montagem técnica dos filmes
Etapa 7 01/12/22	Festival de Cinema do Barro	I Mostra do Festival dos Curtas Produzidos pelos Estudantes Exibidos na Escola.	Fabular suas ideias concretizadas nas telas de projeção da escola. Mapear a experiência entre os estudantes
Etapa 8 11/11/22	Inscrições no Festival	6 filmes em animação com <i>stop-motion</i> inscritos	Participar do Festival concorrendo a melhor Curta de Animação
Etapa 9 15 e 16/12/22	Encontro Municipal de Audiovisual na Educação do Recife (Emcine)	Participar do Festival do Emcine Premiação	2 filmes finalistas e 1 filme premiado Avaliar os efeitos do prêmio para a comunidades escolar

Etapa 10 25/08/23	Oficina com Professores – Encontro 1- Educação Audiovisual: As telas e Telas na Escola	Sondar as impressões sobre o cinema e o audiovisual na escola.	Interpretar os dados e as impressões com o questionário
Etapa 11 20/09/23	Oficina com professores- Encontro 2 - O Audiovisual – dispositivos: objetos e músicas que trazem histórias e ferramentas de edição	Oferecer experimentação dos dispositivos, objetos e músicas que trazem histórias e Stop-Motion Studio. Sugerir atividade com estudantes	Observação das impressões dos professores e analisar funcionalidades e associação com a prática pedagógica. Registro transcrito.
Etapa 12 06/10/23	Festival Internacional de Animação de Pernambuco –Animage – Mostra Infantil	Proporcionar experiência no Cinema da UFPE com estudantes do festival	Participar do Festival Internacional. Registros em desenho das experiências, depoimentos dos estudantes
Etapa 13 27/10	Oficina com Professores- Encontro 3 - O Audiovisual – Nossos Filmes – Produção de <i>Storyboard</i> .	Oferecer experimentação dos dispositivos de construção de histórias.  Questionário final	Socialização e relatos com narrativas audiovisuais.
Etapa 14 dez. 2023 a fev. 2024	Produto Caixa de Telas e Telas	Reunir práticas professorais de audiovisual	Telas e Telas para o Ensino Básico

Fonte: Elaborado pela autora.

Parte do material coletado – registros do diário de campo, questionários, transcrições das entrevistas e planos de aula – foi reunida para a qualificação. A escrita com os resultados fundamenta a pesquisa, pois, segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 205), “A redação do trabalho científico consiste na expressão, por escrito, dos resultados da investigação. Trata-se de uma exposição bem fundamentada do material coletado, estruturado, analisado e elaborado de forma objetiva, clara e precisa”.

A escrita do trabalho ultrapassa a divisão entre teoria e prática. É um processo de trocas entre teoria e prática educativa que se revela em um novo fazer. No processo final, as práticas descritas tornaram-se um produto de uso pedagógico como requisito final do trabalho de pesquisa: *A Caixa de Telas e Telas*, onde há recursos audiovisuais para atividades em escolas da Rede Municipal do Recife. Na próxima seção, analiso os desdobramentos de cada etapa, fazendo a análise integral do produto que decorreu da pesquisa.

## **6 AS TRELAS E TELAS NO ESPAÇO ESCOLAR: UM CAMINHO DE EXPERIÊNCIAS COM O AUDIOVISUAL**

Nesta seção, trago o plano de ação e as suas etapas com as experiências dialogando sobre os letramentos audiovisuais, o cinema e a educação no contexto escolar. Descrevo aqui as etapas da pesquisa, buscando uma análise linear das ações planejadas e executadas. Durante o percurso, a dinâmica escolar moldou minhas percepções, fazendo-me repensar constantemente minha prática na pesquisa na tentativa de buscar respostas e caminhos sobre o uso do audiovisual na escola e suas práticas por estudantes e professores. Nomeei cada subseção com a ideia final da pesquisa, de modo a remeter à apresentação do meu produto final, que é a reunião dessas práticas em uma *Caixa de Telas e Trelas*.

### **6.1 ETAPA 1: AS PREMISSAS DA PESQUISA COM A GESTÃO E O CORPO DOCENTE DA ESCOLA**

A intenção inicial era proporcionar a aproximação de toda a escola da linguagem do cinema e do audiovisual, o que aconteceu em etapas nas oficinas com alguns estudantes. Ficou a critério da escola optar ou não pela implementação dessa ação, tendo em vista haver por vezes obstáculos, tais como: falta de equipamento adequado e de espaço físico amplo, calendário escolar rígido ou indisponibilidade de recursos humanos habilitados a para execução das atividades.

A escola em que ocorreu a pesquisa se mostrou bastante interessada pela proposta. Sendo assim, iniciamos as reuniões com a coordenação escolar e com a professora da biblioteca. Decidimos que nosso espaço físico de atuação seria a biblioteca, onde aconteceria o desenvolvimento de todas as etapas das oficinas, (debates, exibição de filmes, produção de atividades).

As turmas envolvidas, nos turnos da manhã e da tarde, contaram com o total de vinte estudantes, abrangendo estudantes do grupo V ao 4º ano do Ensino Fundamental. Em média, havia de dois a três estudantes de cada turma. Os encontros tinham duração de duas horas, tendo sidio realizados de setembro a novembro de 2022.

No princípio da proposta à comunidade escolar, achava-se que seriam realizadas só exibições de filmes que abordassem as temáticas vinculadas a datas comemorativas, de forma apenas ilustrativa, sem construção de ideias por parte de estudantes, tornando o cinema meramente recreativo. Observamos que tal prática – a exibição de vídeos em sala de aula sem objetivo e desdobramento didático – é muito comum nas experiências de educação e audiovisual.

Por isso, julgamos urgente a necessidade de reflexão aprofundada sobre o uso do audiovisual como instrumento de mediação da atividade pedagógica. Moran (1995) propõe algumas considerações importantes ao trabalho do professor e identifica cinco pontos inadequados para o uso do vídeo em sala de aula (*vide* quadro abaixo).

Tabela 7 – Uso inadequado do vídeo em sala de aula

Vídeo tapa-buraco	Exibir vídeo quando há um problema inesperado, como ausência de professores. Usar esse expediente eventualmente pode ser útil, mas, se for feito com frequência, desvaloriza o uso do vídeo e o associa na cabeça do aluno à situação de não ter aula.
Vídeo enrolação	Exibir um vídeo sem muita ligação com a matéria. O aluno percebe que o vídeo é usado como forma de camuflar a aula. Pode concordar na hora, mas discorda do seu mau uso.
Vídeo deslumbramento	O professor que acaba de descobrir o uso do vídeo costuma empolgar-se e exibir filmes em todas as aulas, esquecendo outras dinâmicas mais pertinentes. O uso exagerado do vídeo diminui a sua eficácia e empobrece as aulas.
Vídeo perfeição	Existem professores que questionam todos os vídeos possíveis porque possuem defeitos de informação ou estéticos. Os vídeos que apresentam conceitos problemáticos podem ser usados para descobrir tais lacunas, junto com os alunos, e questioná-las.
Só vídeo	Não é satisfatório didaticamente exibir o vídeo sem discuti-lo, sem integrá-lo com o assunto de aula, sem voltar e mostrar alguns momentos mais importantes.

Fonte: Moran (1995, p. 29-30).

Apesar das proposições da escola em relação às ideias iniciais de cinema e vídeo, apresentamos a proposta de atividades a princípio com dois encontros, o que posteriormente se estendeu para seis, devido à ampliação da proposta por parte dos professores de sala de aula e da professora da biblioteca. O planejamento foi compartilhado com a escola, bem como a proposta de recursos a serem utilizados: papéis, lápis, cordões, tesouras, celulares, câmeras fotográficas, computadores e projetores, entre outros necessários a cada encontro.

## 6.2 ETAPA 2: OFICINA DE CINEMA – O QUE É CINEMA, IDEIAS E DEPOIMENTOS, COLETA IDEIAS PRÉVIAS; ENCONTROS COM ESTUDANTES EM RODAS DE CONVERSA; CINEMA, IMAGENS DE ENQUADRAMENTO E OLHAR DA FOTOGRAFIA

As atividades com os estudantes foram direcionadas para turmas do grupo V ao 4º Ano. Os discentes tinham faixa etária de cinco a dez anos e naturalmente apresentavam-se em diferentes fases de escrita, maturidades e experiências anteriores com o cinema e o audiovisual.

As conversas sobre cinema renderam a escuta de várias experiências, desde aquelas que não vivenciaram a experiência comercial de ir ao cinema, aos que consideraram que o cinema pode ser feito também em casa com pipoca, assistindo às plataformas de *streaming* por assinatura, como Netflix, Amazon e Disney Plus, assim como os vídeos na internet no YouTube e TikTok. Alguns consideram que essa forma de assistir em casa não é cinema, mas apenas assistir a vídeos.

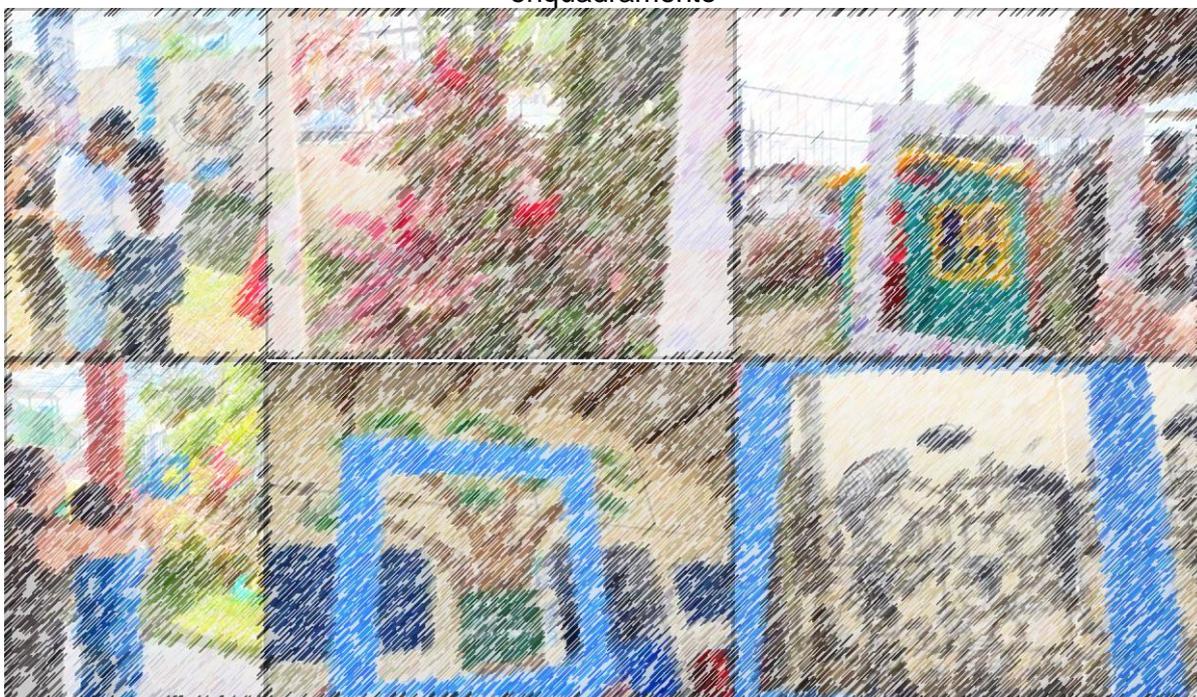
Depois da roda de escuta, com partilha espontânea de opiniões, os alunos assistiram ao vídeo sobre a história do cinema, que é uma produção selecionada pela equipe de curadoria do 7Cine, que é o setor de Mídia-Cinema e Audiovisual da SEPTI que aproxima estudantes e professores ao cinema. Os estudantes se mostraram surpresos com a exibição dos equipamentos antigos e tecnologias da época exibidas no vídeo.

Fazendo uma ponte entre o passado e o presente, levamos para a oficina uma máquina fotográfica digital, equipamento que os estudantes foram convidados a manipular e experimentar. A surpresa e contato com a câmera trouxeram muita curiosidade, fomentando uma análise à parte para esse momento. Os estudantes

foram estimulados a acessar espaços da escola para perceber suas características: cores, formas e acontecimentos, exercitando os olhares e os enquadramentos, exercícios visuais para a familiarização com a linguagem audiovisual.

Na ocasião, também foi feito de papelão um recurso de moldura vazada e cilindros de papel-toalha, que chamamos de dispositivos. Por quê? O recurso-dispositivo visava colocar o estudante em uma situação na qual ele pudesse definir o que deve ser visto na imagem e o que deve ficar fora de quadro.

Composição 1 – Exploração ambiente escolar usando dispositivos audiovisuais para enquadramento



Fonte: Compilado pela autora com base em fotos de acervo pessoal.

As fotografias acima foram exercícios do olhar, uma experiência da pesquisadora com a formação continuada na Escola Semente de Audiovisual, em parceria com o Curso Educação Audiovisual no Chão da Escola: fundamentos e práticas. Tais parcerias estão aliadas às nossas pesquisas, permitindo elencar os dispositivos audiovisuais que foram essenciais para a prática das atividades que vieram a ser realizadas posteriormente no projeto. Fotografar nos obriga a pensar constantemente em como olhar para determinada cena, escolhendo o que vemos dentro dos limites do quadro e o que não se enquadra. Nosso olho, como a câmera, desempenha esse papel, selecionando o mundo e gerando uma imagem que nos faz

perceber as formas e cores das pessoas e objetos, permitindo-nos empreender uma reflexão em torno dessas perspectivas sobre as atualidades imagéticas e visuais.

As reflexões de Paulo Freire em seus diálogos com o educador e escritor Sérgio Guimarães deram a origem ao livro *Educar com a Mídia: novos diálogos sobre Educação*. Entre tantos diálogos ao longo dessa obra, um que faz referência ao audiovisual me chama a atenção:

O problema que se coloca fundamentalmente na escola primária com relação aos chamados instrumentos audiovisuais é o de que com eles através deles nós possamos de um lado exercitar, estimular a vontade de conhecer nas crianças, portanto o próprio instrumento pode ser dado à criança para a criança saber o que é esse instrumento. Saber, por exemplo, que está por trás desse gravador.... de um lado, portanto é um instrumento que se entrega à curiosidade do menino o que é importante também para a formação do educador, ele deve ser formado de forma diferente, de outro lado instrumento deve tanto quanto possível ser usado no sentido de estimular a criatividade, a expressão artística da criança (Freire; Guimarães, 2021, p. 81).

A curiosidade foi exercitada durante as oficinas atrelada à prática de “trelar”, dando um importante passo para descobrir novos olhares através do encontro entre estudantes e educadores e equipamentos de captação de imagem e som. A fotografia é uma ferramenta poderosa que pode ser utilizada para enriquecer o processo de aprendizagem, a criatividade, a autonomia e a comunicação. A fotografia também pode ser utilizada para a conscientização histórica e preservação da memória cultural.

### 6.3 ETAPA 3: OFICINA DE CINEMA – BRINQUEDOS ÓPTICOS E EXPERIMENTAÇÃO COM A LUDICIDADE DOS BRINQUEDOS E DO OLHAR

Segundo Barquete (2002, p. 15), “Na medida em que o grupo se fortalece e vivencia o processo de sensibilização, é possível ampliar a complexidade das práticas e o arco de experiências no tempo e no espaço ao envolver o território e as pessoas da comunidade”.

Considerando a importância da atividade coletiva, nesta etapa, os elementos de brincar foram importantes porque propomos a construção de um taumatrópio, com o objetivo de aproximar a ludicidade, a ciência e a tecnologia envolvidas, resultando na construção de um brinquedo (dispositivo) imagético: um disco com figuras que se

completam, uma em cada fase, giradas rapidamente com auxílio de barbantes. Devido à persistência da visão, o cérebro processa as duas imagens como uma só, criando a ilusão. O uso de moldes foi necessário para o entendimento do brinquedo.

Composição 2 – Oficina: brinquedos ópticos, o taumatrópio



Fonte: Compilado pela autora com base em fotos de acervo pessoal.

Tratou-se de uma experiência que produziu reações e diálogos diversos sobre os efeitos na hora do brincar. Uma das indagações mais comuns feitas pelos estudantes na experimentação com o taumatrópio foi: “O passarinho está dentro da gaiola, como pode?” (estudante, grupo V).

A imaginação, o afeto e a presença do outro nesse momento requerem a mediação para completar a ação. A presença do outro é estímulo para que se sinta confiança em experimentar falar, imaginar e trocar. Nesse momento de interação social da pesquisa, resgatamos o pensamento de Vygotsky, como delineador das propostas com o audiovisual e a educação. Sua teoria socioconstrutivista afirma que, sempre que há um tipo de troca (relação), existe aprendizagem.

O homem não é um ser passivo, visto que, ao criar cultura, cria a si mesmo. Crianças e adolescentes, em seu desenvolvimento, passam por mudanças, ora aprendendo, ora ensinando, tendo o meio social como decisivo, assumindo suas experiências inseridas em sua realidade de vida, resultando em suas aprendizagens. Vygotsky, relacionou formas de vinculação entre a imaginação e a realidade e o uso das fantasias como uma das mais poderosas técnicas pedagógicas, pois a fantasia

constrói algo novo. E ainda chamou a atenção para não pensarmos só de forma técnica, de modo a ampliarmos a reflexão para as esferas emocional, social e política, permitindo-nos exercitar a imaginação como parte de uma experiência criativa e educativa. Duarte (2002, p. 17) lembra que:

[...] tomar os filmes como objeto de estudo não significa negar a magia e o encantamento que eles provocam em seus espectadores, assim como nos alerta para não despedaçá-los, destrinchá-los em fragmentos insignificantes [...]. Ver e interpretar filmes implica, acima de tudo, perceber o significado que eles têm no contexto social do qual participam.

A vivência do cinema permite-nos mergulhar fundo em nós mesmos, levando-nos a apropriarmo-nos cada vez mais conscientemente sobre nossa história, personalizando nossa própria aprendizagem e produzindo e renovando a cultura.

#### 6.4 ETAPAS 4 E 5: OFICINA DE *STOP-MOTION* – FILMES E PERSONAGENS DE FILMES E TEMÁTICAS DE PERTENCIMENTO DE INTERESSE DOS ESTUDANTES (BAIRRO, AMBIENTES)

*Stop-motion* é uma técnica de animação que consiste na apresentação sequencial de desenhos, fotografias ou até mesmo imagens do próprio corpo. É uma das formas mais artesanais que existem de se fazer cinema. Segundo Fresquet (2020, p. 106), “[...] o cinema (ou o vídeo) na escola se revela como possibilidades afetivas e efetivas de aprender, relacionando a parte e o todo, o dado e o imaginável”. É a partir dessa ideia, que esta etapa das atividades de pesquisa foi fundamentada.

A sensibilização sobre o espaço, o ambiente e o território foi um caminho escolhido de modo unânime pelos professores pesquisados para as abordagens nas possíveis produções. Buscamos definir o caminho para essa etapa de pertencimento, com temáticas que abordassem o bairro, a comunidade e lugares importantes para as experiências de estudantes e professores. Os alunos foram motivados a apresentarem o seu bairro, por meio de perguntas como: “O que tem no seu bairro?” Os relatos orais foram ricos em conhecimentos dos discentes. Logo após, foram apresentadas aos estudantes imagens do bairro do Barro e suas principais

referências, trazendo as informações em forma de imagens e questionando as conformações dos locais.

Nessa ocasião, utilizamos o Google Street View para localizar o bairro do Barro e suas ruas para que eles reconhecessem alguns locais. Esse recurso é disponibilizado pelo Google Maps ou pelo Google Earth, proporcionando vistas panorâmicas de 360 graus de partes do planeta Terra. As imagens, em sua maioria, são capturadas com auxílio de um carro especialmente equipado para mapear e fotografar ruas.

Composição 3 – Fotos legendadas para contemplação dos estudantes em favor de um exercício de pertencimento



Fonte: Compilado pela autora de imagens pesquisadas no *site* Google Street View (2023).

A atividade agora teria como ponto de partida: a busca por personagens das histórias que os alunos ouviram no seu bairro para a criação de roteiros. O objetivo era produzir *storyboards*, que são uma sequência de desenhos dispostos quadro a quadro para o esboço das cenas.

No processo de execução das produções que se seguiram à escuta, a imaginação, a fabulação e as conexões para a construção de narrativas foram ricas em detalhes. Personagens do bairro, lugares e o cotidiano foram representados na escrita e nos desenhos no imaginário dos estudantes.

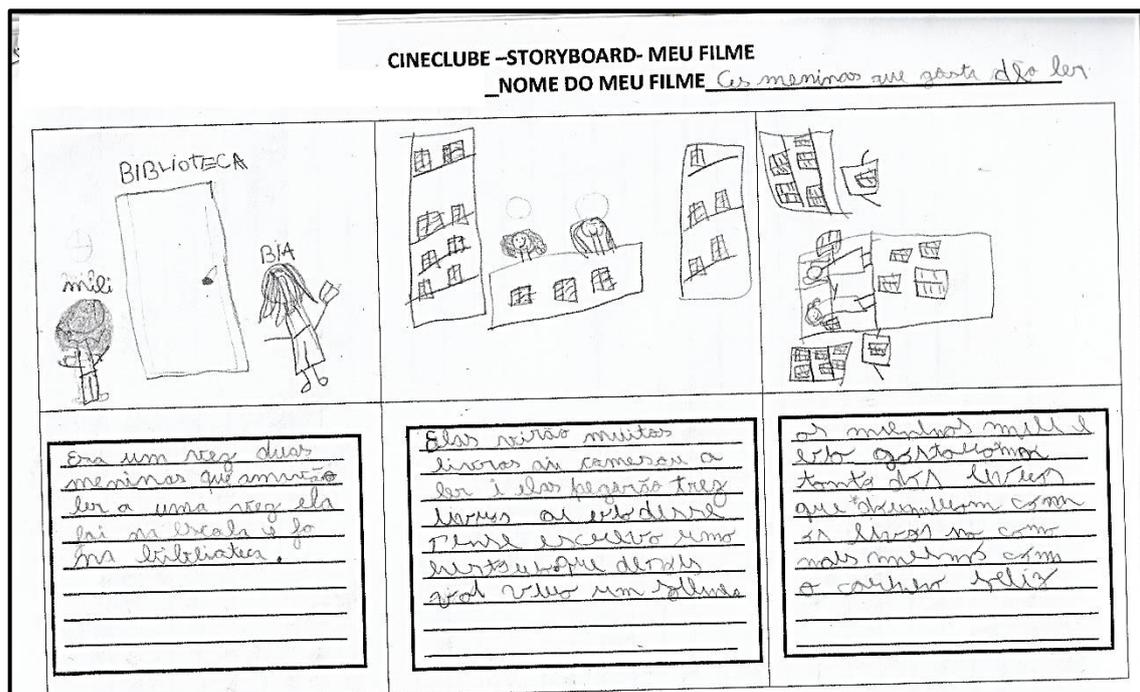
Nesse momento, houve a escuta individual ou em duplas sobre as produções, registrada em vídeos pela pesquisadora, o que evidenciou os gestos a respeito das narrativas: as expressões de medo, surpresa, tristeza e alegria. Os sentimentos se entrelaçam às pseudoleituras, leituras pausadas e leituras fluentes. Esse foi um momento de várias reflexões e conexões entre as fases de desenvolvimento da

escrita, leitura e letramento, o que nos remete à psicogênese da língua, descrita por Ferreiro e Teberosky (1999). A criança passa por quatro fases até que esteja alfabetizada: a pré-silábica, a silábica, a silábico-alfabética e a alfabética.

Os estudantes, público-alvo da pesquisa, estavam em sua maioria nas fases silábico-alfabética e alfabética. Alguns se encontravam na pré-silábica, o que tornou necessário oferecer modelos diversificados de *storyboard* (roteiros que contêm desenhos em sequência cronológica, mostrando as cenas e ações mais importantes na decupagem de um filme, programa ou anúncio de TV) para viabilizar as produções textuais. Alguns modelos continham linhas para a escrita sobre os filmes, e outros só possuíam quadros para as imagens, não havendo impedimento para o rabisco de algumas palavras feitas pelos estudantes que ainda não estivessem alfabetizados.

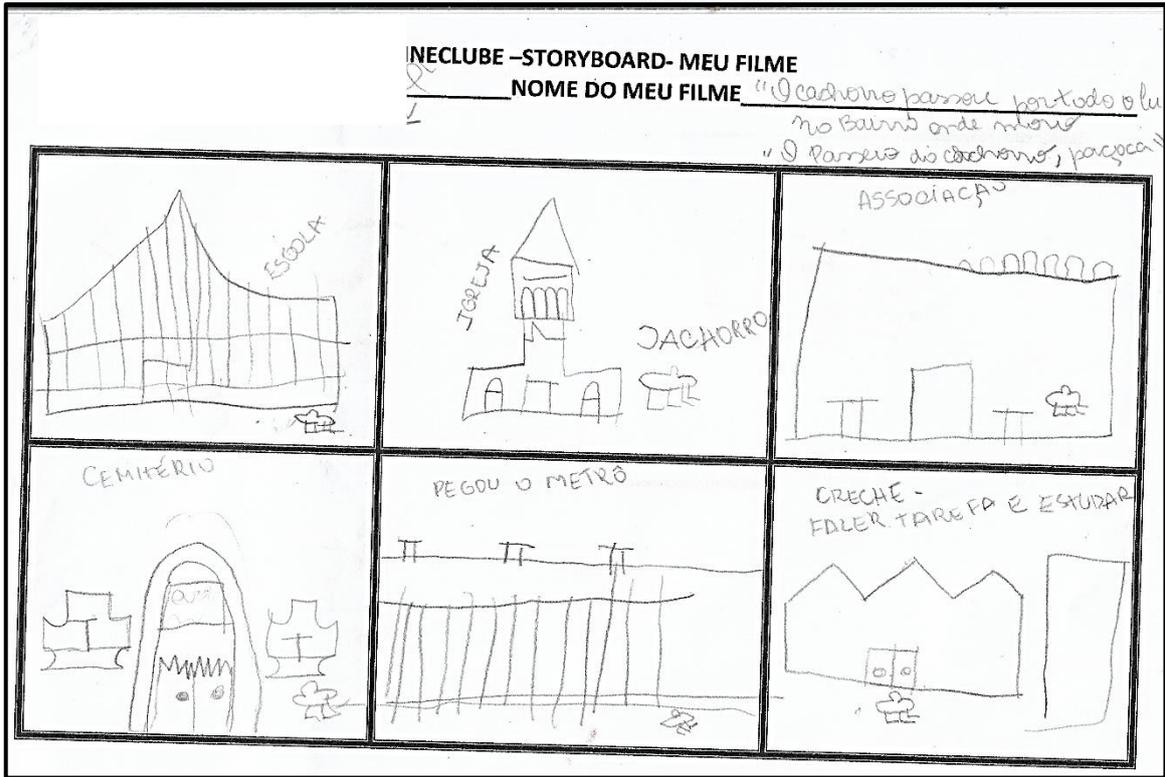
O foco da pesquisa nessa fase não foi identificar as apropriações de leitura e escrita, mas identificar processos diferentes de pertencimento e identidade nas produções dos filmes, com narrativas de começo meio e fim. Mesmo aquelas que continham só desenhos, tornaram-se compreensíveis, graças à complementação proporcionada pelas narrações registradas em vídeo.

Figura 2 – Produção do *storyboard* das estudantes R. e M. A. (8 anos), 2º Ano (filme: As meninas que gostavam de ler)



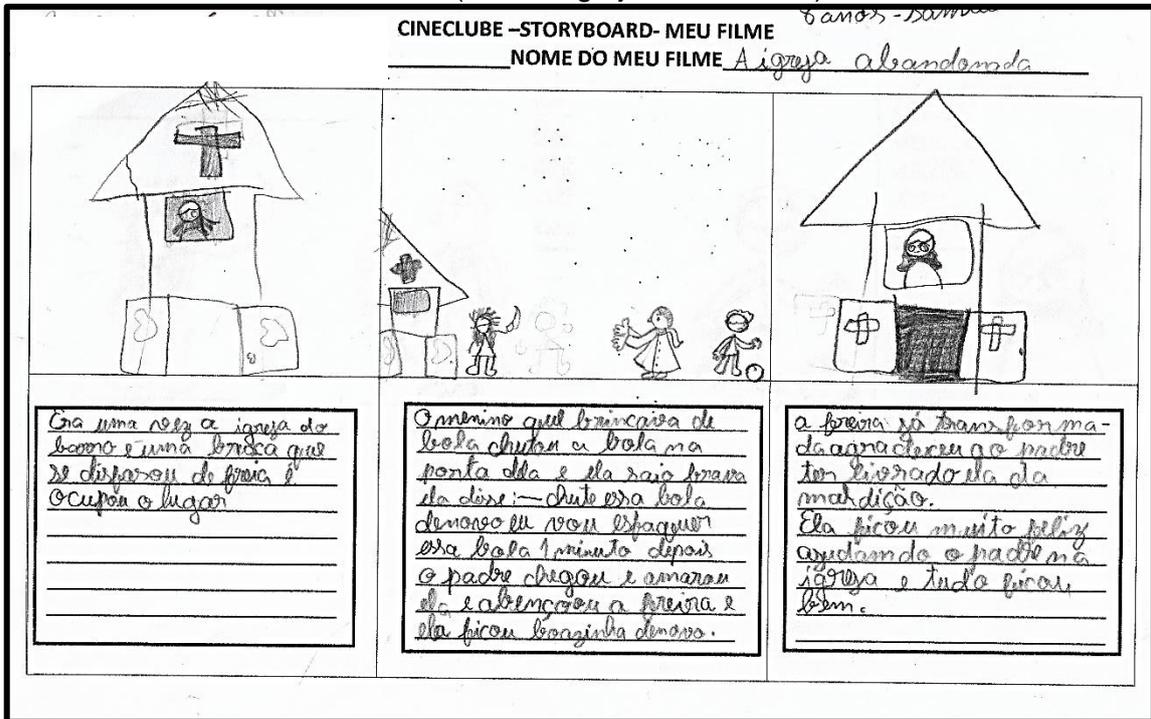
Fonte: Acervo pessoal.

Figura 3 – Produção do *storyboard* do estudante E. C., grupo V (filme: O passeio do cachorro paçoca)



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 4 – Produção do storyboard dos estudantes P. (9 anos), 2º ano, e S. I. (8 anos) 2º ano (filme: A igreja abandonada)



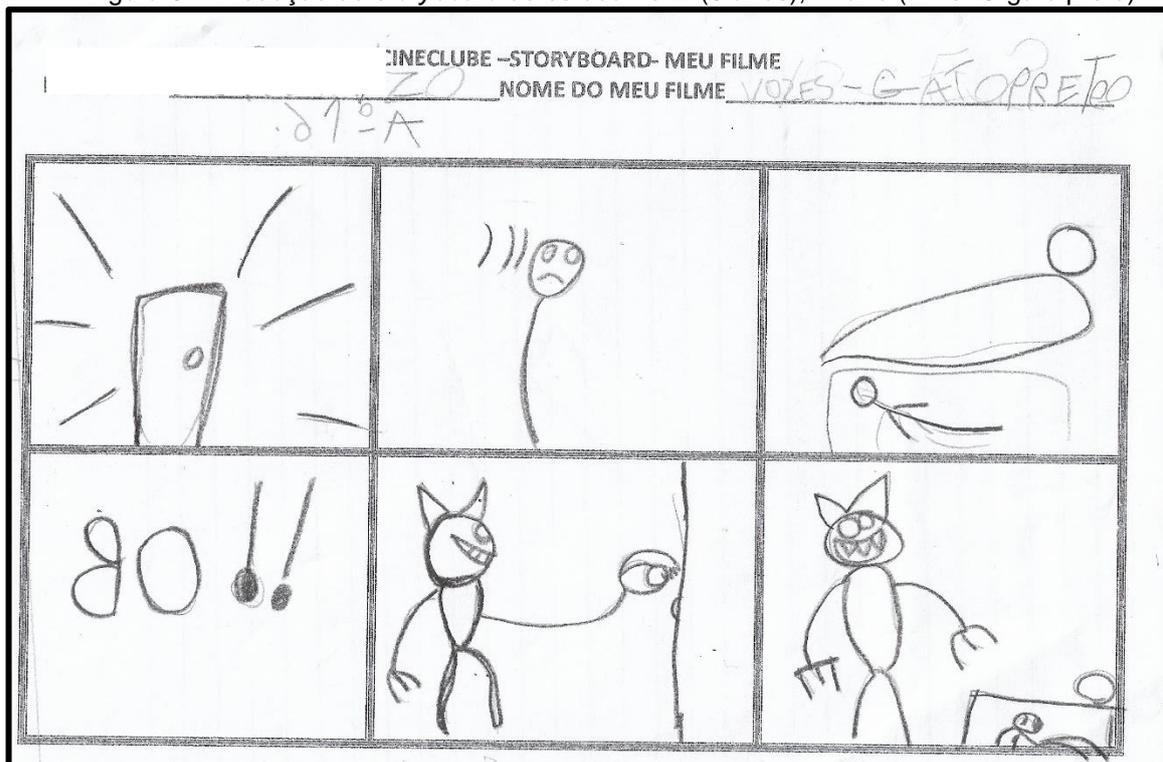
Fonte: Acervo pessoal.

Figura 5 – Produção do *storyboard* do estudante E. (5 anos), grupo V (filme: Eu e minha família)



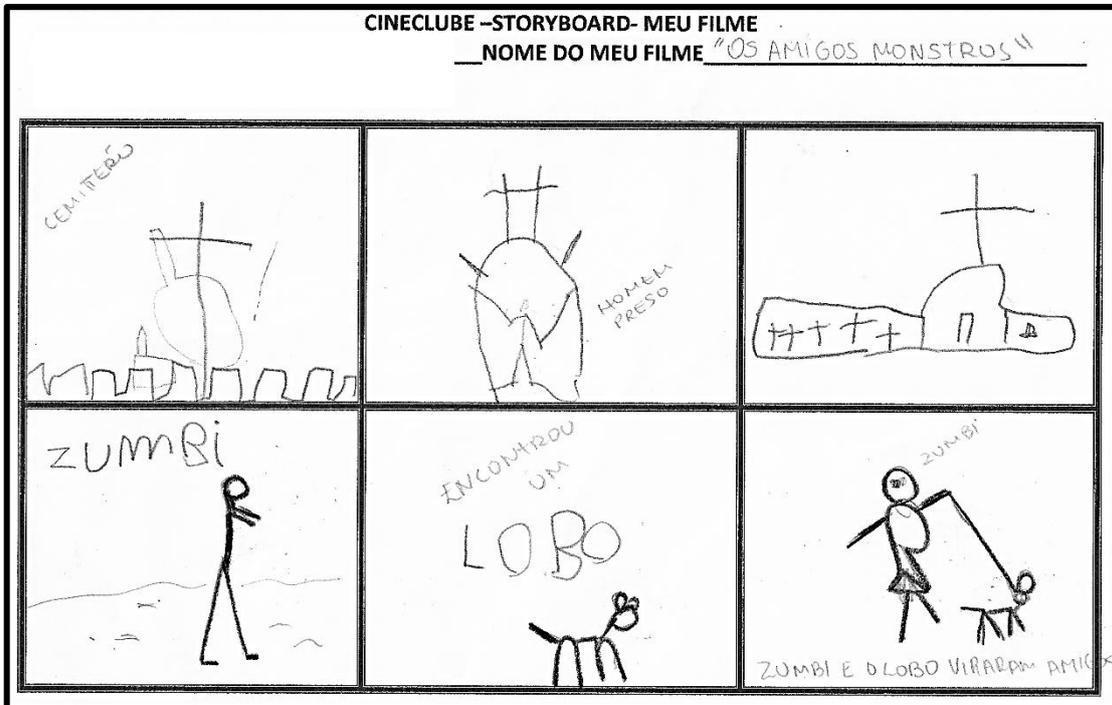
Fonte: Acervo pessoal.

Figura 6 – Produção do *storyboard* do estudante L. (6 anos), 1º ano (filme: O gato preto)



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 7 – Produção do *storyboard* do estudante R. (6 anos), 1º ano (filme: Os amigos monstros)



Fonte: Acervo pessoal.

## 6.5 ETAPA 6: EDIÇÃO DE FILMES, MONTAGEM DE CENÁRIOS, CONSTRUÇÃO DOS PROFESSORES ENVOLVIDOS E MONTAGEM TÉCNICA DOS FILMES

### Composição 4 – Processo de manipulação e dos personagens no filme



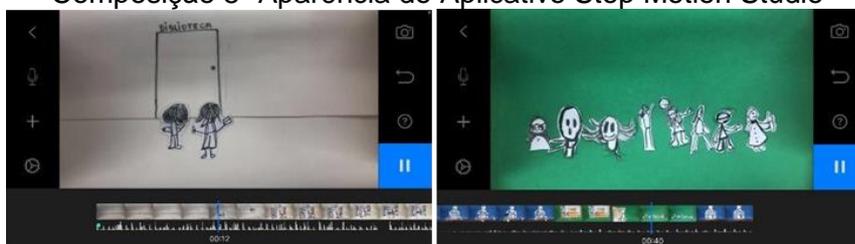
Fonte: Compilado pela autora com base em fotos de acervo pessoal.

A produção de animação em *stop-motion* foi um processo mais técnico da qual poucos alunos na ocasião participaram. Voltamos a enfatizar que o *stop-motion* é uma técnica de animação que independe de mídia e pode ser produzida com desenhos,

objetos feitos com massa de modelar, blocos de papel, manipulação de caixas, recursos artesanais e digitais, aliados a *softwares* específicos. Para o desenvolvimento da nossa pesquisa na escola, contamos com recursos simples, como papel e lápis, para produzir as histórias e seus personagens. Para realizar a digitalização do processo, foram escaneados e ampliados alguns cenários e personagens, de modo a se transformarem nos filmes de animação.

As narrativas se transfiguram em personagens que criam vida e movimento nas produções. De forma artesanal, foi improvisada uma plataforma para o início da produção das fotografias dos personagens, com o aplicativo de celular Stop Motion Studio, operado pela pesquisadora e, em alguns momentos, pelos estudantes como experimentação da técnica. A utilização das tecnologias envolvidas não foi uma etapa intensamente vivenciada pelos estudantes, pois os equipamentos necessários para esse momento não se faziam necessários para a contemplação do trabalho. Contudo, o saber necessário para a edição ficou por conta da professora multiplicadora (pesquisadora) e da professora da biblioteca (foram produzidos seis filmes).

Composição 5- Aparência do Aplicativo Stop Motion Studio



Fonte: Compilado pela autora a partir de imagens do aplicativo Stop Motion Studio.

## 6.6 ETAPA 7: FESTIVAL DE CINEMA DO BARRO, I MOSTRA DO FESTIVAL DE CURTAS PRODUZIDOS PELOS ESTUDANTES E EXIBIDOS NA ESCOLA E CONTEMPLAÇÃO DAS IDEIAS CONCRETIZADAS NAS TELAS DE PROJEÇÃO DA ESCOLA

Kenski (2012, p. 87) afirma que: “A narrativa do filme desloca da relação professor aluno o processo de interação comunicativa, novos personagens adentram na sala de aula e diante de um público receptivo informam atuam o movimento emoções e reflexões”. As narrativas dos professores para essa prática na unidade

escolar são claras e trazem consigo uma metodologia inovadora no que se refere ao audiovisual:

Os alunos do Grupo V participaram efetivamente do cineclube com as oficinas... eles ficaram muito entusiasmados com a novidade, algo que ainda não havia acontecido aqui na escola... foi muito enriquecedor para eles e nós da instituição escolar. Quando foi apresentado o trabalho deles para vermos foi muito emocionante observar a criatividade e o capricho realizado por cada um dos participantes. Que venha mais um cineclube! Estamos aguardando. (Professora A. P., grupo V).

Composição 6 – I Mostra do festival de curtas produzidos estudantes e exibidos na escola



Fonte: Compilado pela autora com base em imagens de acervo pessoal.

Toda observação dos professores caminhou para a integração de práticas que se alinhavam com as práticas de leitura e escrita. Percebo que estamos diante de uma nova cultura escolar, que historicamente foi dominada pela leitura e escrita. Subsidiando essa inquietação, visitamos Paulo Freire, que nos traz o olhar da curiosidade, que dialoga muito bem as práticas audiovisuais sobre nossas reflexões:

Ensinar exige reflexão e crítica sobre a prática ...quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de por que existiu assim, mas me torno capaz de mudar-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para de curiosidade epistemológica. (Freire, 1996, p. 42-44).

A I Mostra de Curtas de Animação do Cineclube da Escola do Barro promoveu essa interação citada por Kenski e por Freire. Realizada no dia 1º de dezembro de 2022, a mostra teve a participação de toda a escola com a apresentação nos dois turnos dos seis filmes produzidos pelos estudantes. Essa culminância foi um momento de muito entusiasmo e sentimento de realização na exibição dos filmes. Foram eles:

Tabela 8 – Curtas de animação produzidos pelos estudantes

<b>Filme de Animação</b>	<b>Autores</b>	<b>Turma</b>
Tudo acontece na Igreja do Barro	P. (9 anos) e E. (5 anos)	Turma: Grupo V
O passeio do cachorro paçoca	E. C. (5 anos)	Turma: Grupo V
As aventuras de Max	S. (6 anos)	Turma: 1º Ano
Os amigos monstros	R. (6 anos)	Turma: 1º Ano B
As meninas que gostavam de ler	R. e M. (8 anos)	Turma: 2º Ano.
O gato preto	L. (6 anos)	Turma: 1º Ano A

Fonte: elaborado pela autora.

As nossas observações apontam para uma prática avessa às estruturas escolares, advinda da importância que a linguagem audiovisual adquiriu em nosso mundo. Eleger o audiovisual como objeto de pesquisa trouxe uma quebra de paradigma das rotinas da unidade escolar em relação à produção dos estudantes e ao diálogo com a imaginação e a criatividade.

Estimular a criação de vídeos de uma maneira orientada pode fazer os estudantes entenderem conceitos e serem capazes de explicá-los de forma clara e concisa, estimulando o estudo e a oralidade. Isso ajuda a reforçar o conhecimento e a compreensão dos mais diversos conteúdos. É uma maneira de envolvê-los e ajudá-los a aprender de uma forma divertida e interativa, sabendo que nós educadores temos um papel importante diante das demandas comerciais e midiáticas quanto ao uso e produção do vídeo na escola. Os docentes são fundamentais na mediação ativa, pois a atuação de um adulto responsável assegura um uso saudável de telas, tanto no contexto escolar quanto no familiar.

Além disso, o cinema pode ajudar a desenvolver a empatia e a compreensão intercultural, permitindo que os estudantes sejam expostos a diferentes culturas e perspectivas. Segundo a professora e pesquisadora Mônica Fantin, em seu livro

*Crianças, cinema e educação*, o audiovisual pode ser usado em favor do desenvolvimento de múltiplas linguagens:

Se muito do que sabemos hoje sobre o pensamento e os sentimentos de outras pessoas, outros povos, épocas e culturas foi aprendido por meio de sua arte, música, poesia, pintura, dança, teatro, cinema, é necessário entender e potencializar tais linguagens. Para que nos apropriemos de uma linguagem, precisamos entender, interpretar e atribuir sentido a ela, aprendendo a operar os seus códigos. Da mesma maneira que na escola existe espaço destinado à alfabetização das áreas de língua portuguesa, matemática e ciências, é preciso haver maior espaço para alfabetização das múltiplas linguagens, escrita audiovisual e digital, como uma forma de compreensão do mundo das culturas de cada um de nós. É dentro dessa cultura que trabalha o conhecimento científico sensível, simbólico, imaginário, que emerge a importância do cinema dentro da escola como possibilidade de fruição, conhecimento, experiência estética e produção (Fantin, 2011, p. 121).

As telas também podem ser usadas para promover a comunicação, a criatividade e o afeto entre os envolvidos. Foi dessa forma que os filmes de animação criados pelos estudantes ganharam uma dimensão significativa para a comunidade escolar durante a pesquisa.

A exibição de curtas na mostra na unidade foi inovadora para a cultura da escola. Cartazes e ingressos figurativos fizeram parte do ambiente, numa festa cinematográfica com estudantes de olhinhos vidrados ao assistirem seus filmes na tela. Foi indescritível em palavras os sorrisos e a emoção do momento.

## 6.7 ETAPAS 8 E 9: INSCRIÇÕES E PREMIAÇÃO NO ENCONTRO MUNICIPAL DE AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO (EMCINE)

O Encontro Municipal de Audiovisual na Educação (Emcine) surgiu em 2018 com a finalidade de valorizar, divulgar e expor as experiências e os trabalhos audiovisuais realizados por docentes e discentes da Rede Municipal de Ensino do Recife.

A socialização de experiências em diversas mídias e categorias cinematográficas é feita por inscrições que atendem a algumas regras por categorias. Seis filmes foram inscritos em 2022. O filme *Tudo acontece na Igreja do Barro* foi

premiado como Melhor Animação em 2022, sendo uma surpresa para toda a comunidade escolar.

A experiência das crianças com o Cineclubes foi extremamente significativa, cheia de surpresas, interesses e afetos. As crianças se envolveram em todas as propostas de trabalho e cada encontro era uma festa. As crianças passaram até a observar mais o espaço em que estavam inseridas, observar o caminho de casa, a paisagem e estrutura do bairro, além de perceber o ambiente escolar como local de produção artística. Foi uma experiência incrível! (coordenadora pedagógica da Escola Municipal do Barro).

Esse tipo de fato consolida todo o processo e as etapas de planejamento, articulação e realização dessa atividade nova que é a prática das audiovisualidades na escola.

Disponível no *site* do Emcine, a premiação aconteceu na ocasião para duas escolas acompanhadas pela Utec Jardim Botânico, unidade da qual sou multiplicadora e que estava envolvida no momento inicial desta pesquisa: a EMTI Dom Bosco e a Escola do Barro. Ambas e seus respectivos envolvidos foram premiados na ocasião.

Os filmes estão disponíveis no *blog* do Emcine através de armazenamento compartilhado pelo Google Drive.

Tabela 9 – Filmes premiados na edição 2022 do Emcine

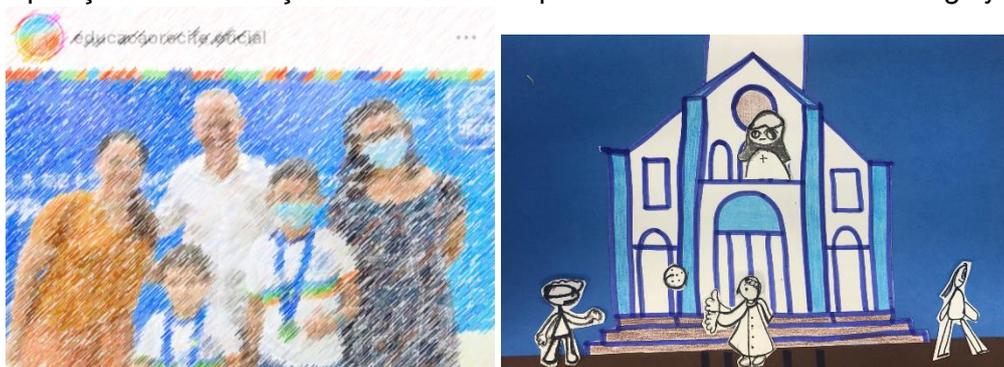
Filmes de Animação	Autores	Anos	Links
Tudo acontece na Igreja do Barro	P. (9 anos) e E. (5 anos)	2022	<a href="https://drive.google.com/file/d/1G5aCQpxlMIKa7wEdhTLt2hYr1t7GPixp/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1G5aCQpxlMIKa7wEdhTLt2hYr1t7GPixp/view?usp=drive_link</a>
O passeio do cachorro paçoca	E. C. (5 anos )	2022	<a href="https://drive.google.com/file/d/1EMCZAo_V3GmGONVJqztRtfyS5W-ZgkDa/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1EMCZAo_V3GmGONVJqztRtfyS5W-ZgkDa/view?usp=drive_link</a>
As aventuras de Max	S. (6 anos)	2022	<a href="https://drive.google.com/file/d/1hFkmPOj8pJ067XrkK2UdVTwyVILEbMGE/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1hFkmPOj8pJ067XrkK2UdVTwyVILEbMGE/view?usp=drive_link</a>
Os amigos monstros	R.6 anos	2022	<a href="https://drive.google.com/file/d/1L4YZTJLkwaxnR3uD_I9m309QzI383VI3/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1L4YZTJLkwaxnR3uD_I9m309QzI383VI3/view?usp=drive_link</a>

As meninas que gostavam de ler	R. e M. (8 anos)	2022	<a href="https://drive.google.com/file/d/1J67C7-ol7t4CWD8x8bBRj108EaPy7qiC/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1J67C7-ol7t4CWD8x8bBRj108EaPy7qiC/view?usp=drive_link</a>
O Gato Preto	L. (6 anos)	2022	<a href="https://drive.google.com/file/d/198SiyMJFABoAa_mwo-ytkEwpR7KBLgO/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/198SiyMJFABoAa_mwo-ytkEwpR7KBLgO/view?usp=drive_link</a>

Fonte: Emcine (2022).

As equipes gestoras de ambas as escolas sempre contribuíram para as práticas audiovisuais e para a formação dos professores. Em especial, a gestão escolar do Barro, onde foi desenvolvida a pesquisa, apoiou todas as ações nos diferentes momentos, dando suporte pedagógico, um fator muito importante para a realização contínua das atividades da rotina escolar e da pesquisa, fornecendo dados e abrindo espaços pedagógicos de troca entre estudantes e professores. Além disso, a gestão da unidade entendeu que os momentos e o tempo das formações sobre o audiovisual faziam parte de uma proposta didática, pensada, planejada e executada com muita ética e responsabilidade por todos os envolvidos.

Composição 7 – Premiação do Emcine e capa do filme *Tudo acontece na Igreja do Barro*

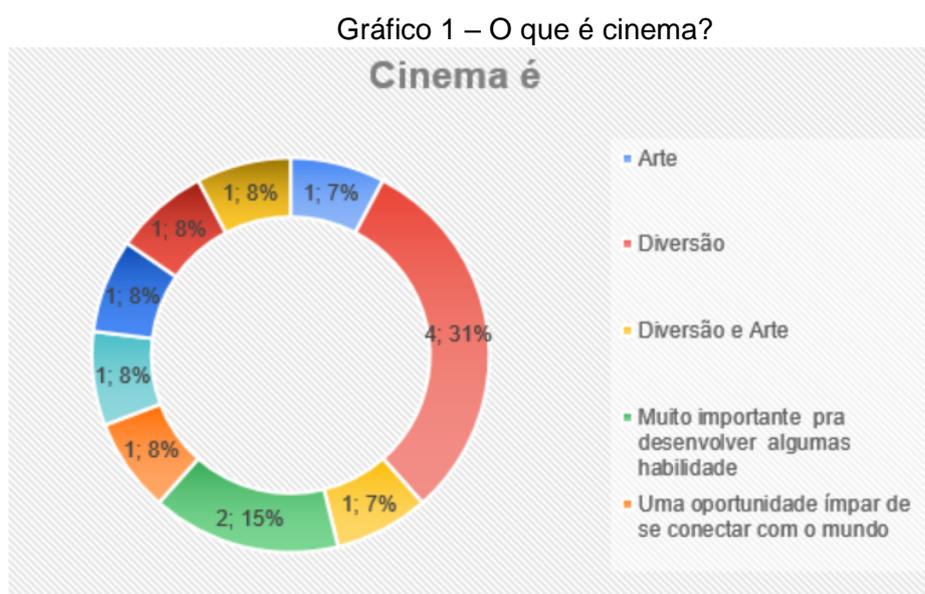


Fontes: Acervo pessoal e Emcine (2022).

6.8 ETAPA 10: OFICINA DE EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL: AS TRELAS E TELAS NA ESCOLA E SEUS DISPOSITIVOS: UMA ANÁLISE DAS IDEIAS DAS PROFESSORAS SOBRE O QUE É CINEMA, HISTÓRIA DO CINEMA E MINUTO LUMIÈRE

Todo o processo de contato das Oficinas em 2022 foi com estudantes. A proposta também era agregar a participação dos professores para sensibilizá-los em relação ao audiovisual, com atividades práticas que trouxessem a reflexão e a possibilidade de uso em sala de aula. Para isso, em 2023, foram realizadas três oficinas, com uma carga horária total de seis horas-aulas: em agosto, com 13 professoras presentes; em setembro, com 12; e em outubro com 15.

No primeiro encontro, apliquei um questionário, seguido de uma conversa com todas a respeito das relações delas com o audiovisual e com o cinema, em uma perspectiva de ouvir suas experiências em ser espectadoras e produtoras de vídeos, já que algumas delas exerceram essa experiência no período pandêmico em aulas *on-line*. Obtive 13 respostas sobre o cinema, nas quais destaca-se a percepção da diversão como principal característica ligada ao tema, como mostra gráfico abaixo.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Isso me fez confirmar a proeminência da proposta comercial em nosso meio social sobre o cinema como artefato de consumo. Outro questionamento feito foi sobre a produção de filmes com estudantes como atividade pedagógica. As respostas negativas quanto a esse item foram quase unânimes, como se vê no próximo gráfico.

Gráfico 2 – Produções de vídeo por educadores



Fonte: Elaborada pela autora.

Essas percepções consolidaram minha proposta de experienciar nos encontros diferentes ideias sobre os recursos audiovisuais nas oficinas. Assim, no primeiro encontro, apresentamos a história do cinema e, em especial, a dos irmãos Lumière. Realizamos a primeira experiência de momento prático, a produção do filme *Minuto Lumière*, no contexto escolar com proposta de observação e contemplação dos ambientes. Toda a técnica envolvida foi orientada de maneira que as professoras estivessem com o desejo de participar e usar seu celular ou *tablet* de maneira horizontal, em um local que desejassem filmar, deixando a câmera nessa posição imóvel por um minuto.

Os espaços escolhidos para as produções das professoras foram todos ambientes internos. Nesse mesmo encontro, houve compartilhamentos e diálogos sobre as produções. Ocorreram também produções em espaços externos, graças aos incentivos dados nos momentos vividos na oficina. As professoras participantes também se sentiram estimuladas a compartilhar a experiência no grupo de WhatsApp da escola.

Faço uma leitura muito positiva desse momento que dialoga com Fresquet (2020, p. 70), quando afirma: “A visualização coletiva dos minutos e sua análise conjunta posterior permitem novamente experimentar a pedagogia da criação ao imaginar outras possibilidades autorais, vendo a produção própria e alheia”.

Os filmes Minuto Lumière produzidos pelas professoras contemplaram temáticas como a natureza e principalmente o cotidiano escolar. As telas desse momento de maneira geral trouxeram conceitos e experimentações pioneiras para o corpo docente, que recebeu esse encontro com muita receptividade para o novo.

#### 6.9 ETAPA 11: OFICINA COM OS PROFESSORES: OFICINAS DE EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL – AS TRELAS E TELAS NA ESCOLA, DISPOSITIVOS, OBJETOS AFETIVOS E MÚSICAS QUE CONTAM HISTÓRIAS

Antes de mediar qualquer atividade na escola com a temática do cinema, é importante que educadores vivenciem um processo pessoal de aprendizagem, sensibilização e experimentação do potencial pedagógico do audiovisual para ter mais clareza e segurança no trabalho com os estudantes. No segundo encontro com os professores, diante do resultado do questionário de pesquisa sobre o que é cinema, refletimos sobre a ideia expansiva da sensibilidade para o olhar, para a escuta e para o sentir, juntando com telas musicais que envolveram muita emoção, entrega e depoimentos ricos. A curadoria e a sensibilização para essa oficina foram uma experiência de observação e interação que se entrelaçaram.

As professoras assistiram a dois curtas de animação. O primeiro foi Umbrella, (2021), com história e direção de Helena Hilário e Mario Pece, produção inspirada em eventos reais, trazendo temas como empatia, gentileza e esperança. No curta, enquanto uma menina visitava um lar de crianças, ela conhece Joseph, um menino que sonha em ter um guarda-chuva amarelo. Esse encontro inesperado desperta as memórias do passado dele. O outro curta foi Napo (2021), com direção de Gustavo Ribeiro. Com o agravamento de sua doença, um senhor precisa se mudar para a casa de sua filha, onde seu neto reinterpreta fotografias antigas em desenhos, ajudando-o a recuperar memórias perdidas. A produção trata de objetos afetivos, memórias e sentimentos.

Há vários pontos em comum entre os filmes citados acima. Em especial, eles são curtas-metragens de animação, uma categoria muito presente na nossa pesquisa, devido ao pouco tempo disponível para a contemplação, produção e estudo nas oficinas, realidade frequentemente vivida pelos educadores em questão.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é o fato de que um percentual de estudantes da escola reside em abrigos infantis. Conscientes dessa realidade, a escolha desses filmes levou em consideração a característica de ambos permitirem a abordagem da sensibilização sobre objetos afetivos. A curadoria, nesse sentido, demonstrou a importância da seleção bem deliberada das temáticas a se trabalhar, buscando trilhar, nesse caso, um caminho de aproximação das ideias abordadas com a realidade dos envolvidos na oficina, o que resultou em um momento de emoção para as professoras, com significativa expressão em seus relatos.

A contemplação desses relatos e histórias registradas na pesquisa através dos relatos das educadoras envolvidas trouxe um novo assunto: a psicanálise e o cinema. Essa temática remete à possibilidade de a arte e a ciência andarem juntas na abertura de novas compreensões sobre sentimentos, pessoas e histórias. Na nossa pesquisa, a reflexão a respeito dessas possibilidades por parte das educadoras foi perceptível, em especial, na maneira cautelosa de escolha das temáticas dos filmes a serem trabalhados. Nesse sentido, estavam em ação deliberações que remetiam a certas perguntas: como escolher? Quais assuntos abordar? Como abordar? Para ter um cuidado ético e sensível, as respostas levariam a escolhas que propiciassem de maneira segura e confortável a expressão das experiências e histórias de estudantes e professoras.

No momento das produções de vídeo intitulado *Músicas que contam histórias*, as reflexões e o tempo fizeram-nos utilizar estratégias novas com as professoras e seus estudantes. Para isso propus uma atividade na qual elas pudessem fazer vídeos com os estudantes. A atividade era utilizar um aparelho celular ou câmera para registrar pequenas entrevistas com outros estudantes e funcionários da escola que trouxessem a seguinte reflexão: “músicas contam histórias. Qual a sua? Buscamos, assim, conhecer uma história através da experiência do outro. Foi um desafio aceito pelos professores envolvidos e socializado na oficina posterior. Duas entrevistas fazem parte das transcrições a seguir.

Transcrição 1 – Vídeo 1 – Músicas que contam histórias: estudante

### Vídeo Entrevista 1 - Música que conta uma história

- [00:00:02] Pessoa 1 Boa tarde, qual é o seu nome? Boa tarde.  
 Pessoa 2 Meu nome é XXXX  
 Pessoa 1 Quantos anos você tem?  
 Pessoa 2 Treze.
- [00:00:09] Pessoa 1 Qual a música que conta história para sua vida?  
 Pessoa 2 Melhor Eu Ir.  
 Pessoa 1 Você poderia cantar um pouquinho dessa música?  
 Pessoa 2 Melhor eu ir, tchau. Melhor o final. Melhor assim.
- [00:00:18] Pessoa 1 Em que momento ela marcou a sua vida?  
 Pessoa 2 **Eu escuto desde pequeno com o meu pai.**
- [00:00:32] Pessoa 1 Tá certo, muito obrigada.  
 Pessoa 2 De nada.

Estudante do 5º ano

Fonte: coleta da pesquisadora (2023).

### Transcrição 2 – Vídeo 2 – Músicas que contam histórias: funcionária escolar

### Vídeo Entrevista 2 - Música que conta uma história

- 00:00:01] Pessoa 1 Boa tarde, qual é o seu nome?  
 [00:00:03] Pessoa 2 Boa tarde, meu nome é XXXXX.  
 [00:00:05] Pessoa 1 Qual é a sua idade?  
 [00:00:06] Pessoa 2 47 anos.  
 [00:00:08] Pessoa 1 Eu quero que você cante uma música para mim. Que música mais conta uma história da sua vida?  
 [00:00:14] Pessoa 2 Eu vou cantar a música Nossa Senhora. Nossa Senhora, me dê a mão. Cuida do meu coração. Da minha vida, do meu destino.  
 [00:00:30] Pessoa 1 Por que essa música mais marcou na sua vida?  
 [00:00:34] Pessoa 2 Porque eu tive um problema de circulação, mexeu com o meu coração. Então, na hora, no momento, só lembrei dessa música. Então, isso marcou a minha vida.

Funcionária escolar

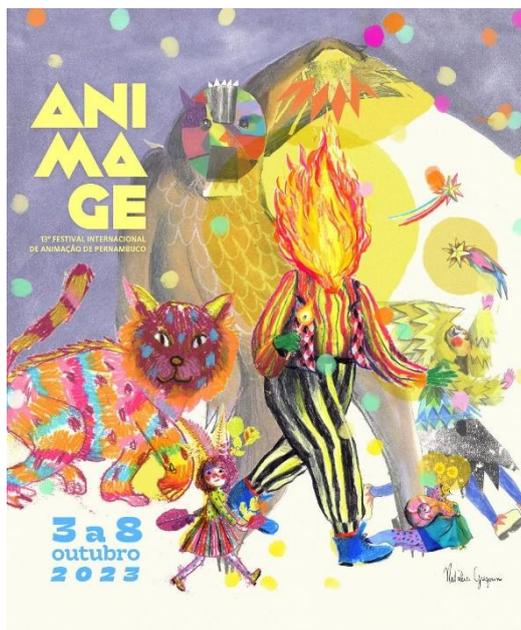
Fonte: coleta da pesquisadora (2023).

A socialização desses vídeos e as discussões com as professoras traçaram uma trajetória possível de prática em sala de aula. Foi possível, assim, realizar um recorte sobre o audiovisual, segundo as professoras, na execução dessa atividade. Evidenciaram-se habilidades dos estudantes que executaram os vídeos e a socialização de histórias semelhantes entre diferentes integrantes da comunidade escolar, versando a respeito da família, dos sentimentos, da memória, das dificuldades etc. Isso consolidou uma conclusão importante para os registros da pesquisa.

#### 6.10 ETAPA 12: EXPERIÊNCIAS EXTERNAS – FESTIVAL INTERNACIONAL DE ANIMAÇÃO DE PERNAMBUCO (ANIMAGE), MOSTRA INFANTIL E OFICINAS COM OS PROFESSORES E OS ESTUDANTES

As vivências externas foram um campo interessante em momentos diferentes da pesquisa. Como professora multiplicadora e pesquisadora, pude articular as participações dos estudantes em dois festivais: em 2022, no Encontro Municipal de Audiovisual na Educação do Recife (Emcine), promovido pela Gerência de Tecnologia e Educação da Secretaria de Educação; e em 2023, no 13º Festival Internacional de Animação de Pernambuco (Animage), realizado pela Secretaria de Cultura de Pernambuco no Cinema do Centro de Convenções da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Composição 8 – Compilado do postal com imagens do público do Barro no Festival Animage



👍 Curtido por cinema.ufpe e outras 64 pessoas  
 animagefestival Masterclass com sessão de filme, é massa demais!

No @cinemadafundacao teve público cativo para conhecer o processo criativo de Katrin Rothe, diretora alemã do @heartfieldfilm. Já no @cinema.ufpe recebemos alunos da Escola Municipal do Barro e @maraofilmes apresentou sua mostra.

Encerramos o dia com o longa La Grotte Sacrée ❤️  
 Vem ver as fotos!

📷 @vjucafoto

#animage #animage2023 #animacaopernambucana  
 #animacaobrasileira #animacao #cinemadefundacao  
 #animationfestival #animation #cinemabrasileiro  
 #stopmotion

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Embora os festivais tivessem propostas diferentes, ambos proporcionaram um universo de registros que foge à dimensão da escrita da minha pesquisa, representado, sobretudo, na imagem em que vemos os olhos brilhando de estudantes que ainda não tinham vivenciado *in loco* a sétima arte, ou seja, não tinham ainda a experiência de ter ido ao cinema.

No Festival Internacional de Animação de Pernambuco, o Animage, a sessão à qual os estudantes assistiram foi a da Mostra Infantil 1. Os alunos participaram ativamente do júri popular após a exibição dos filmes. A votação foi para melhor curta-metragem de animação. Manualmente os estudantes votaram em um formulário que continha um texto “diferente”, segundo alguns estudantes, a sinopse dos filmes. Tivemos, assim, uma conversa naquele momento, no *hall* do Centro de Convenções, sobre o que é sinopse e a respeito de todo o processo de escolha dos melhores filmes. Muitos deles associaram sinopse a outra palavra, “*spoiler*”, muito usada hoje em dia, que tem o significado de contar a história e falar o que acontece num filme ou livro. Foi uma ocasião em que os estudantes se familiarizaram com a linguagem audiovisual e suas premissas, momento que me fez sentir um real prazer em descobrir a pesquisa se enraizando na aprendizagem. Ouvir os discentes significa concentrar-se nas falas deles, estarmos realmente interessado no que dizem.

A leitura foi coletiva, feita em roda. Cada um deles buscou na memória referências dos filmes. Foi tão importante escutar os estudantes e saber de suas ideias e identificações com os personagens, sobre o que sentiram.

Composição 9 – Compilado: estudantes na roda de conversa e na votação do júri popular

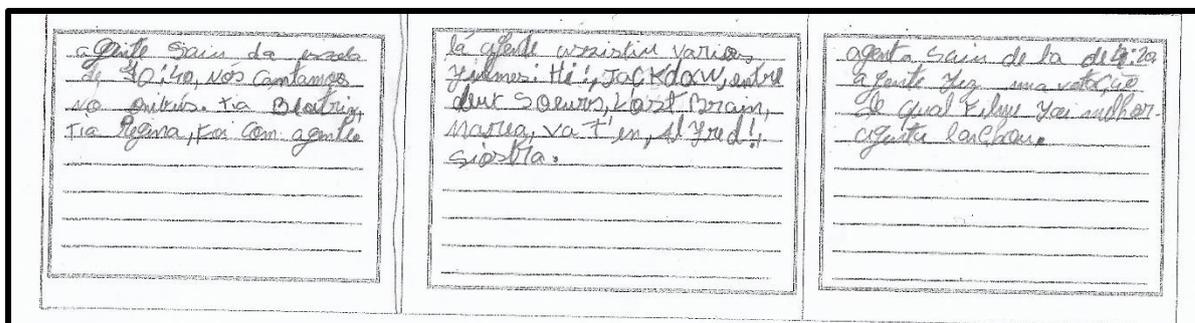


Fonte: acervo pessoal da autora.

Foram exibidos sete filmes internacionais de animação em curta-metragem, com temáticas que abordaram as relações humanas, as diferenças, a solidariedade, as relações entre irmãos, o cuidado com idosos e atualidades a respeito do tema refugiados.

Os estudantes, em um momento posterior a esse dia, fizeram registros sobre esse momento com desenhos e textos. Uma aluna chamou a atenção por ter apresentado um relato detalhado desse momento com suas observações e nomes dos filmes, horários de ônibus e detalhes.

Figura 7 – Produção de texto por estudante sobre experiência da aula-passeio ao Animage



Fonte: Acervo pessoal

Vê-se que se tratou de um momento no qual a aluna encontrou a oportunidade de falar em diversos assuntos abordados, criando pontes com a prática pedagógica

de sua professora do 5º ano. Como Freire (1996) bem nos diz: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. A descoberta dos estudantes e suas curiosidades quanto à sua compressão em assistir a filmes de outros países foi um assunto de discussão entre eles. Os filmes eram produções com poucas legendas e diálogos auditivos. Na maior parte, eram compostos por trilhas sonoras.

Diante das construções dos estudantes e seguindo a proposta da pesquisa, busquei alinhar uma visão pedagógica com informações sobre os filmes com sugestões de temáticas pedagógicas. Alguns deles estão disponíveis em plataformas digitais.

Tabela 10 – Filmes da Mostra Animage 2023 (Categoria Infantil 1) assistidos pelos estudantes

<b>Título, autor e origem</b>	<b>Sinopse</b>	<b>Temáticas sugeridas para atividades em sala de aula</b>
Meræa, Glulla Martinelli, Suíça, 2022	Uma família especial de guardiões da lua vive em uma pequena ilha. Lá, eles lidam com os altos e baixos de suas vidas e da maré. O filme retrata o delicado equilíbrio entre os personagens e o ambiente em que vivem.	Meio Ambiente
V'a-t'en, Alfred! Célia Tisserant, Arnaud Demuynck, França, 2023	Alfred precisou fugir de seu país por causa da guerra. Sem ter onde morar, ele vagueia pelas ruas, tentando encontrar um novo lugar e sempre sendo rejeitado. Um dia ele conhece Sonia, e ela lhe oferece um café...	História e atualidades
Siostra Kasia K. Pieróg, Polônia, 2022	Duas irmãs viajam pelo Reino das Nuvens em busca da Grande Árvore. A jornada será repleta de contratempos, sacrifícios pessoais, tristeza e, ainda assim, alegria. À medida que se aproximam de seu destino, elas também se aproximam de si mesmas.	Emoções, Ambientes, relacionamentos e diferenças
Lost Brain Isabelle Favez, Suíça, 2022	Um dia, Louise Crocodilo espirra seu cérebro para fora. Para piorar, o cérebro foge por aí! A partir de então, Louise passa a ter dificuldade para realizar as tarefas mais simples e nada mais dá certo	Respeito às diferenças
Entre Deux Soeurs Anne-Sophie Gousset, Clément Céard França, 2022,	Ser irmã significa compartilhar um vínculo especial e rir juntamente com outra pessoa. Ser irmã é ser impulsionada pelo amor. Mas essas irmãs em particular compartilham algo um pouco diferente – e está tudo bem.	Sentimentos, relações humanas, brincadeiras e brinquedos
Jackdaw. Anastasia Lisovets, Rússia, 2022	Uma garotinha e um passarinho descobrem o mundo que os cerca, e juntos abrem as letras da prosa.	Poesia, meio ambiente e respeito aos animais
Hi! Narjes Mohammadi e Haajr Menhrani, Países Baixos, 2022	Uma criança com DDA vai para a escola – e lá ela fica perturbada com a quantidade de informações novas. Ela faz um boneco de papel representando sua mãe para tentar se sentir calma e segura, mas uma série de incidentes a mantém sempre agitada. É aí que a criança finalmente encontra um bilhete escrito por sua mãe.	Diferenças e convivência

Fonte de informação: Animage – Formulário impresso de votação

## 6.11 ETAPA 13: OFICINA COM OS PROFESSORES – ENCONTRO 3, EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL, NOSSOS FILMES CRIANDO NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS E *STORYBORDS*

Autobiografia é um gênero textual em que o autor narra a história da sua vida, mostrando os acontecimentos principais na ordem em que ocorreram. As autobiografias podem ser longas, como um livro, ou curtas, como o texto apresentado em uma palestra. Histórias e cinema estão nessa relação, sendo contados e materializados acontecimentos através da tela. Segundo Duarte (2002, p. 63):

A humanidade aprendeu desde tempos imemoriais a contar histórias, era uma boa maneira de transmitir conhecimento e ensinar valores aos mais jovens. Foi assim com as tragédias gregas, as parábolas bíblicas, os contos de fadas, as fábulas e as pantomimas medievais. O cinema não ficou imune a essa fórmula: uma “boa” história, narrando situações dramáticas que deixam entrever ensinamentos morais, frequentemente tentam “ensinar” que “o crime não compensa”, o “bem sempre vence” e o “verdadeiro amor sobrevive a todas as intempéries”. O caráter “pedagógico” de algumas dessas histórias pode ser percebido com relativa facilidade. Mas ainda não foi possível avaliar com segurança qual é a eficácia delas na formação daqueles a quem elas se destinam. (Duarte, 2002, p. 63).

Um processo comum, quando há uma trajetória para o audiovisual e suas linguagens, é iniciar por histórias autobiográficas. Através delas, histórias tristes, engraçadas e afetivas podem se relacionadas com a realidade e a imaginação dos alunos. O processo criativo de ouvir, escrever e desenhar histórias é um gesto importante para se notar a realidade, as pessoas envolvidas e suas experiências.

Na ocasião, foi pedido aos educadores que construíssem narrativas sobre suas vidas que poderiam virar filmes. Lançado o desafio, os educadores construíram *storyboards* com suas histórias pessoais. Para os grupos de professores e estudantes é uma atividade que precisa ser muito bem trabalhada, principalmente por parte do mediador da roda de diálogos, que precisa ter um olhar sensível aos relatos e estar preparado para lidar com emoções que desencadeiam temáticas que fogem à sua competência.

Histórias foram narradas, contadas, dramatizadas, choradas e gargalhadas. Nesse processo, por vezes delicado, é importante a escolha cuidadosa a respeito da exposição ou não das histórias dos participantes, inclusive envolvendo a decisão de transformá-las ou não em filmes, de modo a evitar qualquer desconforto.

### Transcrição 3 – Vídeo Produzindo Autobiografias (Professora I. M.)

Vídeo – Produzindo Autobiografias- Paquera Atrevida.		
[00:00:00]	Pessoa 1	Tá o recado que meu chefe mandou entregar.
[00:00:03]	Pessoa 1	Liga pra ele hoje, senão ele vai me matar.
[00:00:07]	Pessoa 1	Ela ligou pra ele e se tornaram amigos.
[00:00:10]	Pessoa 1	Casaram e viveram felizes.
[00:00:14]	Pessoa 1	Esse chefe é Sandoval, é?
[00:00:16]	Pessoa 1	Não.
[00:00:19]	Pessoa 1	E por que essa história?
[00:00:21]	Pessoa 2	E por que essa história,?
[00:00:27]	Pessoa 1	Porque realmente foi o que aconteceu.
[00:00:29]	Pessoa 2	O nome do filme.
[00:00:31]	Pessoa 1	O nome do filme, Paquera Atrevida.
[00:00:36]	Pessoa 1	(Risos!)

Professora – I. M.

Fonte: registro de pesquisa da autora.

Uma avaliação importante por parte dos professores foi o momento de interação e a identificação com a história do outro, a empatia entre os envolvidos com as histórias ali relatadas. Consideraram que, aos poucos, no dia a dia, em suas rotinas, podiam incorporar elementos e processos de criação audiovisual nas suas práticas.

## **7 AS ATIVIDADES COM OS PROFESSORES: UMA ANÁLISE DA PESQUISA, UM POSSÍVEL DIÁLOGO EM RELAÇÃO ÀS PRÁTICAS AUDIOVISUAIS**

Estabelecer um vínculo diário de convencimento, afeto e valorização da experiência entre colegas professores foi o condutor principal para aproximar, convencer e dialogar com audiovisual. Prevalendo essa prática em 2023, na escola de pesquisa, que apoiou todo o projeto e suas trajetórias, foram vivenciados três encontros de oficina com os professores. A princípio, as ideias iniciais voltaram-se para o uso do cinema em sala de aula. Os encontros foram pautados em diálogos sobre dispositivos audiovisuais, abordando práticas que tinham como objetivo formar e sensibilizar os professores.

Esse aspecto constitutivo do processo de criação audiovisual nos permitiu deslocarmo-nos da posição de espectadores passivos da realidade para a de sujeitos ativos. Isso significa que somos capazes de ver, ouvir, falar, contemplar, sentir, interagir, imaginar, indagar, conhecer e inventar o mundo.

Os vídeos não devem ser vistos como obras audiovisuais amadoras, mas como complexas e ricas experiências audiovisuais escolares, produtoras de conhecimento, de pensamento de pesquisa-intervenção no debate público e de um olhar original das culturas escolares sobre o mundo a partir das inúmeras aprendizagens geradas pelo processo de produção e seu conjunto (Silva, 2022, p.134).

A linguagem audiovisual pode ser experienciada com atividades sem a câmera, com o suporte de papéis, cartolinas, tesouras, lápis de cor, gizes de cera e canetinhas. A partir desses materiais, é possível construir jogos óticos, molduras de papel, produzir e montar histórias, e assim mediar atividades ligadas à sensibilização do olhar e à construção de narrativas, por exemplo.

A pesquisa ampliou os olhares, experimentando os recursos utilizados com os estudantes: a ludicidade, o olhar, o enquadramento, o pertencimento, o corpo, o imaginar e o criar, que são eixos que estimulam os professores a imergirem e aprofundarem-se em suas práticas docentes.

A câmera só capta aquilo que queremos. Para isso, é preciso intencionalidade e motivação. Por isso, a produção resulta de experiências de vida, palavras e acontecimentos. O audiovisual só se torna uma força pedagógica quando criamos

possibilidades de imaginar, interagir e experimentar, adquirindo, assim, conhecimento, oportunizando aprendizagens e se comunicando.

A análise também contou com a possibilidade de elencar alguns curtas que dialogam com os aspectos do trabalho e as linguagens audiovisuais e seus dispositivos de aprendizagem, caracterizando uma metodologia audiovisual-participativa, de modo a contemplar diferentes turmas da escola que frequentavam a biblioteca em dias de oficinas.

Ao mesmo tempo, foi importante poder criar espaços de reflexão diante daquilo que nos emociona: às vezes, uma publicidade nos emociona. Poder discernir gestos de manipulação de nossas emoções é um grande objetivo escolar a partir da onipresente força das imagens a que assistimos hoje na TV, no computador, no *tablet*, no celular, na rua, no elevador, no ônibus, etc., visando, na maioria das vezes, a um determinado tipo de comportamento dos espectadores, potenciais consumidores. Para que uma câmera possa gravar imagens ou sons, é preciso que haja uma intenção humana, uma motivação, um movimento interno que busque criar algo no mundo, utilizando a vida em si mesma como matéria-prima, que se manifesta tanto internamente quanto ao nosso redor.

A vivência das atividades realizadas levou estudantes e professores ao debate, à escuta e à sensibilização do olhar para produziram filmes de animação em *stop-motion*. A culminância foi a inscrição dos trabalhos no Emcine, configurando-se o ponto alto do projeto das escolas com a apresentação das produções. Além do exposto acima, percebemos o papel fundamental das reflexões pedagógicas de interpretar, fabular e produzir conteúdos audiovisuais. Segundo Fresquet (2020, p. 20): “com o cinema como parceiro, a educação inspira, se sacode, provoca práticas pedagógicas esquecidas da magia que significa aprender, quando o ‘faz de conta’ e a imaginação ocupam lugar privilegiado na produção sensível e intelectual”.

Buscamos dialogar com as produções dos estudantes, fundamentando-nos na prática da motivação para a aprendizagem ao longo da pesquisa. Foram produzidos dez filmes em *stop-motion* para o Cineclube de ambas as escolas, sendo que dois trabalhos chegaram a ser finalistas do Emcine no ano de 2022.

A câmera só capturará algo quando alguém pressionar o botão REC. Para fazer isso, deve haver intenção, motivação, o gesto concreto de criar algo no e com o mundo, a própria vida material: pessoas, palavras, objetos. Eventos, coisas ao nosso

redor. Esse dispositivo, usado para captar imagens e sons, tem função didática. Mova-se para o lugar do criador do mundo e assim você poderá ver, ouvir, pensar, questionar e vivenciar a apropriação da vida e do universo. Essa postura significará, como nos lembra Fresquet (2022, p. 18), uma forma importante de nos apropriarmos de tudo o que nos cerca, distanciando-nos da apreensão do cinema como mero entretenimento comercial:

[...] reeditar a educação digital a partir do interesse pela vida e não dos interesses do mercado é um grande desafio que está posto no tempo presente. Pensar nisso faz com que os processos, sejam eles educacionais ou de criação com o cinema, nos levem a uma aproximação à terra. (Fresquet, 2022, p. 18).

Conhecer, aprender, inventar e comunicar. O ato de filmar também é uma oportunidade para que estudantes e professores se conectem com o mundo. Mundos cinematográficos e vivos apresentados em imagens, sons, conhecimentos e métodos não organizados em fragmentos, rótulos cristalizados. Portanto, é necessário desenvolver o potencial docente da linguagem audiovisual.

## **8 O ENTRELACE ENTRE TELAS E TRELAS: CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Percorridos os caminhos desta pesquisa, através das rodas de conversa, dos diálogos com professores e estudantes e dos embasamentos com teóricos defensores da importância da educação audiovisual com suas práticas pedagógicas, acrescidos da minha experiência como professora, aqui, neste entrelace final entre telas e trelas, lanço o recorte do que este estudo significou e do seu alcance educacional e cultural, mostrando que trabalhar com a educação audiovisual vai além de exibir filmes, já que é trabalhar também com sensibilidades.

Enquanto professora e multiplicadora, esta pesquisa tornou evidente a necessidade do diálogo com a comunidade escolar. Para dialogar, em grande medida, foi preciso estar atenta à localização geográfica da unidade de ensino pesquisada, de modo a captar as histórias e a cultura do bairro e da cidade em que está inserida, evidenciando a importância das pessoas e de suas memórias para a construção de um diálogo rico e verdadeiro com a realidade dos estudantes e dos professores. Nesse sentido, a territorialidade foi um ponto de muita discussão e reflexão.

Como pesquisadora, senti que o percurso trouxe desafios e busquei superá-los por acreditar que esta pesquisa contribuiria para a educação da minha cidade, indo além do Mestrado Profissional em Educação Básica (MPEB) da UFPE, pois poderia contribuir para levar professores e estudantes a pensar sobre uma educação com interação, sensibilidade, criticidade e criatividade. Em especial, através das “Trelas e Telas”, poderia ser dada voz a esse espaço no qual as audiovisualidades e o cinema proporcionam a vivência da imaginação e da criação – o que, em nossa pesquisa, aconteceu com as produções dos estudantes de filmes de animação sobre ambientes com significado para a comunidade na qual estão inseridos, como a igreja e o cemitério do Barro.

Em todo o percurso no qual o ensino encontra novos caminhos para fazer o cotidiano, serão, assim, encontradas novas formas de aprender. É dessa maneira que considero o “trelar”: precisamos falar sobre “trelas”, palavra que, em nossa região Nordeste, e em especial no Recife, tem a ideia de travessuras e peraltices feitas por crianças. A expressão linguística é sempre associada a meninos e meninas “danados”.

Aproveito essa expressão e a associo à criatividade de aprender, à liberdade para experimentar e ao aprendizado para construir conceitos. Mostro em todo o percurso da pesquisa as expressões *trelas e telas, trelas de brincar, trelas do olhar, trelas de ouvir, trelas de sentir, trelas de criar histórias e filmes*. Trata-se de um repertório para inspirar a criação de estratégias de ensino-aprendizagem por meio da linguagem audiovisual.

Através da linguagem audiovisual, os processos de alfabetização nas escolas podem ser fortalecidos, ajudando a criar um mundo mais crítico e consciente. No processo da pesquisa, a escrita foi um fator importante e reflexivo na aquisição de leitura e escrita por parte de alguns estudantes. Assim, dialogamos com Freire (1998a, 1998b), que valorizava a participação ativa de estudantes no processo de aprendizagem e incentiva a reflexão crítica sobre as realidades sociais e políticas. A combinação dessas duas abordagens foi uma ferramenta sempre presente nas reflexões e nas ideias sobre a linguagem audiovisual.

Proporcionar um repertório de atividades que aproximassem a linguagem audiovisual do mundo dos professores e estudantes foi um desafio como pesquisadora, já que tornou-se necessário estar atenta às percepções e sensações dos participantes a cada momento. A visão inicial sobre o audiovisual e os conceitos do cinema foi proporcionada em diversas camadas: a cada experiência, como na exibição de um curta ou na ida ao cinema pela primeira vez. Como perceber essas experiências? Tenho certeza de que não captei todas, e de que esta pesquisa não abordou tudo que a sétima arte proporciona.

Focalizando o trabalho com professores e estudantes, a criação pedagógica foi pensada e planejada buscando um elo entre educação, cinema e infância. Fresquet (2020), ao dialogar com essas três premissas, confirma as inter-relações que podemos experienciar na pesquisa:

Deste modo, as relações estabelecidas entre o cinema, a infância e a educação nos convidam a aprender sobre nós mesmos, tomando seriamente outras culturas, outros olhares, outros modos de pensar, sentir e ser. Porém, não é o que estas relações afirmam sua maior contribuição, mas o que ainda questionam, inquietam e desacomodam, incitando-nos a uma busca ativa para novas e mais profundas relações. (Fresquet, 2020, p.15)

Foi inspirada em Fresquet (2020), entre outros teóricos, por provocar reflexões com suas inquietudes sobre a relação do audiovisual com a educação e a infância, que planejamos atividades que buscassem essa tríade de elementos tão importantes.

A audiovisualidade provoca e instiga questionamentos e ideias, ao apresentar realidades e fantasias que se desdobram muitas vezes na equidade e na percepção social, fatores que os pensamentos freiriano tão bem explicitam.

A inserção do cinema e do audiovisual na minha prática como professora multiplicadora sempre foi uma trajetória de interesse, mas precisei ir em busca de um outro olhar para o cinema, o audiovisual e suas linguagens, de modo que eu pudesse me apropriar de um interesse tão contemporâneo: as produções audiovisuais.

Nesse percurso, pode-se discernir gestos de manipulação de nossas emoções. Por isso, o trabalho com o cinema e o audiovisual deveria ser um grande objetivo escolar a partir da onipresente força das imagens a que assistimos hoje na TV, no computador, no *tablet*, no celular, na rua, nos elevadores, no ônibus, etc., visando, na maioria das vezes, a um determinado tipo de comportamento dos espectadores, potenciais consumidores. E esse consumismo chega cada vez mais cedo às nossas crianças.

No processo de pesquisa, pude indagar: quais desses formatos podem potencializar a experiência e/ou a aprendizagem almejada dos meus pesquisados? Em que realidades eles estão inseridos? O acesso cada vez mais cedo pelos estudantes a telas e ainda todo o contraponto na atualidade em relação a críticas ao uso de telas por crianças, que outras ciências estudam, foram fatores que me fizeram traçar uma trajetória que buscasse o lúdico, a comunicação, a autoria e a autonomia de estudantes e professores nesse universo que ainda pode ser sadio e sensível.

Com muita dedicação e estudo, esta pesquisa foi idealizada, planejada e realizada na Escola Municipal do Barro, tendo como principais espaços de realização de práticas a biblioteca e as salas de aula. As experiências que ensejaram esta abordagem podem ser realizadas em outras escolas da Rede Municipal do Recife ou em qualquer outra escola.

As oficinas pedagógicas de Telas e Trelas fazem uso de recursos construídos por estudantes e professores, como, por exemplo, o enquadramento, o incentivo ao olhar, as leituras visuais, os brinquedos óticos e outras linguagens que o audiovisual proporciona.

As produções trazem sugestões de atividades que incentivam: o protagonismo de alunos e professores envolvidos; e a possibilidade de autoria de narrativas que abordem a realidade e a imaginação de estudantes e suas familiaridades de pertencimento em sua regionalidade, objetivando uma aproximação entre as linguagens audiovisual e educacional nas vivências de educadores e estudantes.

Nas oficinas pedagógicas, as atividades foram práticas que proporcionaram a produção de oito filmes de animação em *stop-motion*, brinquedos óticos, algumas belas fotografias feitas pelos estudantes em câmeras digitais e celulares, *storyboards* com escritas e desenhos, duas mostras de cinema na escola, um prêmio de animação, visitas a festivais, e uma ida a um cinema comercial. Considero que o universo audiovisual e suas linguagens chegaram até a escola através desses momentos.

Neste trabalho, tal posicionamento, pensamento e prática também foram inseridos como produto educacional da Dissertação de Mestrado Profissional em Educação Básica da Universidade Federal de Pernambuco, intitulado *Caixa de trelas e telas: dispositivos audiovisuais de ensinar, brincar e aprender*. A intenção é abrir um leque de possibilidades de experienciar “trelas” audiovisuais com tecnologias analógicas e digitais. A caixa é um convite para experiências que vivenciei na pesquisa com estudantes e professores.

Já o *Guia audiovisual na escola: trelas para experiências em salas de pensar, imaginar e criar* traz atividades de trelas e telas que permitem pôr em prática ações pedagógicas associadas ao currículo escolar através de recursos do cinema e do audiovisual. Há na caixa a descrição dos materiais disponibilizados.

Que esta pesquisa e seu produto, a *Caixa de trelas e telas*, sejam sempre uma via de imaginação, interação e afeto para estudantes e professores. Que a educação audiovisual aqui abordada adoce a realidade de alunos das escolas municipais em minha cidade, e que a aprendizagem e a imaginação sejam um novo caminho trilhado para muitas trelas e telas.

Este estudo foi relevante para o contexto escolar por abordar uma temática que movimenta educadores e estudantes a criarem um modo novo de olhar para o cinema e para a linguagem audiovisual. O protagonismo infantil, a mediação e o olhar sensível de professores foram componentes da metodologia que aproximou o audiovisual e suas linguagens do ambiente pedagógico, tornando discentes e docentes protagonistas do processo educativo. Considero também relevante a possível

contribuição com as discussões sobre o audiovisual e a educação, sendo assim uma colaboração para o aumento de produções acadêmicas relacionadas à temática.

## REFERÊNCIAS

ALCOFORADO, M. G.; PADILHA, M. A. S. Educando com design de animação. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 9., 2010, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Blucher: Universidade Anhembi Morumbi, 2010. p. 2712-2724.

ALMEIDA, Joaquim Canuto Mendes de. **Cinema contra cinema**: bases gerais para um esboço de organização do cinema Educativo no Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1931.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. São Paulo. 1ªed. Moderna. 1989

ARQUIVO ROQUETTE PINTO. **Cinema Educativo**. Instituto Nacional de Cinema Educativo. Histórico do Cinema Educativo no Brasil. Localização do arquivo da ABL: pasta 27-5-22.

BARQUETE, Felipe Leal. **Percursos criativo-pedagógicos com o audiovisual**. [S. l.]: Semente, Escola de educação audiovisual, 2022. Texto: Disponível em: <https://f7cb984.contato.site/e840825972/ebook-dispositivo/lp-ebook-dispositivo>. Acesso em: 21 jan. 2024.

BRASIL. Decreto nº 20.301, de 2 de janeiro de 1946. Aprova o Regimento do Instituto Nacional de Cinema Educativo do Ministério da Educação. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 10 jan. 1946, seção 1, p. 403.

BRASIL. Distrito Federal. **Decreto nº 2.940, de 22 de novembro de 1928**. Regulamento do Ensino.

BRASIL. Distrito Federal. **Decreto nº 3.281, de 23 de janeiro de 1928**. Reforma do Ensino no Distrito Federal.

BRASIL. Lei nº 11.645/2008, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

BRASIL. **Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014**. Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da

educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13006-26-junho-2014-778954-publicacaooriginal-144445-pl.html>. Acesso em: 21 jan. 2024.

BRASIL. **Lei nº 14.533/23, de 13 de janeiro de 2023**. Institui a Política Nacional de Educação Digital e altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), 9.448, de 14 de março de 1997, 10.260, de 12 de julho de 2001, e 10.753, de 30 de outubro de 2003. Disponível em:

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Ato2023-2026/2023/Lei/L14533.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2023-2026/2023/Lei/L14533.htm). Acesso em: 21 jan. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em:

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/9394.htm). Acesso em: 21 jan. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**: Educação é a base. Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category\\_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 20 set. 2022.

BRASIL. **Projeto de Lei do Senado nº 185, de 2008**. Acrescenta o parágrafo 6º no art. 26 Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes e audiovisuais de produção nacional nas escolas da educação básica. Autoria: Senador Cristovam Buarque (PDT/DF). Disponível em:

<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/85084>. Acesso em: 21 jan. 2024.

DALPONT, Vania. Roquette Pinto e a produção de vídeo estudantil. **Revista Roquette Pinto**, Pelotas, 2017. Disponível em:

<https://wp.ufpel.edu.br/roquettepinto/files/2017/03/1-Vania-Roquette-Pinto-e-a-produção-de-video-Vania-Dalpont.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2024.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ENCONTRO MUNICIPAL DE AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO (EMCINE). **Site institucional**. Disponível em: <https://emcine.educ.rec.br/2023/02/08/assista-ao-vi-premio-7cine-de-audiovisual/>. Acesso em: 21 jan. 2024.

FANTIN, Mônica. **Crianças, cinema e educação**: além do arco-íris. São Paulo: Annablume, 2011.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998a. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998b.

FREIRE, Paulo; GUIMARES, Sérgio. **Educar com a mídia**: novos diálogos sobre a educação. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FRESQUET, A. **Cinema e educação**: reflexões e experiências com professores e estudantes da educação básica, dentro e “fora” da escola. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Coleção Alteridade e Criação, 2).

FRESQUET, Adriana (org.). **Cinema e educação**: a Lei 13.006 – reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo, 2015.

GOOGLE Street View. c2024. Disponível em: <https://maps.google.com.br>. Acesso em: 2 jan. 2024.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologia**: o novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012.

KVALE, S. **Entrevistas**: um guia para a pesquisa de entrevistas. Porto Alegre: Artmed, 1996.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2010

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vigotski, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In*: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MORAN, José; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo, p.23. Papirus, 2000.

MORAN, J. M. **O vídeo na sala de aula. Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 2, p. 27-35, jan./abr, 1995.

NEEP, **CADERNO DE PESQUISA I**, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS N E P P NÚCLEO DE ESTUDOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS. P-3 2001. DISPONIVEL <https://www.nepp.unicamp.br/upload/documents/publicacoes/643506333b3e8b889f0a479a0043d347.pdf>

NASCIMENTO, Arthur G. Lira do. **O estado sob as lentes: a cinematografia em Pernambuco durante o estado Novo (1937-1945)**. 1. ed. Jundiá: Paco, 2021.

RECIFE. Secretaria de Educação. **Política de Ensino da Rede Municipal do Recife**: subsídios para atualização da organização curricular. 2. ed. Recife: Secretaria de Educação, 2014. v.1. Disponível em: [http://www.portaldaeducacao.recife.pe.gov.br/sites/default/files/arquivos\\_informativos\\_home/Fundamentos\\_teoricos\\_metodologicos\\_digital.pdf](http://www.portaldaeducacao.recife.pe.gov.br/sites/default/files/arquivos_informativos_home/Fundamentos_teoricos_metodologicos_digital.pdf). Acesso em: 20 out. 2023.

RECIFE. Secretaria de Educação. **Política de ensino**: tecnologias na educação. Recife: Secretaria de Educação, 2015. (Política de Ensino da Rede Municipal do Recife, v. 5).

ROJO, R. H. R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

SAVIANI, Demerval. **Histórias das ideias pedagógicas no Brasil**. 6. ed. rev e ampl. Campinas: Autores Associados, 2021.

SIMIS, Anita. **Estado e Cinema no Brasil**. São Paulo, p.35. ANABLUME, Selo Universitário. 1996.

SILVA, THIAGO DE FARIA E. Escola histórias e claquete: reflexões sobre a produção audiovisual na escola. Curitiba, p.134. Appris, 2022.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUZA, Luani de Liz. **O cinematógrafo entre os olhos de Hórus e Medusa**: uma memorabilia da educação escolar brasileira (1910-1960). Tese (Doutorado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2016.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1986. (Coleção temas básicos de pesquisa-ação).

VARGAS, Getúlio. O cinema nacional elemento de aproximação dos habitantes do país. In: VARGAS, Getúlio. **A Nova Política do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1934. v. III.

Escrever a fonte

<https://www.nepp.unicamp.br/upload/documents/publicacoes/643506333b3e8b889f0a479a0043d347.pdf>

## ANEXO – CARTA DE ANUÊNCIA

PREFEITURA DO RECIFE  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO  
SECRETARIA EXECUTIVA DE GESTÃO PEDAGÓGICA  
GERÊNCIA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO, EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS



### CARTA DE ANUÊNCIA Nº 76/2023

Recife, 16 de junho de 2023.

Informamos que **BEATRIZ CRISTINA ELIAS DOS SANTOS**, estudante do Mestrado Profissional em Educação Básica, ofertado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com projeto de pesquisa intitulado ***“O audiovisual como linguagem de ensino-aprendizagem: dos longas aos ‘reels’. A educação na Rede Municipal do Recife absorveu essa prática cotidiana dos estudantes em suas linguagens audiovisuais?”*** está autorizada a realizar na Escola Municipal do Barro pesquisa qualitativa envolvendo exploração de documentos oficiais como fontes de informações e associações às práticas da unidade pesquisada; coleta de dados *on line* e presenciais, através de formulários, para produções de materiais didáticos audiovisuais que abordam a Linguagem Audiovisual como recurso de ensino e aprendizagem entre educadores e estudantes das turmas do 1º ao 4º Ano do Ensino Fundamental da unidade educacional mediante autorização por escrito dos participantes.

O projeto de pesquisa supracitado apresenta como objetivos: “Revelar práticas das linguagens audiovisuais mapeando ações e analisando suas contribuições para o ensino e aprendizagem em estudantes de educação básica da Cidade do Recife”; “Produzir materiais didáticos audiovisuais (*podcast* e vídeos) com publicações de relatos de experiências vivenciadas e investigadas na escola, no Portal da Educação Municipal”, assim como “Ofertar oficinas de produções que contribuam para o ensino, propondo estudos e mapeamentos de ações que tragam soluções para o uso da linguagem audiovisual entre professores e estudantes”.

Este projeto de pesquisa está sob a orientação do Prof. Pablo Francisco de Andrade Porfírio, docente do Curso de Mestrado Profissional em Educação Básica, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Ressaltamos que a referida pesquisadora se compromete a atuar de acordo com as normas éticas da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, conforme Resolução CNS/CONEP nº. 466/2012 e com toda a normatização da Rede Municipal de Ensino (<http://www.portaldaeducacao.recife.pe.gov.br/> e <https://www.cepe.com.br/prefeituradiario/>), estando ciente de que todas as ações metodológicas da pesquisa devem ser previamente acordadas com os/as professores/as, a coordenação pedagógica e a gestão da Unidade Educacional, de modo a respeitar o fluxo das atividades realizadas, o planejamento do(a) professor(a) da respectiva turma, a carga horária dos/as docentes, a Matriz Curricular da Rede e os dias letivos dos/as estudantes.

PREFEITURA DO RECIFE  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO  
SECRETARIA EXECUTIVA DE GESTÃO PEDAGÓGICA  
GERÊNCIA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO, EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS



A pesquisadora compromete-se, sempre que solicitada pela Rede Municipal de Ensino do Recife (RMER), a fornecer informações acerca de sua pesquisa, que não trará nenhuma despesa para esta Rede e está ciente de que o descumprimento de qualquer orientação exposta nesta Carta de Anuência confere à RMER o direito de suspender o efeito da anuência a qualquer tempo e sem nenhum ônus.

Salientamos que para as ações de intervenção, gravações (áudio ou vídeo), entrevistas, registros de imagens de pessoas ou do espaço, a pesquisadora deverá solicitar autorização individual por escrito, com data e assinatura dos indivíduos ou de seus responsáveis, quando se tratar de menores de idade envolvidos no referido estudo, e entregar à gestão da unidade educacional cópias xerocadas dessas autorizações.

Explicita-se, também, que a pesquisadora deverá elaborar relatório da pesquisa a ser encaminhado à equipe escolar foco de sua investigação e à Gerência de Alfabetização e Letramento, Educação Infantil e Anos Iniciais, no qual sejam elencadas as contribuições pedagógicas da sua pesquisa para a Rede de Ensino do Recife.

Ana Cristina Avellar  
Gerente de Alfabetização e Letramento,  
Educação Infantil e Anos Iniciais - GLEIA  
Mar 12 2015 - Secretaria de Educação

**ANA CRISTINA AVELLAR**

Gerente de Alfabetização e Letramento,  
Educação Infantil e Anos Iniciais

# APÊNDICE A – FICHAS STORYBORD

MEU NOME \_\_\_\_\_ STORYBORD ANIMAÇÃO EM STOP MOTION

<table border="1"><tr><td>_____</td></tr><tr><td>_____</td></tr><tr><td>_____</td></tr><tr><td>_____</td></tr><tr><td>_____</td></tr><tr><td>_____</td></tr><tr><td>_____</td></tr><tr><td>_____</td></tr><tr><td>_____</td></tr><tr><td>_____</td></tr></table>	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	<table border="1"><tr><td>_____</td></tr><tr><td>_____</td></tr><tr><td>_____</td></tr><tr><td>_____</td></tr><tr><td>_____</td></tr><tr><td>_____</td></tr><tr><td>_____</td></tr><tr><td>_____</td></tr><tr><td>_____</td></tr><tr><td>_____</td></tr></table>	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	<table border="1"><tr><td>_____</td></tr><tr><td>_____</td></tr><tr><td>_____</td></tr><tr><td>_____</td></tr><tr><td>_____</td></tr><tr><td>_____</td></tr><tr><td>_____</td></tr><tr><td>_____</td></tr><tr><td>_____</td></tr><tr><td>_____</td></tr></table>	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
_____																																
_____																																
_____																																
_____																																
_____																																
_____																																
_____																																
_____																																
_____																																
_____																																
_____																																
_____																																
_____																																
_____																																
_____																																
_____																																
_____																																
_____																																
_____																																
_____																																
_____																																
_____																																
_____																																
_____																																
_____																																
_____																																
_____																																
_____																																
_____																																
_____																																

MEU NOME \_\_\_\_\_ STORYBORD ANIMAÇÃO EM STOP MOTION


## **APÊNDICE B – GUIA DE TRELAS E TELAS**



Beatriz Cristina Elias dos Santos

# GUIA DIDÁTICO DE **TRELAS E TELAS**

para experiências audiovisuais em sala de aula





**Beatriz Cristina Elias dos Santos**

**GUIA DIDÁTICO DE**

**TRELAS E TELAS**

para experiências audiovisuais em sala de aula

RECIFE | 2024

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)  
Centro de Educação (CE)  
Programa de Pós-Graduação em Educação Básica  
Curso de Mestrado Profissional em Educação Básica (MPEB)

## CAIXA DE TRELAS E TELAS

O audiovisual na escola: trelas para experiências em sala de aula

Produto do Mestrado Profissional em Educação Básica da UFPE

### Ficha técnica

**Autora:** Professora e pesquisadora Beatriz Cristina Elias dos Santos

**Orientador:** Professor Doutor Pablo Francisco de Andrade Porfírio

**Revisão de texto:** Flávio Gonzalez

**Projeto gráfico e ilustrações:** Ildembergue Leite

---

---

# O QUE A CAIXA DE TRELAS E TELAS CONTÉM?

- Guia didático de telas e trelas para experiências em sala de aula
- Moldes de brinquedos ópticos
- Moldes de enquadramento
- Bloquinhos de papel e post-it
- Ficha para roteiros (*storyboards*)
- Cordão
- Tesoura
- Lápis de diferentes cores e tipos
- *Card* aplicativo – *stop-motion*
- *Tablet* ou celular institucional
- Suporte/tripé para celular/*tablet*

# APRESENTAÇÃO

Este é um produto didático-pedagógico com uma abordagem teórico-prática. É indicado para educadores de maneira geral, por profissão ou por vocação, que gostem de brincar, de criar, de “trelar” e para aqueles que enxergam nas telas um caminho de concretização do imaginário humano.

Iniciando nossa conversa, precisamos falar sobre “trelas”, termo que em nossa Região Nordeste, em especial no Recife, representa a ideia de travessuras, de peraltices feitas por crianças. A expressão linguística é sempre associada a meninos e meninas “danados”. Aproveito essa expressão e a associo à criatividade, à liberdade e ao aprendizado.

Apresento em todo o percurso a expressão “trelas e telas”. *Trelas de brincar, trelas do olhar, trelas de ouvir, trelas de sentir, trelas de criar histórias e filmes.* Um repertório para inspirar a criação de estratégias de ensino-aprendizagem por meio da linguagem audiovisual.

A *Caixa de trelas e telas* é um produto de uma Dissertação de Mestrado Profissional em Educação Básica, defendida e aprovada na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Seu objetivo é promover uma aproximação entre as linguagens audiovisual e educacional de modo a favorecer tanto educadores quanto estudantes, ao abrir um leque de possibilidades de experienciar “trelas” audiovisuais com tecnologias analógicas e digitais.

As experiências aqui abordadas perpassam por recursos construídos por estudantes e educadores – o enquadramento, o incentivo ao olhar, as leituras visuais, os brinquedos ópticos e outras linguagens que o audiovisual proporciona.

As produções trazem sugestões de atividades que incentivam o protagonismo de docentes e discentes, ao potencializar as possibilidades de autoria de narrativas que abordem a realidade e a imaginação de estudantes e professores, sobretudo a partir de suas familiaridades de pertencimento em sua regionalidade.

A satisfação em compartilhar esta pesquisa tem um valor ímpar, pois, através dessa abordagem, atestei o quanto o mundo das telas pode proporcionar a estudantes e educadores sorrisos, lágrimas, olhares e experiências. Minha gratidão a todos os envolvidos na minha pesquisa!

Que a *Caixa de telas e telas* seja sempre uma via de exercício da imaginação, da interação e do afeto entre estudantes e professores. Que a Educação Audiovisual contida nela adoce a realidade de alunos das escolas municipais em minha cidade. E que a aprendizagem e a imaginação sejam um novo caminho trilhado para muitas *trelas e telas*.

### **Beatriz Cristina Elias dos Santos**

Professora e Docente Multiplicadora da Rede Municipal do Recife  
e Pesquisadora do Mestrado Profissional Educação Básica da UFPE

# SUMÁRIO

---

## TRELAS DE BRINCAR

- 9 Taumatrópio
- 12 *Flipbook* ou folioscópio

---

## TRELAS DO OLHAR

- 15 Enquadramento e fotografias
- 18 Minuto-Lumière: percebendo o cotidiano

---

## TRELAS DO OUVIR

- 21 Músicas que contam histórias

---

## TRELAS DE SENTIR

- 24 Objetos afetivos que contam algo de mim

---

## TRELAS DE CRIAR HISTÓRIAS E FILMES

- 27 Narrativas em *stop-motion* (movimento parado)

# TAUMATRÓPIO

## QUE TRELA É ESSA?

O taumatrópio é um brinquedo óptico que aproveita o efeito da persistência da visão. Seu inventor, Peter Mark Roger, o apresentou, em 1824, à Royal Society de Londres, em um artigo intitulado *The persistence of vision with regard to moving objects* (A persistência da visão no que concerne a objetos em movimento”, em tradução livre).

O instrumento permite que imagens projetadas em ritmo superior a 16 imagens por segundo, sem interrupção, associem-se na retina, dando origem à percepção de movimento. No cinema, por exemplo, esse ritmo é de 24 imagens por segundo.



**Para essa trela, iremos precisar de:**

- Cartolina
- Tesoura
- Lápis e canetinhas hidrográficas para fazer os desenhos (que também podem ser impressos)
- Fita adesiva ou cola
- Palito de churrasco (que pode ser substituído por um lápis) ou barbante

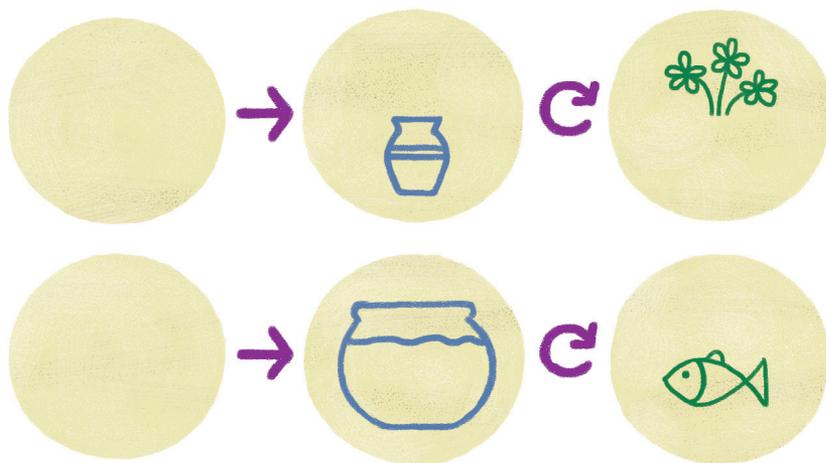
**COMO FAZER UM TAUMATRÓPIO?**

1. Recorte dois círculos de mesmo tamanho na folha de cartolina. Você pode utilizar algum objeto redondo, como um copo, e traçar o seu contorno no papel para ajudar a fazer os círculos.
2. Pense em um desenho que possa ser dividido em duas partes e trace cada parte do desenho em cada um dos círculos. Pode ser um pássaro e um ninho, um vaso e uma flor, um homem e um chapéu, uma aranha e sua teia.
3. Cole os dois círculos com o palito entre eles, como se fosse um sanduíche. Os desenhos devem ficar virados para o lado de fora e invertidos.
4. Gire o palito e veja os desenhos se unirem em um só.

---

**Dica:** utilizando canetinha no lugar de lápis de cor, o resultado ficará ainda mais evidente.

---



## PROFESSORAS(ES) NA HORA DA TRELA

Podemos relacionar a atividade com **costumes** e **práticas culturais**:

- História local, modos de vida
- Formas de organização de pessoas e de grupos comunitários
- Brincadeiras e jogos comunitários
- Culinária e turismo
- Expressões artísticas e culturais
- Guardiões da cultura popular
- Mitos, lendas e contos
- Religião e espiritualidade: festas e ritos de passagem

## FLIPBOOK OU FOLIOSCÓPIO



### QUE TRELA É ESSA?

O *flipbook*, também chamado de folioscópio, é um brinquedo óptico baseado no princípio da animação quadro a quadro, que é uma técnica aplicada até hoje em animações 2D profissionais.

Ou seja: um folioscópio é uma coleção de imagens organizadas sequencialmente, em geral no formato de um livreto, para ser folheado de modo a dar a impressão de movimento.

Criando uma sequência assim animada, pode-se narrar uma história com a participação ativa de quem está com aquele objeto em mãos. Foi uma trela muito popular entre o final do século XIX e o início do século XX.

#### Para essa trela, iremos precisar de:

- Bloquinho do tipo *post-it* ou caderno de anotações
- Canetinha escura ou lápis com escrita bem forte



## COMO FAZER UM *FLIPBOOK* OU FOLIOSCÓPIO?

1. Primeiro, vamos pensar qual será a sua história. E o seu personagem? Pode até ser um boneco de palitinho!
2. Comece pela última página, assim, quando você colocar a folha vazia em cima, vai conseguir enxergar o desenho embaixo.
3. A dica aqui é reproduzir cada desenho de forma parecida, mas, ainda assim, com alguma diferença entre eles. A cada nova página, o desenho deve mudar um pouquinho. Ele pode se deslocar para os lados ou para cima, por exemplo. Se você estiver desenhando um personagem, ele pode até mover os braços.

## PROFESSORAS(ES) NA HORA DA TRELA

Podemos relacionar a produção com a ideia de **pertencimento**:

### Casa

- Família: ancestralidade, laços afetivos e familiares, valores, hábitos e modos de vida
- Intimidade: personalidade, relação individual com o espaço doméstico, relação com os animais de estimação

### Bairro e comunidade

- Lugares importantes
- Acontecimentos marcantes
- Vínculos de amizade

### Escola

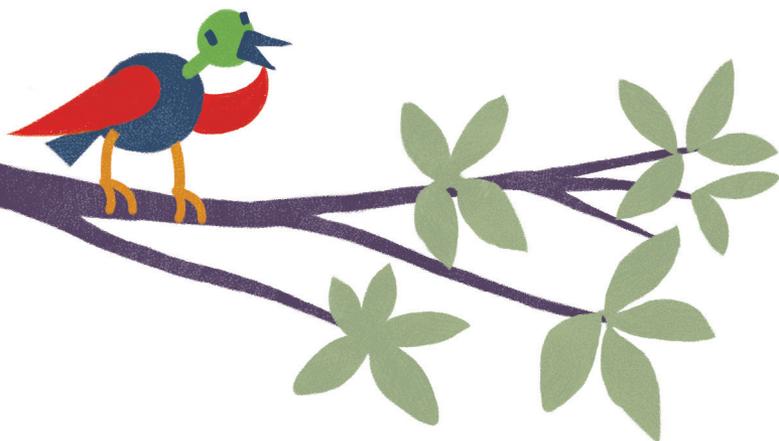
- Relações construídas com a comunidade escolar
- Espaços e diferentes funções e modos de ocupação
- Experiências e aprendizagens significativas

# ENQUADRAMENTO e FOTOGRAFIAS

## QUE TRELA É ESSA?

A escola é um mundo. Ela tem o parque, o recreio, a tinta, o livro, a quadra, a sala da diretoria, as plantas, o pátio do recreio, o outro estudante e o adulto. Podemos criar coleções de imagens através do audiovisual, para sensibilizar o olhar de todos os envolvidos de modo a incentivar a percepção de detalhes da escola que não mais notamos, pois a rotina não nos ajuda a termos esse olhar. Mas o “despertar” do olhar pode nos revelar surpresas sobre o que importa no ambiente escolar: as relações estabelecidas nela. Se estivermos mais atentos, o que seremos capazes de descobrir sobre a escola e sobre quem a faz? Esta trela nos faz experimentar as possibilidades da linguagem fotográfica para a criação de diferentes olhares sobre a realidade à nossa volta!





### Para essa trela, iremos precisar de:

- Celular ou câmera portátil (opcional)
- Cartolina ou papel sulfite A4
- Tesoura
- Caixas de diferentes tamanhos, papel-cartão ou cartolina

### COMO FAZER AS MOLDURAS?

1. Desenhe sobre o papel um retângulo, um quadrado, um círculo ou outra forma geométrica que desejar, deixando uma margem para a moldura.
2. Recorte o papel sobre a linha desenhada, até que todo o miolo possa ser retirado, restando apenas a moldura em suas mãos.
3. Com a moldura em punho, passeie pelo espaço e observe os ambientes, as coisas, as pequenas criaturas.
4. Registre imagens com a câmera do celular, *tablet* ou câmera digital.



## PROFESSORAS(ES) NA HORA DA TRELA

Podemos relacionar a prática com ideias a respeito do **dia a dia**, de modo a enquadrar acontecimentos do cotidiano:

- Cotidiano na escola e na comunidade
- Paisagens e seus aspectos naturais e planejados
- Características urbanas e problemas na rua, do bairro ou da cidade
- Problemas ambientais presentes na cidade

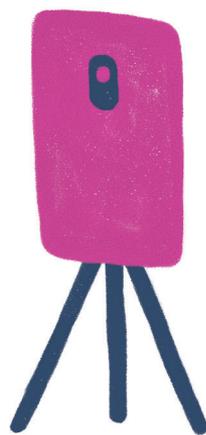
# MINUTO-LUMIÈRE: PERCEBENDO O COTIDIANO

## QUE TRELA É ESSA?

O cinematógrafo é considerado o marco inicial da história do cinema. O aparelho, inventado pelos irmãos Lumière em 1895, na França, permitia registrar uma série de instantâneos fixos (fotogramas), que, quando projetados, criavam uma ilusão de movimento. Com o cinematógrafo imóvel, as imagens eram filmadas em rolos de película com cerca de 17 metros de extensão, atingindo aproximadamente 50 segundos de duração. O motivo de o exercício ser chamado de “Minuto-Lumière” é uma referência a essas imagens pioneiras. Nesta trela, a ideia é realizar um plano de um minuto, retornando, assim, à maneira como foram feitos os primeiros filmes da história do cinema.

### Para essa trela, iremos precisar de:

- Celular ou câmera portátil
- Suporte para a câmera, como tripé ou outros objetos



## COMO FAZER UM MINUTO-LUMIÈRE?

1. O ideal é que a câmera esteja fixada no tripé.
2. Durante a filmagem, evite falar atrás da câmera.
3. Evite movimentá-la e não utilize o zoom.



## PROFESSORAS(ES) NA HORA DA TRELA

Podemos relacionar a prática com as ideias do **corpo**, da **memória** e das **identidades**

É interessante que os filmes do Minuto-Lumière realizados pelos estudantes sejam compartilhados num momento coletivo que permita a todos assistirem as produções uns dos outros.

- Histórias de vida
- Identidades
- Cultura
- Pertencimento étnico-racial
- Crenças, valores e hábitos
- Sonhos e projetos de vida
- Práticas de autocuidado

# MÚSICAS QUE CONTAM HISTÓRIAS

## QUE TRELA É ESSA?

A música é uma das expressões mais marcantes da cultura do povo brasileiro. Ela ultrapassa gerações através de cantos, canções, versos e estrofes, ao ser proferida oralmente entre famílias, rodas e coros. Considerando a riqueza musical brasileira, a ideia desta trela é ser ouvido por diferentes gerações, ao apresentar aspectos da cultura e da identidade através de canções, citadas ou cantadas por pessoas onde moramos ou no nosso ciclo de convivências, de modo a criar, assim, conexões entre música e memórias.



**Para essa trilha, vamos precisar de:**

- Gravador de som ou celular
- Cartolina ou papel
- Canetas coloridas



**COMO FAZER MÚSICAS  
QUE CONTAM HISTÓRIAS?**

1. Os estudantes precisam abordar três pessoas de diferentes gerações: uma criança, um adulto e um idoso.
2. Devem pedir a cada uma das pessoas abordadas que cante o trecho de uma música da qual sempre se recorda.
3. É preciso gravar com um celular o áudio ou a imagem em vídeo.

## PROFESSORAS(ES) NA HORA DA TRELA

Podemos relacionar a prática com as ideias do **corpo**, da **memória** e das **artes**

Em grupo, os participantes devem escutar as gravações e refletir sobre a origem das músicas e a respeito da sua relação com a história da pessoa, da família e/ou da comunidade.

Devem também pesquisar as letras das músicas citadas e construir mapas e murais a partir das palavras, personagens e lugares recorrentes nessas letras.

Através desta trela, é possível valorizar expressões artísticas e culturais, tais como:

- Guardiões da cultura popular: mestres, anciãos, pajés e rezadores
- Mitos, lendas e contos
- Religião e espiritualidade: festas e ritos de passagem

## OBJETOS AFETIVOS QUE CONTAM ALGO DE MIM

### QUE TRELA É ESSA?

Como é o nosso olhar para os objetos que estão ao nosso redor? Quais são as afetividades que estabelecemos sobre eles? Ou como são as experiências que através deles vivemos? Esses objetos possuem memórias?



**Para essa trela, iremos precisar de:**

- Objetos pessoais
- Celular ou câmera portátil

**COMO FAZER OBJETOS AFETIVOS?**

1. Cada pessoa vai escolher um objeto e trazer para o dia do encontro.
2. O ideal é que se formem grupos pequenos. Cada estudante fará a sua apresentação para a câmera por um tempo limitado (1, 3 ou 5 minutos).
3. Ao final, todos devem assistir em roda às apresentações e conversar sobre a experiência.



## PROFESSORAS(ES) NA HORA DA TRELA

Podemos relacionar a prática com as ideias de **memória** e **afetividade**:

- Família, ancestralidade, laços afetivos e relações familiares
- Valores, hábitos e modos de vida
- Intimidade e relação individual com o espaço doméstico
- Gostos pessoais
- Relação com animais de estimação
- Sonhos e projetos de vida
- Lutas, dificuldades, angústias e superações
- Práticas de autocuidado

# NARRATIVAS EM *STOP-MOTION* (MOVIMENTO PARADO)

## QUE TRELA É ESSA?

*Stop-motion* é a técnica de animação mais antiga do mundo. Foi criada há mais de um século. E, claro, assim como tudo, as animações também foram mudando e ganhando novas técnicas.

Termo que poderia ser traduzido como “movimento parado”, o *stop-motion* utiliza a disposição sequencial de fotografias diferentes de um mesmo objeto inanimado para simular o seu movimento. Essas fotografias são chamadas de quadros e normalmente são tiradas de um mesmo ponto, com o objeto sofrendo uma leve mudança de lugar, afinal é isso que dá a ideia de movimento.

A palavra animação vem do latim “*anima*” e significa “alma” ou “sopro de vida”. Portanto, podemos entender essa arte como o ato de “dar vida” a objetos estáticos e inanimados através de diferentes métodos.

Através dessa técnica, podem ser feitas diferentes modalidades de animação: animação de objeto; animação de massa de modelar, animação de recorte, animação de lego e animação de luz e sombra.

**Para essa trela, vamos precisar de:**

- Ficha de roteiro (contida na Caixa de Trelas e Telas): desenho ou escrita da história
- Aplicativo Stop Motion Studio
- *Tablet* ou celular
- Tripé ou apoio para a câmera

**COMO FAZER NARRATIVAS EM STOP-MOTION?**

1. Dependendo da técnica utilizada na atividade, podem ser usados desenhos e recortes. A intenção é criar personagens que ganhem vida.
2. Antes, é importante uma sensibilização prévia por parte do professor sobre a técnica para a produção. Deve-se mobilizar a imaginação dos alunos para a criação de *storyboards* que registrem em forma de desenhos as histórias que irão virar animações.
3. Depois de criadas as narrativas, é necessário fazer cópias das histórias para que os alunos possam realizar recortes dos personagens e cenários que permitam criar os movimentos dos registros fotográficos através do aplicativo. Cada foto é chamada de frame. Um filme de 30 segundos tem em média 150 movimentos.



## PROFESSORAS(ES) NA HORA DA TRELA

Podemos relacionar a atividade com as ideias de **pertencimento, autonomia e criatividade**:

- Narrativas do cotidiano humano e de outros seres vivos.
- Identidade cultural
- Pertencimento étnico-racial
- Crenças, valores e hábitos
- Sonhos e projetos de vida

## Referências

BARQUETE, Felipe Leal; RAMOS, Ana Bárbara; PIPANO, Isaac. *Percursos criativo-pedagógicos com o audiovisual*. [S. l.]: Escola Semente de Educação Audiovisual, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). *Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação é a base*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category\\_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 20 set. 2022.

FRESQUET, A. *Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes da educação básica, dentro e “fora” da escola*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Coleção Alteridade e Criação, 2).

RECIFE. Secretaria de Educação. *Política de Ensino da Rede Municipal do Recife: subsídios para atualização da organização curricular*. 2. ed. Recife: Secretaria de Educação, 2014. v.1. Disponível em: [http://www.portaldaeducacao.recife.pe.gov.br/sites/default/files/arquivos\\_informativos\\_home/Fundamentos\\_teoricos\\_metodologicos\\_digital.pdf](http://www.portaldaeducacao.recife.pe.gov.br/sites/default/files/arquivos_informativos_home/Fundamentos_teoricos_metodologicos_digital.pdf). Acesso em: 20 out. 2023.

VEGA, A. *Doze brinquedos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Cinema e Educações, 2023 (Cadernos de Alícia, v. 3).



